

Foto: Divulgação

Esporte

Aumenta a procura por energia solar entre os paraibanos

Com um tipo de clima considerado ideal e com a redução dos preços para a instalação das placas, a adesão nunca foi tão grande no Estado. **Páginas 5 e 6**

Paraibano brilha no futevôlei e fala do momento do esporte

Presidente da federação paraibana da modalidade, Henrique Alexandre vem de bom resultado em competição na Holanda. Amador, comemora crescimento no Estado. **Página 21**



Foto: Raquel Cunha / Folhapress

Geral



Para presidente da AMB, juiz de garantias é inconstitucional

Renata Gil diz que as regras da nova lei que está para ser colocada em prática no Brasil fere a Constituição Federal de 1988 e explica ação no Supremo. **Página 3**

Foto: Evandro Pereira

Paraíba



Protetores de animais são cada vez mais numerosos

Sentimento de amor e de justiça mobilizam cada vez mais paraibanos de diferentes classes sociais, profissões e idades. **Página 7**



Foto: Ortilo Antônio

Porto vai receber R\$ 20 mi em investimentos

Toda essa verba vai ser investida apenas em 2020. Objetivo é ampliar a movimentação de cargas no terminal e também aumentar a capacidade turística do local. **Página 17**

Pensar

Caderno especial lança debate sobre ideologia

Em um período de acirramento político e de debate sobre lados ideológicos, o Pensar se afasta do senso comum e escuta especialistas sobre o assunto. **Páginas 29 a 32**



Foto: Divulgação



Que rufem os tambores As Calungas se reúnem hoje no lançamento do estandarte do Carnaval de 2020. Grupo de percussão é formado apenas por mulheres e promete agitar o centro da capital. **Página 12**

COLUNA do Meio

Foto: Arquivo Pessoal



Marcos Lacerda fala sobre o seu sucesso no Youtube

Psicólogo conceituado, ele acabou bombando na internet com o canal "Nós da Questão", em que dá dicas sobre relacionamentos afetivos. **Página 20**

Editorial

Ensinar e aprender

A educação é a mãe de todas as políticas públicas. Essa frase, pronunciada com certa frequência pelo governador da Paraíba, João Azevêdo, ressalta a importância dos processos de ensinar e de aprender para o desenvolvimento econômico, político e cultural. Sem educação de qualidade, vence o atraso, em todos os sentidos. Não há evolução material nem espiritual, apenas reprodução de comportamentos fossilizados, sem inovações técnicas ou conceituais.

A educação prepara o ser humano para o enfrentamento dos desafios colocados não só pela natureza, como também pelo próprio corpo social. Sem princípios éticos e técnicas apropriadas - instrumentos que a boa educação também proporciona - difícil levar a bom termo a missão de tornar o mundo mais igual, ou seja, com a repartição justa das oportunidades e das riquezas; dos confortos que o engenho humano cria e vai aperfeiçoando progressivamente.

Homens e mulheres não podem pautar-se apenas pela ânsia ou ganância de ter. A ambição material não é necessariamente negativa, talvez seja o motor que move os agrupamentos humanos, mas a avidez não pode contristar o ser, ou seja, viver não pode ser confundido com um vale-tudo; uma luta sem trégua e sem regras para se obter o máximo de bens materiais, mesmo que para isso seja necessário passar por cima de valores como a solidariedade.

A educação transforma os seres humanos em alquimistas - praticamente tudo o que se construiu até agora, no plano material, com o prodigioso auxílio da tecnologia, é produto da conversão de matérias-primas naturais em produtos industrializados. Mas essa seria a finalidade precípua da existência humana, produzir bens materiais e consumir-se nesse prazer, esquecida das dramáticas contradições que tornam a comunidade global um corpo desconforme?

As pessoas precisam conhecer o meio em que vivem, mas também a si próprias e aos diversos modelos de convivência em grupos. Saber das consequências positivas e negativas da ação humana sobre o planeta, do mesmo modo que precisam ter consciência das variadas formas pelas quais as sociedades são regidas ou administradas. Há sistemas que produzem exclusão social, assim como os seus contrários, que buscam a socialização do que se produz.

Se a educação é a ferramenta capaz de mudar o mundo, os operadores de instrumento de tal importância são o professor e a professora. São eles que vão repassar os saberes às não menos complexas sociedades de alunos, sem, no entanto, descuidar do incentivo às iniciativas individuais; da mão dupla que é o processo de ensino-aprendizagem. Educar, enfim, é capacitar e motivar pessoas, no sentido de ajudá-las a se construírem na forma de um mundo melhor.

Artigo **Martinho Moreira Franco**
martinhomoreira.franco@bol.com.br

Casos de polícia

“É tu nada, estrela!”, “Só tem tu, tá, ô maré!”, “Pior é na guerra: a gente morre e não se enterra”, “Na hora, feito churrasco”, “Não dá pra Biu...”

“Não me perguntem quem era o ‘cara-pálida’, até porque nem lembro do nome do indigitado”

eram muitos os bordões propagados antigamente pelo gosto popular. Entre os citados, o último se materializava literalmente quando Biu Ramos ocupou a chefia de Redação do velho “Correio da Paraíba”, da Rua Barão do Triunfo. É que Severino (tratamento na época) não perdoava “licenças poéticas” de repórteres ou redatores do jornal.

A intervenção mais célebre dele ocorreu quando um setorista que cobria as atividades do Governo do Estado entregou relato sobre encontro promovido pelo então governador Pedro Gondim, no Palácio da Redenção, com representantes das chamadas “classes conservadoras”. O credenciado finalizou suas anotações informando o seguinte: “Terminada a reunião, foi servido um coquetel aos presentes”. Severino não perdoou:

- Vem cá, amigo, você já viu coquetel oferecido aos ausentes?!

Colunista de cinema e tradutor de telegramas de agências de notícias, eu também era copidesque da terceira página e testemunhei a súbita palidez do colega. Aliás, ele nem teve tempo para reagir, pois o secretário, incontinentemente, cortou o excesso com lápis vermelho e mandou vir o próximo

copião. Não me perguntem quem era o “cara-pálida”, até porque nem lembro o nome do indigitado. Devo ressaltar, porém, que acreditei aprender para sempre aquela lição: “Coquetel aos presentes” não dava pra Biu. Só que na prática a teoria seria outra.

Bem, esse “indigitado” aí fazia parte do vocabulário adotado pelo noticiário policial dos anos 1960/70. Atuando nos quadros de “O Norte” (em cuja redação, na Rua Duque de Caxias, sobressaíam Crispim, Evandro, Ivonaldo, Gonzaga, João Manuel, Teócrito, Wills, Zé Souto), inventei de topar o desafio de “dar um trato” no linguajar da página então sob a responsabilidade de Cecílio Batista (o inesquecível Zé da Silva). Pra quê, meu Deus?!

Explico: ao copidescar, com algum pedantismo, relatos do próprio Cecílio, de Joel de Brito e de Zé de Souza, entre outros da Editoria de Polícia, ofusquei o “brilho” da joia da coroa do jornal. Por pouco não fui jogado ao calabouço.

E, no palavreado do noticiário em questão, voltaram a predominar “nosocômio”, “briosa corporação”, “soldado do fogo”, “especializada”, “facultativo” e o incrível “coloração violácea”. Ou seja, o que aprendi com Biu quase me custou bilhete azul. Consola, no entanto, recordar que aqueles eram bons tempos.

CONTATOS: uniaoogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509



Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor

UN Informe

Redação
uniaoogovpb@gmail.com

JUSTIÇA FEDERAL DE CARA NOVA NA PARAÍBA

É que amanhã, segunda-feira, dois magistrados assumirão novas vagas na Justiça Federal na Paraíba (JFPB), quando serão retomados, normalmente, os prazos processuais do Poder Judiciário. Adriana Carneiro da Cunha Monteiro Nóbrega e Diêgo Fernandes Guimarães serão os juizes substitutos das 3ª e 13ª Varas Federais, respectivamente, ambas em João Pessoa. Os titulares (fotos) continuam sendo os magistrados Cristina Maria Costa Garcez e Emiliano Zapata de Miranda Leitão. De acordo com o Ato nº 07/2020 do Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF5), as mudanças ocorrem a pedido e pelo critério de antiguidade. Até então, Adriana Carneiro da Cunha ocupava a vaga de juíza federal substituta na 13ª Vara da Seção Judiciária paraibana e irá para a 3ª Vara, em decorrência da remoção da magistrada Cristiane Mendonça Lage, que está na 16ª Vara Federal desde 2016. Já Diêgo Fernandes Guimarães, que ocupou a vaga de juiz federal substituto na 8ª Vara, em Sousa, de 2016 a 2019, atualmente estava na 15ª Vara da Seção Judiciária de Pernambuco, em Recife. Ele voltará a integrar a JFPB na vaga a ser deixada pela magistrada Adriana Carneiro da Cunha, que será removida da 13ª.

Foto: Divulgação



GARANTIAS

Com o tema “Jurisprudência Penal do Superior Tribunal de Justiça: Reflexões e desafios”, o ministro do STJ, Reynaldo Soares da Fonseca, durante palestra proferida ontem no TJPB, abordou, dentre outros tópicos, a mudança de paradigma no processo penal brasileiro, com foco na Lei nº 13.964/19 (pacote anticrime) e na implantação do instituto do Juiz das Garantias. A palestra ocorreu na Sala de Sessões do Tribunal e contou com a presença do presidente do TJPB, Márcio Murilo da Cunha Ramos, além de desembargadores, juristas, operadores do Direito e demais interessados na temática.

SOLUÇÃO

Uma conciliação realizada pelo Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania da Comarca de Água Branca pôs fim a um litígio envolvendo o Banco do Nordeste do Brasil e a Cooperativa Agrícola Mista de Juru. Com o acordo firmado, o valor da dívida cobrada pela instituição financeira, que até o dia 17 de outubro de 2019 se encontrava no patamar de mais de R\$ 2,7 milhões, recebeu um abatimento e ficou em R\$ 137.278,93. O trabalho foi conduzido pelo juiz Pedro Davi de Vasconcelos e pela coordenadora do Centro, Érica Lais Firmino de Melo.

BOA NOTA

O curso tecnológico de Produção Publicitária do Centro Universitário Uniesp recebeu o conceito máximo na avaliação de recredenciamento realizada pelo Ministério da Educação (MEC). Entre os aspectos analisados estavam a estrutura da instituição, a qualificação do corpo docente e as políticas educacionais, que incluem as pesquisas de extensão, monitoria, as ações de responsabilidade social, entre outros.

MAIS UMA

O Ministério Público Federal (MPF) na 5ª Região ofereceu denúncia, ao Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF5), contra a prefeita de Santo André, na Paraíba (PB), Silvana Fernandes Marinho, por dispensa ilegal de licitação, desvio de verbas federais e associação criminosa.

...E MAIS

Também são alvos do processo o chefe de gabinete do município, Samuel Zariff Marinho de Araújo, filho da prefeita, e o engenheiro civil Sérgio Pessoa Araújo. Eles são acusados de cometer atos ilícitos com recursos provenientes da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). A denúncia é desdobramento da chamada operação Recidiva, deflagrada em 2018 pelo MPF.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E ARTES DO CANGAÇO

O vereador João Dantas (PSD) foi escolhido pelos membros da Academia Brasileira de Letras e Artes do Cangaço – ABLAC, para ocupar a cadeira número 38 que tem como patrono o escritor e historiador Leonardo Mota. A ABLAC tem sua sede na cidade de Aracaju e reúne os maiores escritores e pesquisadores do Brasil sobre a temática Cangaço. A Academia surgiu por intermédio do historiador Paulo Medeiros Gastão, então presidente da SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço).

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigea Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Phelipe Caldas
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulaocouniao@bol.com.br (Assinaturas)

OUVIDORIA: 99143-6762
ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATOS: uniaoogovpb@gmail.com

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

AMB contesta a criação da figura do juiz das garantias

Segundo a presidente da Associação dos Magistrados do Brasil, Renata Gil, ato fere a Constituição brasileira

Foto: Raquel Cunha/Folhapress

Wálter Nunes
Folhapress

Em 11 de dezembro passado, a juíza Renata Gil tornou-se a primeira mulher a presidir a AMB (Associação dos Magistrados do Brasil), uma das principais entidades de defesa da categoria.

Não houve, porém, tempo para celebração. Ao assumir o posto, ela já teve que assumir a frente de uma disputa importante para a categoria.

A AMB entrou com ação no STF (Supremo Tribunal Federal) contestando a criação da figura do juiz das garantias. O dispositivo, aprovado na lei anticrime, prevê que os processos criminais passarão a ter um juiz para a fase de investigação e outro responsável pelo julgamento.

“O escopo do juiz de garantias é garantir imparcialidade”, diz Renata Gil. “Dizer que há parcialidade durante todos esses anos é a mesma coisa que dizer que todos esses anos nós erramos, fomos contaminados pelas provas.”



Renata Gil tornou-se a primeira mulher a presidir a Associação dos Magistrados do Brasil, uma das principais entidades de defesa da categoria

Por que a AMB e a Ajufe (associação de juizes federais) entraram com ação no STF contra a criação do juiz das garantias?

Renata Gil - Porque fere a Constituição. A Constituição toda se baseou, quando trata do juiz, no princípio da unicidade do juiz natural. Quando a lei cria o juiz das garantias, ela trabalha com o princípio de binariedade, então seriam dois juizes naturais.

Esse tratamento nunca foi concebido em nenhuma outra área de atuação jurisdicional. Não existe duplicidade de juiz na área tributária, não tem na área cível, não tem na área empresarial. A lei criou essa binariedade somente na competência penal.

Há juizes que dizem que a nova figura fere as prerrogativas dos magistrados.

RG - A gente tem lá na Constituição que o juiz tem três grandes prerrogativas: a inamovibilidade, a vitaliciedade e irredutibilidade de vencimentos. O ponto principal é a inamovibilidade, porque você acaba tirando um juiz que estaria numa comarca para cobrir esse outro juiz das garantias pela

ausência de número suficiente de magistrados no país.

A OAB diz que o modelo dos juizes das garantias é adotado em outros países.

RG - São modelos diferentes do adotado no Brasil. A lei, de forma incongruente, determina uma revisão por juízos que têm a mesma hierarquia, o que viola todo o sistema constitucional brasileiro. São juizes de mesma hierarquia, um revisando a decisão do outro.

E o mais incrível: o revisor não tem acesso às provas que o juiz que deferiu as decisões cautelares teve, porque ele é impedido pela própria lei, sob pena de eventual contaminação.

Um exemplo usado para defender a viabilidade dos juizes das garantias é o Dipo (Departamento de Inquéritos Policiais), em SP, que adota sistema semelhante. Isso não mostra que é viável a instituição de juizes das garantias no resto do país?

RG - Nem Dipo e nem Gabriela Hardt [que atua em parceria com Luiz Bonat em

processos da Lava Jato, em Curitiba] são casos de juiz das garantias. Porque no Dipo o juiz toma as medidas cautelares e envia todo esse material para o juízo originário, o juiz da instrução, o juiz natural da causa.

E no caso da Gabriela existe apenas uma designação para que ela funcione. Isso é comum em varas que têm processos de grande volume de réus. Há um suporte ao juiz natural da vara.

O principal argumento para a criação do juiz das garantias é o de garantir a imparcialidade do julgamento. O que a senhora pensa disso?

RG - O problema é a forma como esse juízo se apresentou. Dizer que há parcialidade durante todos esses anos é a mesma coisa que dizer que todos esses anos nós

erramos, fomos contaminados pelas provas.

A instituição do juiz das garantias pode atrasar os processos?

RG - Pode atrasar, e dou um exemplo meu. Eu sou juíza criminal no Rio de Janeiro. Os processos criminais no Rio são físicos.

Quando eu receber esse processo, eu vou receber por um malote, se eu for a juíza da instrução. Isso vai demorar algum tempo. Antigamente eu mesma recebia a denúncia, eu mesma processava aquele feito.

Faltam juizes no Brasil para implantar esse novo sistema?

RG - No Brasil faltam aproximadamente 4.400 juizes, de acordo com o Conselho Nacional de Justiça. Como é que eu vou duplicar a fun-

ção com o juiz criminal das garantias?

Haverá aumento de custos?

RG - Há aumento de custos porque é necessário que você faça deslocamentos de magistrados, deslocamentos de processos, criação de novas serventias.

20% das comarcas têm apenas um juiz. Defensores da nova lei dizem que pode haver colaboração entre juizes das comarcas vizinhas. Isso é viável?

RG - Nós tememos que essas designações de substitutos firam o princípio da inamovibilidade. As substituições na Justiça brasileira são sempre em caráter temporário para atender a alguma exigência de um fato concreto. Neste caso, pela falta de juizes,

você criaria uma substituição permanente. Então a gente entende que o compartilhamento genérico é indevido. É inconstitucional.

A tecnologia, com processo eletrônico, com videoconferência, não pode ajudar?

RG - Por mais que eu tenha um processo eletrônico que seja encaminhado imediatamente para este outro juiz, nós temos que este outro juiz não poderia estar acumulando genericamente essas funções, como a lei pretendeu. A lei cria dois juizes, mas quer deixar um mesmo juiz cuidando das coisas. Ele vai cuidar da vara dele mais a vara do outro.

Ou você tem uma binariedade de verdade, criando realmente outros juizes, ou você tem apenas uma ficção para atender a esse comando legislativo.

+

Ex-magistrado apoia criação e diz que nova lei evita Justiça parcial

Wálter Nunes
Folhapress

Juiz aposentado do TRF-4 (Tribunal Regional Federal da 4ª Região), Jorge Antônio Maurique é um dos signatários de manifesto divulgado por um grupo de 50 magistrados em apoio à figura do juiz das garantias, que integra o pacote anticrime aprovado no fim de 2019.

Pela nova lei, os processos criminais passarão a ter um juiz para a fase de investigação (o das garantias) e outro que será responsável pelo julgamento dos casos.

Maurique foi conselheiro do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) de 2007 a 2009 e presidiu a Ajufe (Associação dos Juizes Federais) de 2004 a 2006.

A entidade que um dia ele comandou agora contesta no Supremo Tribunal Federal a criação do juiz das garantias.

No ano passado, Maurique foi na mão contrária de boa parte dos colegas ao criticar o ex-juiz Sergio Moro, que até outubro de 2018 cuidava da Operação Lava Jato.

Hoje ministro da Justiça, Moro apareceu em troca de mensagens, obtidas pelo site The Intercept Brasil, que sugerem que ele orientou ações de procuradores da Lava Jato.

Por que o sr. é favor do juiz das garantias?

Jorge Antônio Maurique - Tem um livro que era muito lido, “As Misérias do Processo Penal”, do Francesco Carnelutti.

Lá ele dizia que o juiz reconstrói uma história e ele não é inimigo de ninguém. Ele é um terceiro fora das partes, um observador distante.

Essa é uma realidade que eu vivenciei. Quando você acompanha as provas indiciárias, participa da fase do inquérito, de uma certa forma fica condicionado ou mais suscetível a um juízo de condenação. Porque você participou de fase inquisitorial, que não tem direito de defesa.

E sempre existiram essas dificuldades de juiz se distanciar do acusador. O acusador está mais perto. O membro do Ministério Público às vezes trabalha no mesmo prédio, às vezes são vizinhos de casa. Isso acontece muito na Justiça estadual.

Por isso, quando tem essa possibilidade de fazer essa separação entre o juiz que acompanha a instrução, que é o juiz das garantias, e o juiz que vai efetivamente julgar o processo a partir do contraditório, a partir da produção de provas, eu entendo que é excelente.

Vai garantir aquilo que a Constituição Federal estabeleceu em 1988, que é o princípio acusatório no processo penal, que as partes tenham paridade de armas.

Existem exemplos de outros lugares em que a Justiça funciona com juiz das garantias?

JAM - Isso não é uma jabuticaba. Existe em vários países: Paraguai, Colômbia, Equador, de uma certa forma nos Estados Unidos, na França. E outra coisa: não é novidade para a gente. O Dipo [Departamento de Inquéritos Policiais] de

São Paulo funciona mais ou menos desse jeito. São 13 juizes para participar apenas do inquérito. Isso há 36 anos.

Mas uma reportagem do jornal Folha de S.Paulo mostrou que, por dificuldades orçamentárias, não foi possível expandir isso ao interior do Estado.

JAM - É problema de verba. A partir do momento em que mudar a estrutura, obrigatoriamente vai ter que se expandir.

O problema é que a gente está num país já há algum tempo num clima pior que de fla-flu. “Ah, isso [juiz das garantias] é porque agora aconteceu com a Lava Jato.” Na realidade, houve uma comissão de juristas, em 2009, que fez uma proposta nesse sentido que virou um projeto de lei do Senado. Nessa época nem se cogitava a investigação na Petrobras.

Então tem que acabar com esse clima de fla-flu e falar: dá para fazer, dá para aproveitar uma boa experiência que existe em São Paulo e em outros países. É melhor para o processo penal? A mim parece que é. Se não der certo, volta atrás.

O sr. fez duras críticas ao conteúdo das mensagens reveladas pelo The Intercept Brasil, quando ainda estava no TRF-4 [ele se aposentou em novembro]. Considera que o juiz das garantias poderia evitar episódios como aquele?

JAM - Exatamente. Não estou fazendo juízo de valor se devia ser assim ou assado no passado, porque eu vou estar criticando o que não deveria criticar, que

é um tribunal do qual eu fiz parte até outro dia [TRF-4] e um juiz que foi um valoroso colega [Sergio Moro], com quem tive uma excelente relação. Não quero fazer essa crítica.

Eu digo que vai evitar no futuro que se tenha esse tipo de visão de um Judiciário parcial.

A instituição dos juizes das garantias pode atrasar processos?

JAM - Sim e não. Eu vi, como juiz, inquéritos demorarem anos ou décadas no sistema antigo. Como vi processos tramitarem com rapidez. Depende da maneira que vai encaminhar.

Faltam juizes no Brasil para implantar esse novo sistema?

JAM - Eu vejo a experiência do Dipo, que deve ter um universo enorme de inquéritos policiais em São Paulo. São 13 juizes. Penso que há possibilidade de criação através da regionalização, através de medidas administrativas. Por exemplo, priorizando o processo eletrônico. Sempre pode ter soluções criativas.

Vai haver aumento de gastos por causa da implantação de juizes das garantias?

JAM - Acho que não. Não necessariamente me parece que tem que haver aumento de custo nenhum. Basta organizar, ter criatividade. Hoje a gente pode ter uma testemunha lá em Manaus para ser ouvida em Porto Alegre, através da videoconferência.



Ministro Marcos Pontes comanda a pasta de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

Implementação do 5G só vai começar em 2022, diz ministro

Tecnologia que será implantada no país vai permitir conexão sem fio com velocidade dez vezes superior à do 4G

**Paulo Saldaña e
Luciana Amaral**
Uol/Folhapres

A implementação do 5G não deve ocorrer antes do fim de 2021, segundo estimativa do ministro Marcos Pontes, que comanda a pasta de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

O 5G vai permitir conexão sem fio com velocidade dez vezes superior à do 4G.

Ao programa de entrevistas do jornal Folha de S.Paulo e do UOL, em estúdio compartilhado em Brasília, Pontes disse que o leilão para selecionar as empresas que vão atuar no 5G deve sair só no próximo ano. Segundo ele, há um entrave técnico, com a possibilidade

de interferência com antenas parabólicas para televisão em uma das frequências a serem leiloadas.

“Tenho que ter pelo menos uma estratégia de mitigação. Imagino que no fim de 2021 e começo de 2022 comece a ter implementação de um piloto”.

O ano de 2020 também será de aperto orçamentário para a ciência, segundo o ministro. Mas Pontes diz garantir a manutenção das 84 mil bolsas pagas pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Astronauta, ele ironizou terraplanistas (“não é plana, eu vi de fora”) e minimizou questionamentos do governo sobre dados de desma-

tamento, embora tenha se colocado fora da discussão.

Terra plana e fake news

“Não é plana, eu vi de fora. Essa é uma coisa antiga e nos incentiva dentro do ministério a melhorar a divulgação científica. Melhorar a formação dos jovens, dos professores. Falar em terraplanismo, embora seja engraçado, é inútil. Mas quando se pensa em vacinas, fica complicado. Então isso tem que ser combatido.”

Desmatamento

“Sempre vai haver um certo questionamento em relação à ciência. Os planos em 2020 são de ampliar a atuação do Inpe [Instituto Nacional de Pesquisas Es-

paciais]. Daquele momento, lá no meio do ano, com a questão do [ex-presidente do Inpe Ricardo] Galvão, até aqui, você vê como mudou essa aproximação. Trabalhamos com o número, com fatos, relatórios. O que aconteceu foi um problema de comunicação, basicamente. O Deter trabalha com alertas de desmatamento, não é desmatamento. O Prodes trabalha com o desmatamento. Então, aquilo no início partiu de dados do Deter. [Em novembro, dados anuais de destruição da Amazônia confirmaram o maior desmatamento da década]. Isso está no passado e o futuro é muito mais brilhante. O que nós temos que fazer é prover os dados

e eles vão ser utilizados pelo Ministério do Meio Ambiente e assim por diante. Temos que fazer nossa função.”

5G

“O projeto tem avançado, mas o ministério trabalha muito regrado. Agora vai sair um decreto que faz a regulamentação do que vai ser feito, quem vai fazer o que, quando, onde e de que forma. É preciso ter uma infraestrutura preparada. Há a conversa com as prefeituras para instalação de antenas, porque o 5G exige uma quantidade grande, e a regulamentação é das prefeituras. Queríamos fazer o leilão em março, mas tivemos que segurar. Existem quatro frequências básicas

em torno das quais vai ser feito o leilão para as empresas poderem utilizar. A 3,5 GHz é a frequência básica de 5G em quase todo planeta, e aí a gente tem um probleminha. Existe a possibilidade de haver interferência com antenas parabólicas para televisão. Um estudo inicial não foi conclusivo, então pedi um novo. Tenho que ter pelo menos uma estratégia de mitigação caso ocorra interferência. A ideia é que até o final deste ano a gente faça o leilão. Essa é a minha estimativa, mas talvez fique só para 2021. Então, imagino que no final de 2021 e começo de 2022 comece a ter implementação de algum piloto”, ressaltou Marcos Pontes.

“Este ano a gente tem um orçamento completo das bolsas”

“Todos passamos um aperto em 2019, e 2020 não vai ser diferente. Eu tenho que cuidar para que os meus braços operacionais, nas unidades de pesquisa, continuem funcionando. No ano passado, as unidades de pesquisas não sofreram contingenciamento. Tiveram o orçamento do ano todo, que não é alto e precisa melhorar. Este ano a gente tem um orçamento completo das bolsas. Por outro lado, o recurso de fomento está bem mais baixo. Então estou tentando achar maneiras de recompor.”

Fusão CNPq e Capes

“O MEC veio com essa ideia, que, aliás, surge de

tempos em tempos. Mas são órgãos diferentes, têm funções diferentes. A Capes [ligado ao MEC] trabalha com a formação de profissionais, na pós-graduação. E o CNPq, com pesquisas, financiamento, tem um sistema de acompanhamento que a Capes não tem. A junção não faz sentido. Eu acho o assunto já ultrapassado, mas é igual fogueira, de vez em quando acende uma brasa. Conversei bastante com o pessoal da economia, e eles entenderam bem.”

Base de Alcântara

“A primeira parte era a assinatura do acordo com os Estados Unidos e a aprovação

no Congresso. A operação do centro de Alcântara [no Maranhão] é do Comando da Aeronáutica e a gente vai oferecer comercialmente serviços de lançamento. E por que foi feito inicialmente com os Estados Unidos? Porque 80% dos satélites e foguetes no planeta têm peças americanas. A influência dos Estados Unidos na base é zero. Ali o gerenciamento é do Comando da Aeronáutica. Vindo essa empresa pública, a Alada [cuja criação está em discussão], ela vai gerenciar esse sistema. Os Estados Unidos, Japão, outros países, são clientes comerciais. As áreas restritas são previstas em todos esses cen-

tros. Você não quer que a sua tecnologia seja roubada. Por isso há áreas restritas. A próxima fase é parte de planos de negócios a ser feito ao longo de 2020. A ideia é conversar com o governo local, a prefeitura de Alcântara, o governo do estado, quilombolas, as pessoas da região e todas as comunidades. Um centro modifica muito a região e [vamos discutir] o que vai ter que fazer para operacionalizar lançamentos de foguetes comerciais de outros países e futuramente nossos foguetes e satélites. No final do ano espero chegar a um consenso. Durante 2020 a gente vai aumentar o estado operacional das equipes,

porque isso exige profissionais muito bem preparados. Em 2021 já se espera fazer alguns lançamentos de foguetes suborbitais, de sondagem, para testar. Espero que em 2022 já tenha lançamento de um foguete comercial.”

Perfil

Nascido em Bauru (SP), é tenente-coronel-aviador, piloto da Força Aérea Brasileira e engenheiro aeronáutico formado pelo ITA, com mestrado pela Naval Postgraduate School, nos EUA. Foi incorporado à classe de astronautas da Nasa em 1998 e, em 2006, viajou para a Estação Espacial Internacional.



Foto: Evandro Pereira

Aumenta adesão ao uso da energia solar na Paraíba

Cerca de 17 mil pessoas físicas e jurídicas e 20 proprietários de grandes empresas aderiram às tecnologias

José Alves
zavieira2@gmail.com

Em todo o território paraibano, principalmente no Sertão e Alto Sertão, está acontecendo desde o ano passado uma revolução no ramo da energia elétrica. O motivo é que cerca de 17 mil pessoas físicas e jurídicas e cerca de 20 proprietários de grandes empresas aderiram a equipamentos de energia solar. Com isso, eles deixaram de ser consumidores de energia para obterem a própria energia. Segundo informações do superintendente em exercício do Banco do Nordeste na Paraíba, Emanuel Ferreira, esse 'boom' foi marcante a partir do ano passado, uma vez que até 2018 os equipamentos ainda eram caros e os paraibanos tinham receio em utilizar energia solar. Mas em 2019, os paraibanos passaram a entender que o sol é um grande parceiro e não um castigador e que, com o uso da energia solar, a economia é garantida podendo chegar até 95%.

O Governo do Estado também tem diversos projetos para implantação e uso de energia solar seja por meio da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca (Sedap), beneficiando produtores da



Foto: Evandro Pereira

Condomínio Pedra do Reino, que em breve será entregue no bairro de Mangabeira a 800 famílias; escolha das placas está de acordo com a gestão renovável adotada pelo Governo do Estado

agricultura familiar de vários municípios, ou através das construções de moradias através da Companhia Estadual de Habitação Popular (Cehap), como é o caso do Condomínio Pedra do Reino, que em breve estará sendo entregue no bairro de Mangabeira a 800 famílias. O empreendimento contará com um sistema de geração de Energia Solar (fo-

tovoltaica) e também com um sistema de água da chuva para fins não potáveis.

Através do Governo do Estado, a energia solar já foi implantada em dois condomínios do Cidade Madura, que são moradias construídas especialmente para idosos. Nos municípios de Guarabira e Sousa, a energia solar já foi implantada nos condomínios. Segundo

informações da assessoria da Cehap, o sistema também será instalado nos Cidades Maduras de João Pessoa e no de Patos. A informação é que um novo contrato foi feito pela gestão atual para implantar o equipamento nesses conjuntos.

Ainda segundo o superintendente em exercício do BNB, "quando a pessoa passa a produzir sua própria ener-

gia com a aquisição do equipamento de energia solar, ele dá adeus ao calor e fica com a opção de colocar ar-condicionado até no banheiro", disse Emanuel explicando que a energia solar é ecológica, limpa e não oferece nenhum dano ao meio ambiente. Ele alertou que cada pessoa que for comprar o equipamento deve ler bem o contrato para saber dos

direitos e deveres e principalmente do tempo de garantia. "Antes da compra é feito um estudo sobre quanto a pessoa vai necessitar para economizar energia. E no estudo o consumidor vai saber se a compra do equipamento vai ser viável ou não para sua residência ou empresa", explicou.

Continua na página 6

Preços estão mais acessíveis, afirma presidente em exercício do BNB

Foto: Foto Evandro Pereira



Presidente em exercício do Banco do Nordeste, Emanuel Ferreira, explica que o custo da energia pode ser reduzido em 95%

Emanuel Ferreira lembrou que o aparelho de energia solar já está à disposição do mercado há cerca de 10 anos, mas era muito caro. A partir de 2018, os preços foram caindo e passando a serem vendidos por um patamar considerado justo e acessível.

"No Banco do Nordeste o financiamento é feito de forma simplificada para pessoa física, sendo o valor médio em torno de R\$ 20 mil, mas cada caso é um caso. Tem dono de residência ou produtor rural que

vai precisar de pouca energia para seu trabalho e vai poder adquirir um equipamento no valor de R\$ 2 mil ou R\$ 5 mil por exemplo. Tudo depende da necessidade de cada um", afirmou Emanuel, explicando que para quem paga energia pela tarifa verde não compensa comprar o equipamento de energia solar, porque na tarifa verde a pessoa já paga um valor bem reduzido de energia.

O Banco do Nordeste financia o equipamento para dois grupos: o das grandes

empresas que são ganhadoras de leilões da Agência Nacional de Energia Elétrica - Aneel, que inclusive têm o direito de produzir energia e vender para concessionárias. E para o grupo das pessoas físicas que residem em casa ou apartamento, e jurídicas, aqueles que têm sua padaria, hotel ou outro empreendimento que optou por produzir sua própria energia e não pagar mais por energia.

Os financiamentos pelo Banco do Nordeste para aquisição do equipamento de energia

solar foram tão intensos em 2019, que só para 20 grandes empresas da Paraíba, o financiamento foi de R\$ 1,366 bilhões. Já para pessoas físicas e jurídicas os financiamentos foram de R\$ 251 milhões. Ou seja, cerca de 17 mil pessoas físicas e jurídicas passaram a produzir sua própria energia e deixaram de pagar por energia. Desse total, em torno de 600 famílias recorreram ao financiamento pelo Banco do Nordeste para adquirir o equipamento.

No financiamento do equipamento de energia solar pelo Banco do Nordeste, através do site FNE SOL, o interessado encontra uma planilha ou simulador que a pessoa vai calcular quanto gasta de energia e quanto vai necessitar para que a parcela do financiamento não fique maior do que você já paga de energia. Se uma pessoa paga R\$ 200 de energia, por exemplo, será viável ele pagar por um equipamento que vai ser dele e vai produzir sua própria energia.

O melhor, segundo Emanuel, é a forma de pagamento, num sistema decrescente. O oposto da energia que a gente paga mensalmente que sempre tem reajuste e aumenta. O preço do equipamento vai ser calculado de acordo com a necessidade do cliente e ele poderá pagar o financiamento

em cinco ou oito anos, e ao terminar vai usufruir do equipamento por mais 12 anos, pagando uma taxa mínima.

Saiba mais

Para os interessados em adquirir o equipamento de energia solar e não dispõem do dinheiro necessário para a compra, há financiamentos abertos nas agências do Banco do Nordeste, e também em diversos outros bancos ou empresas financiadoras existentes na Paraíba. Para tornar esse comércio viável tanto para clientes como para empresas os preços tendem a se adequar às demandas dos clientes.

Para uma residência com quatro quartos, por exemplo, o vendedor de uma das empresas que comercializam equipamentos em João Pessoa afirmou que antes da implantação é preciso ser feito um estudo. O vendedor pergunta primeiramente qual é o consumo de energia na casa da pessoa interessada. Neste caso, com quatro quartos, o vendedor disse que serão necessárias cinco placas e que o preço da compra e da instalação do equipamento ficaria em torno de R\$ 11 mil, e que o valor pode ser parcelado. Sobre a garantia, ele disse que é de 12 anos e que a economia com o uso da energia solar ficaria em torno de 95%, após o término do pagamento do equipamento.

Condições climáticas da região favorecem energia alternativa

Com sol durante todo o ano no Nordeste, tecnologia funciona como aliada e reduz custos com eletricidade tradicional

José Alves

zavieira2@gmail.com

A verdade é que em toda a região Nordeste, o sol está deixando de ser um inimigo para ser um grande parceiro. “Afinal na Paraíba o sol brilha praticamente o ano inteiro, e antes, os paraibanos que sofriam com o sol intenso e com a seca, agora estão se beneficiando do astro rei e desejando sua presença, com a aquisição do equipamento de energia solar”, disse Emanuel Ferreira, superintendente em exercício do Banco do Nordeste na Paraíba. E ele reforça: se o Governo Federal autorizasse a cobrança da tarifa sobre o uso da energia solar, isso decretaria a aniquilação do sonho de todas as pessoas que estão fugindo das altas taxas de cobrança de energia, para produzir a própria energia.

“Se o Governo Federal passasse a cobrar uma taxa sobre o uso da energia solar, seria uma anomalia e o Brasil seria o primeiro país a fazer essa cobrança, porque nenhum país pratica esse tipo de cobrança. Um país que é um dos maiores cobradores de impostos do planeta como o Brasil não pode querer se orgulhar de cobrar mais um imposto. Acredito que a política do atual governo visa diminuir e simplificar os impostos e dar mais condição para os produtores rurais produzirem e empreenderem mais”, disse Emanuel enfatizando que tem informações que o Governo Federal não vai autorizar qualquer taxa de imposto sobre a Energia Solar.

Para o superintendente em exercício do Banco do Nordeste, essa é uma mudança de cultura que já é uma realidade, mas ainda há resistência por algumas pessoas que ficam se indagando: “E se esse equipamento quebrar?”. Para isso, as fornecedoras de equipamentos dão uma garantia de 20 anos, com acompanhamento e orientações de utilizá-los.

O sistema solar fotovoltaico é composto por painéis solares, inversor solar, sistema de fixação das placas solares, cabearios, conectores e outros materiais elétricos padrões. A geração de energia solar fotovoltaica não utiliza nenhum tipo de combustível e não envolve emissões de gases de efeito estufa. Por isso, é considerada uma fonte renovável, limpa e sustentável.

Com o sistema on grid (que é conectado diretamente à rede elétrica), é possível reduzir o consumo da energia elétrica e até utilizar o excedente produzido. Assim, para quem adere à energia solar, a economia na conta de energia chega até a 95%, já que ainda é preciso pagar a taxa básica de funcionamento para a fornecedora.

Com o sistema on grid (que é conectado diretamente à rede elétrica), é possível reduzir o consumo da energia elétrica e até utilizar o excedente



Foto: Agência Brasil

Se o Governo Federal autorizasse a cobrança da tarifa sobre o uso da Energia Solar, isso decretaria o fim do sonho dos que estão fugindo das altas taxas de cobrança de energia elétrica



Sistema fortalece a agricultura

Dando prosseguimento às ações que visam proporcionar condições para que a agricultura familiar desenvolva suas atividades, o Governo do Estado está desde o ano passado implantando projetos de energia solar em cinco municípios da região Zona da Mata Norte, com recursos que são de um convênio com o Ministério de Desenvolvimento Agrário.

O programa é coordenado pelo Colegiado Territorial da Zona da Mata Norte (Codeter), por meio de parceria com a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca (Sedap), por meio da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), contando com o apoio do colegiado territorial de municípios e outros parceiros, como sindicatos rurais e associações comunitárias. O valor orçado dos 11 projetos foi de R\$ 110 mil.

Os projetos agora implantados se destinam ao cultivo de hortaliças. A área cultivada de cada projeto é em torno de 700 metros quadrados. O perfil dos agricultores beneficiados é de que sejam os assentados da reforma agrária, trabalhem com hortaliças e participem das feiras livres do agricultor familiar. A Empaer participa do processo de elaboração dos projetos, da instalação e da assistência técnica continuada aos agricultores. O sistema de irrigação consta de uma placa solar, um drive, uma bomba, uma caixa de três mil litros, tubulação, mangueiras, microaspersores e conexões. A vazão

do sistema varia de 600 a 900 litros/hora.

Os municípios contemplados nesta fase foram: Cruz do Espírito Santo, Sapé, Mari, Jacaraú e Rio Tinto. No município de Capim, foram entregues equipamentos agrícolas aos agricultores do Assentamento Paulo Gomes e da Associação de Olho D'água. Também foram contemplados mais três agricultores familiares, sendo um em Rio Tinto e dois em Jacaraú.

O Território Zona da Mata Norte – PB é composto por 19 municípios: Baía da Traição, Cruz do Espírito Santo, Itaporoca, Jacaraú, Lucena, Mamanguape, Marcação, Mari, Mataraca, Riachão do Poço, Rio Tinto, Santa Rita, Sapé, Capim, Cuité de Mamanguape, Curral de Cima, Pedro

Régis, Sobrado e Cabedelo. A utilização de energia solar na irrigação para a produção de hortaliças por agricultores familiares está possibilitando agregar valor aos produtos agroecológicos e, conseqüentemente, aumentar a lucratividade por parte dos produtores.

Em menos de um hectare de terra, com assessoramento técnico continuado por parte da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), vinculada à Secretaria do Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca (Sedap), a agricultora trabalha com couve, cebolinha, alface, coentro, hortelã, pimentão, agrião, rúcula e abobrinha. Toda produção é comercializada em duas feiras que ocorrem em Sapé.

SERVIÇO

■ Na escola

No município de Sousa, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Dione Diniz Oliveira Dias, foi à primeira da Paraíba a inaugurar um sistema solar fotovoltaico interligado à rede elétrica. O projeto foi realizado em parceria com o Comitê de Energias Renováveis do Semiárido (Cersa), o Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Social, Misereio (Alemanha), e Caritas Brasileira.

O equipamento utilizado na escola é composto por 12 placas de 3,2 KwP que geram 350 KW hora por mês para a escola. Na implantação da energia solar na escola, o diretor afirmou que o projeto não era importante só por causa da economia de energia que iria proporcionar à escola, mas também porque iria preparar o alunado e a comunidade para contribuir com a preservação do meio ambiente”.

Foto: Agência Brasil



Governo está desde o ano passado implantando projetos de energia solar em cinco municípios da região Zona da Mata Norte

Amor e justiça motivam os protetores de animais na PB

De diferentes classes sociais, profissões, idades, muitas pessoas dedicam seu tempo para salvar vida de bichinhos

Sara Gomes

saragomesilva@gmail.com

A todo instante presenciávamos animais negligenciados que se alegram em qualquer demonstração de afeto ou se esquivam pelo medo de sofrer maus-tratos. O excesso de animais abandonados nas ruas é uma realidade cada vez mais presente nos espaços públicos fez com que surgissem verdadeiros guardiões, que abraçam a causa e lutam pelos direitos dos bichinhos. O que leva essas pessoas a dedicarem horas e horas de seus dias? Amor, sensibilidade e senso de justiça são algumas das respostas.

A fotógrafa Michelle Cristina é um desses 'anjos da guarda' dos bichinhos. Ela estava saindo da academia, quando presenciou um animal ser atropelado em sua frente. O motorista não prestou socorro ao animal e as pessoas não se mostraram solidárias ao ocorrido.

"Foi aí que percebi que nem todo mundo se importa

com os animais. Conteí com a ajuda do Amor de Bicho, fizemos campanha no facebook para ajudar a pagar as despesas do veterinário. Essa história aconteceu em 2010 e o cachorro está vivo até hoje", relembrou.

Mas Michelle tornou-se de fato protetora de animais quando ajudou a resgatar mais de 49 animais ao saber que uma mulher tinha morrido de Leucemia e nenhum familiar queria continuar com os animais. "Eu me envolvi totalmente nesse resgate. Os familiares queriam colocar todos os animais no [Centro] de Zoonose mas a proprietária da casa foi solidária e prorrogou a entrega da casa por um mês. Muita gente se envolveu nesse caso e, aos poucos tudo deu certo", disse.

Michelle cuida de 80 animais, entre cães e gatos, e os abriga em três locais: sua residência, um terreno no Cristo Redentor e uma casa alugada em Mangabeira. Assim, ela tem gastos elevados, em torno de R\$3 mil reais.



Foto: Evandro Pereira

Michelle Cristina é fotógrafa, mas encontra felicidade em se doar num projeto de vida maior: dar amor e carinho a animais abandonados e maltratados

Lady: uma conquista

A rede de solidariedade de protetores de animais mobiliza grandes ações. O maior exemplo desse poder de na Paraíba foi o caso da elefanta Lady que, vivendo nas instalações do Parque Arruda Câmara, foi transferida em novembro de 2019 para o Santuário Elefantes do Brasil (SEB), no Mato Grosso, depois de muita batalha.

Hoje, é possível ver a evolução da elefanta que enfrentava sérios problemas de saúde no local onde estava em João Pessoa. O grupo Harpias teve bastante envolvimento nesta causa. A ONG

atua em três pilares: a jurídica, educação ambiental e assistência com foco em veganismo. A presidente Ismally Gonzaga, enfatiza que se não houvesse uma instituição com foco na questão jurídica, a elefanta Lady ainda estaria na Bica. "A audiência judicial da Lady engajou muitas pessoas. Os advogados de defesa da Lady são renomados no Direito Animal e vieram de outros estados e isso fez toda a diferença. Hoje, ela está super bem, em um ambiente bem acolhedor e sendo cuidada por uma equipe altamente capacitada", disse.

Foto: Divulgação/SEB



A elefanta Lady, que comoveu a população e é um exemplo de que a luta pelos animais rende grandes vitórias e conquistas.

AVANÇOS NO DIREITO ANIMAL

■ Criação de cursos de pós-graduação e disciplinas de direito animal nas universidades.

■ Em 2020, a disciplina de direito animal será incluída no curso de Direito da UFPB ministrada pelo professor Francisco Garcia.

■ O Instituto Abolicionismo Animal promove anualmente o Congresso de Direito Animal e o Congresso Latino Americano Instituto Abolicionismo Animal promove anualmente o Congresso de Direito Animal e o Congresso Latino-Americano de Bioética e Direitos dos Animais

■ A Lei 11140/18 corresponde ao Código de Direito e Bem-Estar Animal do Estado da Paraíba é considerada a legislação mais avançada no Brasil e no mundo. Assim, é a primeira lei brasileira a catalogar, expressamente, os direitos fundamentais de animais não-humanos.

Legislação

■ A Lei 9605/98 - lei de crimes ambientais, em seu art 32, prevê a pena de maus-tratos a animais de três meses a 1 ano.

Aisha: de cachorra de rua a blogueirinha

A vira-lata Aisha Maria vivia na rua, era desnutrida, tinha anemia severa, carrapato, sarna e outras enfermidades. Foi através de uma foto que a protetora de animais Alick Farias viajou para Pitimbu, Litoral Sul da Paraíba, para resgatar a cadela debilitada, com 45 dias de vida.

Alick resolveu criar um instagram para divulgar as despesas do resgate e para ajudá-la a encontrar um novo lar. No entanto, a ligação entre elas foi tão forte que Alick resolveu adotá-la. "Ela

me olhava com olhinhos de amor e gratidão. Ela foi muito guerreira. Sempre resgato animais, mas a sintonia com ela foi diferente, desde a primeira vez que a vi. Um encontro de almas', revelou emocionada.

Atualmente, Aisha é uma blogueira canina. Isso mesmo! E possui 12.300 seguidores. A cuidadora Alick começou a registrar o cotidiano da serelepe cadela em uma rede social de forma descontraída para diminuir o preconceito com adoção

de vira-latas. Alick Farias é estudante de Medicina Veterinária e também faz parte da ONG Adota João Pessoa que há oito anos resgata animais na Paraíba. Atualmente, tem 80 animais sob sua tutela (jumentos, cães e gatos) e presta assistência a outros animais que vivem em lares temporários. Em 2017, recebeu o prêmio da Organização das Nações Unidas na categoria - instituição que realiza ações sociais na Paraíba.



A cadela Aisha (acima) e autando como blogueira (ao lado) foi encontrada pela estudante de medicina e protetora dos animais, Alick Farias (abaixo), que também coordena a organização Adota João Pessoa. Atualmente, a estudante cuida de 80 animais de diversas espécies



SEECT usa Ciência de Dados para realizar planejamento

Iniciativa é resultado dos projetos da Educação aplicados aos estudantes que ganharam amplitude na área digital



Com o novo modelo da Secretaria Estadual da Educação e da Ciência e Tecnologia na gestão do governador João Azevêdo, os projetos da Educação aplicados aos estudantes ganharam amplitude na área digital. O “Ouse Criar” é um exemplo, proporcionando a dinâmica do empreendedorismo e as hackathons para o ambiente escolar. Mas, talvez, o ganho maior, será a implantação de um conceito definitivo para melhorias efetivas nos processos da Educação da Paraíba como um todo: a execução de políticas com base em evidências – a Ciência de Dados em favor da Educação na Paraíba.



Foto: Divulgação

O ganho maior será a implantação de um conceito definitivo para melhorias efetivas nos processos da Educação da Paraíba como um todo



Experiência exitosa em várias escolas da Rede de Ensino Estadual

O trabalho é complexo, exige dedicação; contudo, é exequível diante dos instrumentos de inteligência artificial já dominados por pesquisadores, estudantes e profissionais na Paraíba e considerando grande base de dados existente. Segundo o secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, Claudio Furtado, os dados são índices precisos e retratam os fatos reais:

“Nossas políticas ainda são baseadas em estudos generalizados, ou vindos do exterior, ou do Brasil. Valorizamos tanto esses quanto os estudos feitos

aqui no Estado, nas universidades locais. Mas são pesquisas pontuais, específicas; a característica da pesquisa científica é a especificidade. O que iremos fazer na Educação é entender amplamente o que os dados nos dizem. Com as informações que já temos será possível verificar o impacto das ações realizadas pela Educação sobre os estudantes, nas escolas. Teremos um quadro em tempo real do desempenho dos estudantes, dos professores; teremos subsídios concretos para a gestão da educação no Estado”, explica Furtado.

O projeto é extenso nas três dimensões, tempo, espaço e quantidade. Irá envolver todos os estudantes, todos os professores, funcionários, gestores, em todo o Estado da Paraíba. E ainda, vai interagir com a população de modo transparente e acessível. Os primeiros passos já foram dados, mas não se pode determinar um período de encerramento. É uma mudança de paradigma, uma disrupção na forma de gerir as políticas públicas para a Educação.

Em termos práticos, arquivar informações relativas

ao desempenho do estudante é obrigação das instituições de ensino. Desde 2013 a SEECT utiliza a plataforma Saber, um sistema que integra todas as informações das escolas estaduais e municipais. Contudo, esses dados não passarão de “arquivo morto” se não forem estatisticamente trabalhados. De que forma?

Com a Inteligência Artificial é possível, de certa maneira, fazer esses dados “dialogarem” entre si e com outros dados externos – número de escolas, de matrículas, estrutura física das escolas, quadro de profissionais, distorção idade-série, projetos educacionais em execução, população residente por faixa etária, plano de expansão de faculdades, universidades e escolas técnicas, só para citar alguns. Essas informações estão disponíveis em portais como o IBGE, o INEP, o MEC, FNDE, bom como em outros bancos de dados que são abertos.

Assim, os projetos “Políticas baseadas em evidências para a educação pública da Paraíba” e “Paraíba Humana e Inteligente” estão a construir as ferramentas que tornarão possível “extrair dos dados um conjunto de informações úteis à gestão da educação pública”. Organizando esses dados coletados de forma racional, direcionada, a educação da Paraíba será retratada em uma visão abrangente e viva, orgânica, em tempo real.



Foto: Divulgação



A Informática Aplicada está dentro de todo o projeto didático direcionado aos estudantes de vários níveis

Aplicação da IA dará subsídios

Os projetos estão em desenvolvimento pela SEECT em parceria com a Universidade Federal da Paraíba, pelo Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital, do Centro de Informática e pelo Laboratório de Economia Aplicada, vinculado ao Departamento de Economia. Conforme os trabalhos avançam, serão analisados o desempenho escolar; o impacto dos programas educacionais como a Escola Cidadã, o Gira Mundo, Escola de Valor e o Linha de Chegada; será possível, posteriormente, realizar uma identificação prévia de estudantes propensos a repetir o ano, ou abandonar a escola.

“Nós teremos a capacidade para agir antes que as coisas aconteçam. O desempenho vai mostrar que determinada escola precisa de programas voltados para motivar o

estudante a gostar da matemática, ter a perspectiva de participar das Olimpíadas Escolares, por exemplo. É mais eficiente agir antes para evitar que o estudante realmente deixe a escola. Teremos condições de oferecer uma educação mais próxima do cidadão, mais integrada à sociedade”, fala o secretário Furtado.

A base de dados estará compartilhada com a população, da qual se espera, também, a contribuição com informações importantes através da gestão participativa e dos canais de ouvidoria. Outras facetas do projeto são os recursos de acessibilidade para pessoas com necessidades especiais além do envolvimento de uma equipe de estudantes de graduação, mestrado e doutorado trabalhando no desenvolvimento dessas ferramentas.

UFPB lança curso voltado para a área

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Centro de Informática, lança o novo curso Ciência de Dados e Inteligência Artificial. É o primeiro do Brasil em universidade pública, voltado para as necessidades do mercado.

O estudante irá conseguir extrair novas informações dentro dessa massa de dados geradas a cada dia pela sociedade conectada. Através de ferramentas estatísticas é possível identificar padrões e, com isso, prever as tendências de comportamento, o que é útil para a tomada de decisão.

“Esse curso tem a vertente da análise estatística basea-

da em dados e da inteligência artificial. É a ideia de fazer com que o homem seja menos máquina e mais ser cognitivo. O candidato a esse curso gosta de tecnologia, é a principal exigência, e aptidão em matemática. O curso dará ferramentas para atuar no computador. A inteligência está no programador”, informou o professor Gilberto Farias, chefe do Departamento de Computação Científica do Centro de Informática da UFPB.

Serão oferecidas 30 vagas pelo SISU 2020 no primeiro semestre deste ano e 30 vagas para o segundo semestre. Possui uma carga horária de 3 mil horas e duração de quatro anos.

“Esse curso tem a vertente da análise estatística baseada em dados e da inteligência artificial. É a ideia de fazer com que o homem seja menos máquina e mais ser cognitivo”

O processo de criação do curso iniciou-se em 2017, quando foi formada uma comissão de docentes do Departamento de Computação Científica. O Centro de Informática fica no campus em Mangabeira.

Foto: Divulgação



Curso é o primeiro do Brasil em universidade pública voltado para as necessidades e demandas do mercado



Foto: Divulgação

Fellini, o diretor que virou gênero

Responsável por obras-primas como 'Oito e Meio', 'A Doce Vida' e 'Amarcord', cineasta faria 100 anos amanhã

André Cananéa
andrecananea2@gmail.com

Federico Fellini (1920-1993) saiu da pequena Rimini, ao norte de Roma, na Itália, para ser diretor de cinema. Mais do que isso, ser uma espécie de gênero cinematográfico: o termo "feliniano" passou a designar obras que trazem em seu núcleo formas extravagantes e caricaturais dos tipos humanos, servidas com uma estética inovadora, às vezes surreal, às vezes embaralhada, cujo propósito era o de romper barreiras, criar linguagens e um novo tipo de arte. Esse chamado "gênio do cinema" faria, amanhã, 100 anos.

"Para mim existem dois Fellinis: o que amo e o que os outros amam. Exagero falar assim, mas falo", aponta o renomado crítico de cinema paraibano João Batista de Brito. "Essa dicotomia recepcional pode ser ilustrada por duas listas de melhores filmes: a da crítica internacional (British Film Institute + Sight&Sound, 2012) e a minha. Qual o Fellini que está lá? *Oito e Meio*. Qual o que está na minha? *Noites de Cabíria*".

João se refere a dois extremos da filmografia do italiano: entre 1950 e 1991, ele dirigiu 19 filmes, além de participar de uma série para TV, rodar dois curtas e integrar quatro filmes coletivos. Seu cinema costuma ser dividido em duas fases: a neorealista, calcada na filmografia do diretor nos anos 1950, onde se encontra *Noites de Cabíria* (e também *Os Boas Vidas* e *A Estrada da Vida*) até o celebrado *A Doce Vida* (1960), e a fase autoral, onírica, que produziu filmes como *Oito e Meio*, *Satyricon*, *Amarcord* e *La Nave Va*, este apontado como a obra-prima crepuscular da carreira do cineasta.

"Adoro aquele Fellini dos anos 1950, aquele que genialmente se equilibrava entre os preceitos miméticos do Neorealismo e a necessidade de uma pulsão mais solta e mais poética", comenta João Batista de Brito, antes de ponderar: "A fase metalinguística de *Oito e Meio* não me encantou pessoalmente, embora na época eu tenha sido levado a aplaudir esse também genial voo megalomaniaco. No meio ficou esse marco que foi - e é - *A Doce Vida*, com um pé atrás (o humanismo de antes) e outro adiante (as metáforas críticas do que se seguiu)".

"Fellini também fez filmes chatos, insossos, inefetivos, como *Julietta dos Espí-*



O diretor Federico Fellini nos anos 1960, e com Marcello Mastroianni e Anita Ekberg em *Entrevista*, de 1987 (acima), e com Giulietta Masina (abaixo), estrela de filmes como *Noites de Cabíria*

ritos, *A Cidade das Mulheres* e *A Voz da Lua*, mas não há dúvidas: foi um dos maiores cineastas do século 20, dono de um de estilo tão pessoal que suscitou o adjetivo 'feliniano'; um autor que faz a gente lembrar a cinematografia italiana como uma das grandes do mundo, chegando a competir (em sua época) com a americana", conceitua o crítico.

Opiniões divididas

Apontada como a obra quintessencial de Fellini, *Oito e Meio* divide opiniões. Em 2018, a BBC revelou que o cinemasta Martin Scorsese revê o filme de 1963 todo ano. "*Oito e Meio* sempre foi um marco para mim, de muitas maneiras. A liberdade, o senso de inovação, o rigor subjacente, o profundo núcleo de desejo, o encantamento, a atração física dos movimentos de câmera e composições", declarou o diretor de *O Irlandês*.

Do lado oposto, a renomada crítica norte-americana Pauline Kael detonou o filme: "A fantasia da vida de alguém é um material perfeitamente bom para um filme, se ela for imaginativa e fascinante por si só, ou se ilumina a vida real de alguma maneira interessante. Mas *Oito e Meio* não é uma coisa nem outra; é surpreendentemente parecido com os sonhos das heroínas de Hollywood, levado por ideias apropriadas de ansiedade freudiana e realização de desejos", escreveu em uma resenha sobre o filme.

Medo de Fellini

Não é só aos críticos e cineastas que o cinema de Fel-

lini encanta. Médica pediatra em Campina Grande, Alana Agra é fã do cineasta italiano. "Eu tinha medo de Fellini porque até adjetivo ele tinha virado, então seus filmes deviam ser muito complicados", confidencia a médica. "Aí, em 1993, ele ganhou um Oscar honorário e parou o discurso pra dizer a sua mulher, com um sotaque carregadíssimo: 'Stop crying, Giulietta!' ('Pare de chorar, Giulietta', em tradução livre). Nesse mesmo dia vi *Noites de Cabíria* e vi, no filme, o que vi nele: uma humanidade comovente, a alegria".

Para Alana Agra, o humor, que aparece onde menos se espera - "como os desenganos de *Cabíria*, a velhice em *Ginger & Fred*" -; a ternura com os personagens ("em *Amarcord* se vê isso melhor que em todos"), o antifascismo, a mistura do erudito (vide Pina Bausch em *La Nave Va*) com o pop (*Mandrake* em *Entrevista*) são algumas das características do cinema felliniano que conquistaram a médica.

"Fellini vai ser sempre, para mim, não o diretor de 'filmes clássicos', mas o sorriso, apesar da ruína, da *Cabíria* ao final do filme", sintetiza Alana, que elenca seus três Fellinis favoritos: *Noites de Cabíria*, obviamente; *Amarcord* e *A Estrada da Vida*.

Coincidentemente, são os três favoritos de João Batista de Brito: "Se tivesse que citar três filmes seus seriam os mais líricos: *La Strada* (título original de *A Estrada da Vida*), *Noites de Cabíria* e *Amarcord*, este retomando o passado, agora em cores. Por esses três Fellini já seria superior".



Filmografia selecionada

Quatro filmes para conhecer o cinema de Federico Fellini

Noites de Cabíria (1957)



Um dos filmes mais queridos pelo público é ponto alta da fase neorealista do diretor. *Cabíria* (Giulietta Masina, em uma dos sete filmes de Fellini que estrelou) é uma jovem romântica e ingênua que se prostitui para sobreviver. É um dos mais líricos do diretor e seu enredo foi adaptado de um musical da Broadway.

A Doce Vida (1960)



Obra-prima já do finzinho da fase neorealista de Fellini, filme se passa na vida de um jornalista (Marcello Mastroianni) durante uma semana. Nesse tempo, ele cai de amores por uma atriz (Anita Ekberg) e com ela protagoniza algumas das cenas mais memoráveis do cinema, como a sequência na Fontana di Trevi.

Oito e Meio (1963)



Considerada a obra quintessencial de Fellini, '*Oito e Meio*' retrata a crise de criatividade do diretor Guido Anselmi (Marcello Mastroianni, no segundo dos cinco filmes que faria com o diretor), que demonstra esgotamento no seu estilo de vida e resolve se internar em uma estação-de-águas para buscar inspiração. Um marco no cinema de autor europeu.

Amarcord (1973)



Considerado pelo *The New York Times* como um dos 100 melhores do mundo, comédia é apontado por críticos e fãs como um "filme de entrada" no cinema de Fellini. Filme se passa em uma pequena cidade da Itália, repleta de habitantes excêntricos. Recebeu indicações ao Oscar por Melhor Diretor, Melhor Roteiro e acabou levando o de Melhor Filme Estrangeiro.



Aponte a câmera de seu smartphone para o QR Code acima e veja trailers de cinco clássicos dirigidos por Federico Fellini.

Artigo **Estevam Dedalus**

Sociólogo

A nova arte da guerra

Com a invenção das armas nucleares, o desenvolvimento de mísseis intercontinentais e a integração cada vez maior dos mercados, se tornou bastante improvável um conflito militar entre grandes potências.

Isso, é claro, não significa que a humanidade esteja mais evoluída e civilizada ou que acordos políticos entre os Estados Nacionais tenham levado ao fim das guerras; o que vimos, no entanto, foram inúmeras delas eclodirem durante a segunda metade do século passado e no ainda incipiente século XXI. Uma guerra nuclear provavelmente acabaria com a humanidade ou com o que chamamos de civilização. Por isso que as guerras convencionais foram cedendo lugar para guerras assimétricas e por procuração. Quando elas insistem em ocorrer costumam ser entre potências nucleares e países militarmente mais fracos ou entre países que não detêm esse tipo de tecnologia.

Foi assim nas guerras que os estadunidenses fizeram contra a Coreia, o Iraque e o Vietnã. Os vietnamitas, apesar de possuírem menos recursos militares e econômicos, receberam ajuda de inimigos dos Estados Unidos. A União Soviética garantiu subsídios como armamentos, mas sem que o apoio implicasse no envio de tropas e o envolvimento direto nos combates. Os EUA dariam o troco quando os soviéticos declararam guerra ao Afeganistão, chegando a patrocinar Osama Bin Laden e grupos locais de resistência à invasão soviética.

Assim a Guerra Fria iniciou uma nova era de conflitos por procuração, muito comuns hoje em dia. Basta observarmos o que acontece na Síria e no oriente médio, as articulações entre grupos paramilitares, grupos terroristas e governos. O SDF (Forças Democráticas da Síria), que atuam pela derrubada do governo de Bashar al-Assad, recebeu financiamento dos Estados Unidos. Enquanto as forças militares do governo foram apoiadas pela Rússia, que mandou equipamentos militares e mercenários do Grupo Wagner (Группа Вагнера), criado pelo ex-oficial russo Dmitriy Valeryevich Utkin, que atuam como braço paramilitar do governo de Moscou para lutar ao lado do exército sírio.

O Grupo Wagner teve uma importante atuação nos recentes conflitos entre Rússia e Ucrânia, com destaque para a guerra civil de Donbass. Ele tem atuado em conflitos na Venezuela e é uma peça importante na estratégia russa para guerras assimétricas.

Nas últimas semanas vimos aumentar as tensões entre Estados Unidos e Irã, depois que Donald Trump ordenou o assassinato do general iraniano Qasem Soleimani, figura de proa no país muçulmano. Por mais que a retórica do governo iraniano apontasse para uma resposta incisiva aos EUA, os ataques diretos com mísseis contra bases estadunidenses no Iraque num período relativamente curto de tempo, pegou todo mundo de surpresa.

A leitura geral dos analistas era de que os iranianos iriam

revidar, mas não diretamente. Apostava-se em ataques feitos por grupos paramilitares jihadistas como o Hezbollah, sem prazo para acontecer, evitando assim um conflito aberto, franco e direto contra os EUA. Como nenhum país desejasse fazer guerra contra a maior potência militar e econômica do mundo, essa parecia a aposta mais razoável a ser feita.

Acreditava-se, portanto, que o Irã preservaria seu regime político e infraestrutura – que estariam ameaçados numa guerra clássica – atingindo alvos estadunidenses posteriormente através de grupos terroristas. Essa leitura se mostraria, em parte, equivocada. É verdade que o Irã surpreendeu com ataques de mísseis às bases estadunidenses, mas essa ação não produziu grandes vítimas ou prejuízos militares. O que fica evidente é que eles foram planejados para dar uma resposta à população iraniana que clamava por justiça, criando na opinião pública a sensação de que o Irã revidará a qualquer ataque ao seu território e a seus líderes políticos e militares.

Do outro lado, apesar da retórica beligerante de Trump, não interessava ao presidente dos EUA uma guerra clássica contra o Irã. Os motivos são vários: por mais que a diferença de força entre os países fosse absurdamente desigual, não haveria garantias de que o conflito durasse pouco tempo. Poderia se estender por um período longo, impactando a economia com o aumento de gastos militares e a opinião pública com possíveis baixas de soldados. Os iranianos certamente venderiam caro a derrota e teriam, aos menos sub-repticiamente, o apoio de russos e chineses. A tendência seria a disparada no preço dos barris de petróleo, causando uma hiperinflação na gasolina e outros derivados. O Irã já demonstrou ser capaz de bloquear o Estreito de Ormuz, região onde circula cerca de 30% de todo petróleo mundial.

Os efeitos inesperados da guerra poderiam criar uma conjuntura ainda mais desfavorável para os EUA na região do Oriente Médio. Além disso, tudo indica que uma guerra convencional seria ruim para as pretensões de reeleição de Trump. As eleições estão batendo à porta. Não foi de espantar que o líder estadunidense adotasse tom apaziguador depois do ataque iraniano às suas bases militares, afirmando que as coisas estavam se acalmando e que novas sanções econômicas seriam tomadas.

O cálculo de Trump foi claro: o recuo, naquele momento, seria mais vantajoso pelas questões levantadas acima, como também pelo entendimento de que os EUA saíram vencedores ao eliminar certamente o mais importante comandante do exército iraniano, em troca de algumas instalações militares danificadas com o contra-ataque.

Cabe acrescentar que nas relações político-militares entre os países, para além da retórica dos governantes, costuma prevalecer a racionalidade – guiada por interesses econômicos e políticos.

Crônica **Kubitschek Pinheiro**

kubipinheiro@yahoo.com.br

E La Nave Va não levou Fellini

Muitíssimo amor por Federico Fellini, que eu conheci ainda garoto, sem saber que ele era Fellini. E, no entanto, o cineasta segue driblando todas tentativas de explicação sobre sua arte, pelo simples fato de que o cinema, o seu cinema é abrangente, épico, fantástico, com o melhor elenco de personagens do mundo. Amanhã ele faria cem anos. Amanhã ele fará cem anos

Quando eu digo que já o conheci desde pequeno, isso reflete diretamente na minha mãe e no meu pai. Minha mãe igual a mãe de Buñuel, me levava para milhares de velórios, em cenas tenebrosas noite a dentro, ao ver filhos, parentes e curiosos agarrados aos cadáveres, enquanto outros diziam horrores com Deus por aquela morte. A maioria tomava café e espiava a mobília do morto. Debaixo dos caixões, carvão, água e gelo. O meu pai, porque ele havia trabalhado com vários cineastas. Não é mentira.

Meu pai era uma espécie de surrealismo prêt-à-porter, mais ilimitado do que esclareço, numa tentativa de compreensão do meu adorável leitor. Ora, quem conheceu meu pai sabe que ele era um ator e todo bom ator é um “crápula”.

Presenciei as cenas mais emocionantes de um cinema chamado Sagrada Família, onde muitos se agregavam, do meu Padim Fuenga a Dona Celina, com seu cachimbo de ouro.

Explico. “Felliniano”, de certo modo, não é aquele que gosta dos filmes de Fellini. O cineasta é autorreferente ao bom exagero, do delírio e ao absurdo, das marcas registradas. Li que o fotógrafo britânico David Bailey (a inspiração para o protagonista do ‘Blow up’ de Antonioni) disse: “Gosto de Visconti porque ele me sufoca de bom gosto, e de Fellini porque me sufoca de mau gosto”.

Não expliquei ainda. O fato de eu ter nascido numa cidade do interior, você



passa a viver a saga dos outros, que são formatadas em enquadramentos cinematográficos, bem assim, a olho nu. Jovens que casavam na “marra”, a arte de meter a colher em briga de marido e mulher; a moça que foi deflorada, ou o corno que escuta em alto volume “Você sabe o que é ter um amor meu senhor e loucura por uma mulher e depois encontrar esse amor, meu senhor, nos braços de outro qualquer”. Meu tio Zé Vieira era primo de Lupicínio Rodrigues.

A empregada doméstica era (ou é) violentada pelo patrão. A bodega de João Menino e os casais dançando bolero, nossos versos são banais no Jatobá Clube. Tudo isso junto e misturado é um retrato de que os personagens de Fellini estavam ali no sertão de mim. O avanço da coisa sexual veio com as profecias de Nelson Rodrigues. Aí é outro gozo.

Acho que ainda não expliquei. Já morava aqui nos trópicos e, ao ver as cenas repetidas, porém sofisticadas, as noites nos cabarés com o primo Irapuan, fui entender que na cidade baixa,

eram noites de Cabária. Onde houver uma puta de outra esquina, haverá a lembrança de Giulietta Masina, cuja cara era o coração de Jesus. #Caetano. Ela faria cem anos em fevereiro do ano que vem.

Vou rever os filmes de Fellini nesse Brasil bacurau tão abrangente para ver se isso me ajuda a compreender a passagem desse homem, que nos remete ao neorealismo, autor extremamente pessoal, que o mantinha em seu platô de diversas maneiras e sensações permanentes: entre certo e o errado de ‘Amarcord’, até chegar ao país do carnaval, com milhares de personagens fellinianos nas tribos do catolicismo, do hedonismo e a consciência imoral, nunca ilegal de uma cultura popular e sofisticada estética, tradicional e vanguarda. Isso era Fellini, mas E La Nave Va não o levou daqui.

Quando eu disse que o conhecia desde criança, é que no começo, ao rever os filmes, identifico outros personagens que estão na minha rua, na minha calçada, em todos os sinais fechados entre celulares e catotas, deitados em berços esplêndidos.

De Tigido Flatulencia a Antônio Tavares, da negra Aury a professora Ilka Holanda; o doído Honório, Ana Palpíta, Severina Cambista, doutor Oseas e o pobretão Geraldin, que entra nesse filme metendo a faca no bucho de Jesus gay da Porta dos fundos.

Meu Deus, que coisa fofa, o Fellini!

Kapetadas

- 1 - Abelardo Barbosa e as chachetes - tudo idosa.
- 2 - Quando uma pessoa está se afogando, é hora de socorrê-la e não de ensiná-la a nadar.
- 3 - Verão é uma primavera com fogo no rabo.
- 4 - Som na caixa: “Estranho, mas já me sinto como um velho amigo seu...”, Nando Reis.

Erro de avaliação?

Empresa recusa transportar HQ e causa polêmica

Da Folhapress

O que era para ser um mero procedimento burocrático entre duas editoras se tornou a mais nova polêmica das redes sociais, com mais de 1.300 compartilhamentos até quinta-feira passada.

O caso começa com a publicação no Brasil da HQ *A Louca do Sagrado Coração*, de Alejandro Jodorowsky e Moebius, em outubro do ano passado, pela editora Veneta. Como é uma tradução, a casa tinha por contrato a obrigação de enviar cinco exemplares da edição brasileira para a editora francesa Le Humanoïdes Associés, que tem os direitos da obra. A prática é praxe no mercado.

Para fazer o transporte, a Veneta escolheu a transportadora DHL - só que a encomenda foi recusada e retornou. Com o pacote, foi entregue um recado que dizia que “o conteúdo enviado não é permitido para transporte via DHL Express”. Questionada pela editora, a transportadora afirmou que não transportava esse tipo de livro.

O motivo? Na capa da HQ há uma personagem com os seios à mostra, o que teria feito o material ser considerado pornográfico.

Segundo os termos e condições de transporte da empresa, alguns itens são proibidos - de armas e drogas a pornografia, categoria na qual a HQ de Moebius e Jodorowsky teria sido enquadrada. Além disso, em nota enviada à reportagem, a DHL afirmou que pode inspecionar qualquer objeto enviado.

De acordo com a editora, os cinco exemplares de *A Louca do Sagrado Coração* foram enviados lacrados dentro de uma caixa. A única maneira de ter acesso à capa seria abrir a encomenda.

A HQ é um clássico do cineasta Alejandro Jodorowsky e de Moebius, um dos principais nomes dos quadrinhos franceses, e faz uma jornada mística e bem-humorada sobre autoconhecimento e filosofia, regada a diversas cenas de erotismo e sexo.

Isso bastou para inflamar as redes sociais, que caracterizaram a recusa da transportadora como censura e ecoaram casos recentes de tentativa de censura, como a uma HQ na Bienal do Livro do Rio de Janeiro e ao especial de Natal do Porta dos Fundos.

À Folha, porém, a empresa disse que houve apenas um erro de avaliação. “Ao reanalisar o caso, avaliando maiores detalhes do envio, como país de origem e destino, [...] informamos que a remessa não se enquadra na categoria de produto restrito para transporte. Esclarecimento já realizado com a editora”, escreveu a DHL em nota.

A transportadora afirmou que abriu a possibilidade de refazer o transporte dos exemplares. Mas a Veneta disse que vai aproveitar uma viagem de seu diretor editorial à França para entregar as HQs pessoalmente. Por isso, disse que considera o caso encerrado e que não irá processar a transportadora.

‘Marighella’ ganha data de estreia no Brasil

Da Folhapress

Dirigido por Wagner Moura, o filme *Marighella* ganhou uma nova data de estreia no Brasil: 14 de maio. A informação foi confirmada pela produtora do longa-metragem, a O2 Filmes, e pela distribuidora, a Paris Filmes.

Se não houver nenhuma mudança, a estreia marca o fim de um impasse que se estende desde o ano passado. *Marighella* tinha previsão de estrear no último dia 20 de novembro, quando se celebra a Consciência Negra. Mas, em setembro, a produção do longa divulgou uma nota cancelando a estreia da cinebiografia do guerrilheiro.

O texto dizia que “a O2 Filmes não conseguiu cumprir a tempo todos os trâmites exigidos pela Ancine”. O cancelamento foi resultado da negação de um recurso encaminhado à Ancine no final de agosto, no qual a produtora questionava se a verba para a comercialização do filme poderia ser liberada antes da assinatura efetiva do contrato com o Fundo Setorial do Audiovisual, uma vez que o valor estava demorando para ser finalizado.

Na mesma ocasião, a produtora teve outro recurso negado, referente a um pedido de ressarcimento de despesas pagas no valor de mais de R\$ 1 milhão. A negação dos recursos chegou a ser comemorada, na época, por Carlos Bolsonaro, filho do meio do presidente. No Twitter, ele escreveu: “Noutros tempos, o desfecho seria outro, certamente com prejuízo aos cofres públicos”.

Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB

Tributo ao conselheiro mestre de iminente reforço ao cinema

Uma realidade que tenho admitido ao longo do tempo, desde que me entendo um discreto observador e construtor de imagens “movies”, como forma de registro das coisas, pessoas e suas virtudes – no que tange a tempo, espaço, ritmo –, é que a literatura terá sido a grande abertura do pouco de erudição que conheço e busco representar cinematograficamente.

Lá pelos meados dos anos cinquenta, na minha cidade de Santa Rita, aquele ancestral senhor de aparência frágil e postura física sempre curvada para frente, de caminhar lento, cabeça esbranquiçada pelo tempo, dissera-me certa vez: “Meu filho, leia livros...” Mesmo sabedor de minha ligação paterna com o Cinema, um adolescente então cheio de sonhos. Esse, foi um mestre que tive o privilégio de conhecer fora da escola: o professor aposentado Luiz Soares.

De contínuo, ia à sua residência no início da Avenida Juarez Távora, entre a Praça Getúlio Vargas e a prefeitura da cidade, para ouvir dele os ditames que me faltavam na sala de aula, época em que cursava o ensino médio no Grupo Escolar João Úrsulo. Gostava de ouvi-lo naquele piano de calda escuro, que se instalara no fundo de sua sala adornada de móveis à lá “rococó”, uma de suas melodias preferidas, que mais tarde saberia tratar-se de Frédéric Chopin (Ballade nº 1 em sol mineur op.23). Sublime harmonia, que usaria dezenas de anos depois numa das sequências do nosso filme “Américo – Falcão Peregrino”, no instante em que o



Professor Luiz Soares: “Meu filho, leia livros...”

vate de Lucena rememora as imagens de infância e o seu primeiro amor.

A magia daquele ambiente fracamente iluminado por um grande lustre de cristais pingentes, no teto da espaçosa sala em que sempre viveu Prof. Luiz Soares, conduzia-me aos ambientes de Bergman e às suas “sonatas”. Um tipo de cinema “diferente” para o meu Pai Alexandre, que ora exibia “Morangos Silvestres” (aliás, um dos meus filmes preferidos) numa de suas salas, por força de um programa compulsório que já teria sido firmado com sua distribuidora de filmes, em Recife. Mesmo assim, de todo meu agrado e curiosidade. Contudo, menos bilheteria que os “heroísmos” hollywoodianos.

Pois bem, o “...leia livros” do meu reservado (“bergmaniano”) professor, já nos primeiros tempos, induziu-me à busca de uma literatura que tivesse a ver com a arte maior. E lá estavam os muitos autores, inclusive em bancas de revistas da cidade, mas que nunca os tinha buscado, também partícipes do cinema de então: Alexandre Dumas de “Os três mosqueteiros”, Júlio Verne e suas “20 mil léguas submarinas” e “A volta ao Mundo em 80 Dias”; Victor Hugo e “Os Miseráveis” franceses, e muitos outros, maioria deles já em filmes na versão em preto e branco. Além de alguns autores e obras nacionais, como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e outros romancistas, vistos no cinema em décadas seguintes.

E já naquele final da década de 50, algo me dizia ser o escritor paraibano José Rafael de Menezes e seu clássico “Caminhos do Cinema”, livro recém-publicado, o verdadeiro fulcro literário para se conhecer melhor a “arte dos sonhos”. Mesmo porque, até então, meus encantamentos eram tão somente os ecrãs das telas dos nossos cinemas, que, nos anos 60/70, se ampliariam com o advento de mais salas com as novas tecnologias de projeção – o VistaVisio e o Cinemascope.

Enfim, e evocando Charlotte Brontë de “Jane Eyre” (exemplar filme da época), para quem “A vida me parece curta demais para ser gasta nutrindo animosidades ou recordando erros”, digo que revivo hoje, apenas, os bons alicerces de minhas atuais experiências. – Mais “coisas de cinema”, acesse: www.alexantos.com.br

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Impressões, espantos...

Diz Nelson Rodrigues, em suas “Confissões”: “Nós vivemos uma época cínica. Ninguém se espanta. E, no entanto, o espanto é um dom, uma graça”. E, logo em seguida, indaga: “Como se pode ter vida moral sem muitíssimos espantos?”.

Arland de Souza Lopes aproveita a força destas palavras, na “Nota do autor”, que abre o conjunto de suas impressões pessoais acerca dos conteúdos da vida, intitulado “Gotas de espanto (quando eu era vivo)”, João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora Ltda, 2019.

Lida a série de registros, que se inscreve em temáticas variadas, sinto que esse dom ou essa graça participa do olhar sensível e poético de Arland de Souza Lopes, pois esse dom ou essa graça tende a se converter, notação a notação, num corpo coeso e coerente de reflexões que nos levam ao âmago de sua percepção de mundo, formulada passo a passo pela cadência das palavras e pela densidade do pensamento.

O poeta de índole existencial e metafísica procura, nestas impressões, outro registro, outra inscrição, outra voltagem, para acionar os questionamentos essenciais e permanentes no bojo da prosa, porém, de uma prosa que, se atenta ao sortilégio prioritário das reflexões, observações, constatações e achegas críticas, não elide, aqui e ali, o nutriente intrínseco e material da dicção poética. Talvez não fosse exagero afirmar que é ainda o poeta que se mobiliza por entre o factual da linguagem e dos assuntos, mesmo que não seja, como no poema em si, a tonalidade absoluta da função estética a reger o andamento das múltiplas considerações, tecidas ao longo dos fragmentos reunidos num mesmo acervo vocabular e substancial.

Mas o poeta como que preside, tácita, subterrânea ou explicitamente, a figura surpreendente do prosador, invadindo, nessa ou naquela passagem, a referencialidade persuasiva da prosa, quer de maneira ostensiva, quando se impõe os rascunhos ou esboços para futuros poemas, quer quando solta, como pequeninos torpedos poéticos ou relâmpagos líricos, sentenças como estas: “Quão aterrador é um grito cortando a noite!” (P. 8); “Na perspectiva da morte, tudo é abstração” (P. 9); “Viver é estar com os pés no chão. Morrer é alçar voo” (P. 13); “A força do amor está na pessoa amada, não em nós” (P. 29); “O beijo nada mais é do que um mergulho nas entranhas” (P. 65), e “Na cabeceira, Nietzsche. Difícil de engolir” (P. 66).

Pelo visto, já se pode apreender o ritmo aforismático que comanda a perspectiva de muitos tópicos. Na linguagem tradicional dos grandes diaristas, embora estas “Gotas de espanto” não constituam bem um diário, pode-se, por exemplo, recuperar a presença do leitor em Arland de Souza Lopes. Leitor de André Gide, de Dostoiévsky, de Bukowski, de Pascal, de Montaigne, Santo Agostinho, Oscar Wilde e de tantos outros que, se atenderam, em primeira mão, ao chamado da criação ficcional e poética, terminaram, por vias diretas ou indiretas, a contemplar, dentro de seu processo criativo e produtor, os relevos da literatura pessoal, moldadas pelas linhas heterodoxas dos diários, dos jornais literários, das memórias, das confissões, das autobiografias e das cartas.

Arland de Souza Lopes também estabelece o seu reino. Como um Amiel, escava a alma em investigações psicológicas e metafísicas que, se beiram o fel da amargura, também palmilha o céu da transcendência, numa polarização entre o limite reles do corpóreo e a fronteira incandescente do sublime. Há, nele, a energia aforismática de um Ascendino Leite e a perplexidade agônica de um Lúcio Cardoso, sobretudo o Lúcio Cardoso asfixiado pelas inquietações religiosas. A precisão crítica de um Josué Montello e o destemperado ácido de um Humberto de Campos também se insinuam pelos roteiros de suas observações contidas e contundentes.

Arland de Souza Lopes não teme despir-se para o outro, revelando, no mesmo tom sincero e pungente, fraquezas e grandezas que lhe são inerentes, mas que são inerentes a todos, e nas quais também nos vemos como imagens refletidas num espelho pelo avesso. Seu olhar se debruça sobre o cotidiano mais banal, captura as cores diversas que permeiam o seu tecido informe e traz, à tona do melhor sentido especulativo, os motivos da morte, aliás, motivo que percuta e repercute em cada linha como um arranjo trágico de uma trágica melodia; o motivo do amor, o gosto pela leitura, o tédio da política, a preferência pelos autores, o romance, o ensaio e a poesia.

Tudo está aqui nessas impressões que misturam a lógica liberta dos gêneros íntimos. Em rápidas pinceladas, num quadro em que se pode associar os tons e timbres de um Van Gogh, de um Rembrandt e de um Goya, mesclados nos pontos de fuga da dor e do dilaceramento, vejo nestas “Gotas de espanto” um dos autorretratos mais vivos, mais vívidos e mais humanos de um homem que se vai como todos os homens, mas também de um escritor que vai ficar como ficam os verdadeiros escritores. Ou seja, aqueles que, sem abdicar do compromisso estético com a palavra, enche e enriquece suas cercanias com o fermento ético e moral que nos joga no abismo do espanto.



A Fanpage e os Acadêmicos da APC

A Academia Paraibana de Cinema vem desenvolvendo atividades constantes, no sentido de tornar a Sétima Arte cada vez mais um motivo de discussão e troca de conhecimentos. O Cinema na Fanpage APC-Group, com quase de trezentos fiéis seguidores. Acompanhe nossas opiniões, informes e imagens exclusivas sobre o cinema paraibano, brasileiro e do exterior sob a direção do acadêmico Carlos Trigueiro, Cadeira 48 da APC.

Na próxima semana, este espaço será destinado a tratar da “Vida e Obra” dos nossos Patronos. Registro será a partir da Cadeira-01, ocupada pelo pioneiro Nica Paria Parente. Faça parte dessa rede cinematográfica! Acesse: <https://www.facebook.com/groups/AcademiaParaibanadeCinema/>

Em cartaz

ESTREIAS DA SEMANA

Jumanji - Próxima Fase (Jumanji - The Next Level. EUA. Dir.: Jake Kasdan. Aventura. 12 anos). Enquanto retornam à Jumanji para resgatar um de seus amigos, os jogadores descobrem que nada é como eles esperavam que seria. Eles devem desbravar áreas desconhecidas e inexploradas, desde o árido deserto até as montanhas nevadas, para poderem escapar do jogo mais perigoso do mundo. **MAG 2** (dub): 14h, 16h30; **MAG 3 Atmos** (dub, 3D): 18h50; **MAG 3 Atmos** (leg, 3D): 21h30; **MAG 4** (dub): 15h45; **Manaira 1** (leg): 21h30; **Manaira 5** (dub): 12h45, 15h30, 18h15, 21h; **Manaira 6** (leg): 14h30, 17h15, 20h; **Manaira 9 Macro XE** (dub, 3D): 13h45, 19h15; **Manaira 9 Macro XE** (leg, 3D): 16h30, 22h; **Mangabeira 1** (dub, 3D): 13h45, 16h30, 19h15, 22h; **Mangabeira 5** (dub, 3D): 15h30, 18h15, 21h; **Tambá 3** (dub): 20h30; **Tambá 5** (dub): 14h, 16h20, 18h40; **Tambá 6** (dub, 3D): 21h.

O Escândalo (Bombshell. EUA/Canadá. Dir.: Jay Roach. Drama. 14 anos). Baseado no escândalo norte-americano “Bombshell”, deflagrado em 2016. Um olhar revelador dentro do mais poderoso e controverso império de mídia norte-americano, com a história pulsante das mulheres que afrontaram o infame homem à frente deste império, ao o acusarem de assédio sexual. **MAG 2** (leg): 19h, 21h20. **Manaira 11 VIP** (leg): 15h15, 17h45, 20h15.

PRÉ-ESTREIA

1917 (1917. EUA/Reino Unido. Dir.: Sam Mendes. Guerra. 14 anos). Em um dos momentos críticos da Primeira Guerra Mundial, dois soldados britânicos, Schofield (George MacKay) e Blake (Dean-Charles Chapman), recebem uma missão aparentemente impossível. Em uma corrida contra o tempo, eles devem cruzar o território inimigo e entregar uma mensagem que cessará o brutal ataque a milhares de combatentes - entre eles, o irmão de Blake. Indicado a 10 prêmios Oscar, incluindo Melhor Filme. **MAG 1** (leg): 21h50. **Manaira 4** (leg): 22h30. (* somente sab e dom).

CONTINUAÇÃO

Adoráveis Mulheres (Little Women. EUA. Dir.: Greta Gerwig. Drama. 10 anos). A história sobre a vida de quatro irmãs - Meg, Jo, Beth e Amy March - detalhando a passagem delas, da infância para a vida adulta. **Manaira 10 VIP** (leg): 13h, 15h50, 18h45, 21h45.

Ameaça Profunda (Underwater. EUA. Dir.: William Eubank. Ação. 14 anos). Uma equipe de pesquisadores submarinos deve se apressar para buscar ajuda após um terremoto devastar seu laboratório subterrâneo. **Manaira 8** (leg): 22h20; **Mangabeira 4** (dub): 22h10 (exceto seg.). **Tambá 1** (dub): 20h45.

Bacurau (Brasil, França. Dir.: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Ação, Farses, Suspense. 16 anos). Num futuro recente, Bacurau, um povoado do sertão de Pernambuco, se misteriosamente do mapa. Quando uma série de assassinos inexplicáveis começam a acontecer, os moradores da cidade tentam reagir. Mas como se defender de um inimigo desconhecido e implacável? **Cine Bangüê**: (sem sessão prevista para esta semana).

Deus é Mulher e Seu Nome é Petúnia (Cospod Postal, Imeto i e Petrunija. Bélgica, Croácia, Eslovênia, França, Macedônia. Dir.: Teona Strugar Mitevska. Drama. 14 anos). Em



Indicado a vários prêmios, mas esnobado no Oscar, ‘Retrato de Uma Jovem em Chamas’ segue em cartaz

Srip, uma pequena cidade da Macedônia, sempre no mês de janeiro o padre local joga uma cruz de madeira no rio e centenas de homens mergulham atrás dela. Quem recuperar o objeto tem garantia de boa sorte e prosperidade. Desta vez, Petúnia mergulha na água por um capricho e consegue agarrar a cruz antes dos outros, deixando os concorrentes furiosos: “Como usa uma mulher participar do ritual? Toda o inferno se abre, mas Petúnia mantém o seu chão. Ela ganhou a cruz e não vai desistir. **Cine Bangüê**: (sem sessão prevista para esta semana)

Frozen 2 (Frozen 2. EUA. Dir.: Chris Buck, Jennifer Lee. Drama. 12 anos). Anna, Elsa, Kristoff e Olaf adentram as profundezas da floresta para aprender a verdade sobre os poderes de Elsa e um antigo mistério de seu reino. **MAG 3 Atmos** (dub, 3D): 14h, 16h15; **MAG 4** (dub): 18h30. **Manaira 1** (dub): 14h15, 16h45, 19h; **Manaira 4** (dub): 13h15, 15h40, 18h, 20h15; **Manaira 8** (dub): 14h50 (exceto sab e dom), 17h20, 19h45 (somente sab e dom); **Mangabeira 2** (dub): 13h, 15h15, 17h45; **Mangabeira 4** (dub): 14h45, 17h15, 19h45 (* exceto seg); **Tambá 1** (dub): 14h35, 18h45; **Tambá 3** (dub): 16h30; **Tambá 4** (dub): 14h30, 16h30, 18h30, 20h30; **Tambá 6** (dub, 3D): 14h40, 18h50.

Parasita (Parasite. Coreia do Sul. Dir.: Bong Joon-ho. Drama/Suspense. 16 anos). Todos os quatro membros da família Ki-taek estão desempregados, porém uma obra do acaso faz com que o filho adolescente comece a dar aulas privadas de inglês à rica família Park. Fascinado com o estilo de vida luxuoso, os quatro bolam um plano para se infiltrar nos aforesos da casa burguesa. **Cine Bangüê**: (sem sessão prevista para esta semana).

Minha Mãe é uma Peça 3 (Brasil. Dir.: Susana Garcia. Comédia. 12 anos). Dona Herminia (Paulo Gustavo) vai ter que se redescobrir e se reinventar porque seus filhos estão formando novas famílias. Essa supermãe vai ter que segurar a emoção para lidar com um novo cenário de vida: Marcelina está grávida e Juliano vai casar. Para completar, Carlos Alberto, seu ex-marido, que esteve sempre por perto, agora resolve ficar ainda mais próximo. **MAG 1**: 14h30, 17h, 19h25, 21h45 (* exceto sab e dom); **MAG 4**: 20h45; **Manaira 2**: 14h40, 17h, 19h30, 22h10; **Manaira 3**: 13h30, 16h, 18h30, 21h15; **Manaira 7**: 15h10, 17h40, 20h10; **Mangabeira 2**: 20h, 22h20; **Mangabeira 3**: 14h*, 16h20*, 18h50*, 21h30* (* exceto seg e ter); **Tambá 1**: 16h35; **Tambá 2**: 14h10, 16h20, 18h35, 20h40; **Tambá 3**: 14h20, 18h30; **Tambá 6**: 16h40, 20h50.

Retrato de Uma Jovem em Chamas (Portrait de la Jeune Fille en Feu. França. Dir.: Céline Sciamma. Drama. 14 anos). França 1770. Uma pintora é contratada para fazer o retrato de casamento de uma jovem mulher que acabou de deixar o convento. A jovem é uma noiva relutante, e a artista deve retratá-la em segredo, passando a observá-la ao longo do dia para pintá-la durante a noite. Ambas se aproximam ao longo do tempo e compartilham os últimos momentos de liberdade antes do casamento iminente. **Manaira 8** (leg): 14h (sáb. e dom.); 20h10 (qui, sex, seg, qua).

Star Wars - A Ascensão Skywalker. (Star Wars - The Rise Of Skywalker. EUA. Dir.: J.J. Abrams. Ação/Ficção Científica. 10 Anos.). A Resistência sobrevive entre a Primeira Ordem mais uma vez no capítulo final do saga Skywalker. **Manaira 4** (leg): 22h30 (exceto sab e dom).

Serviço

• **Funes** [3211-6280] • **Mag Shopping** [3246-9200] • **Shopping Tambá** [3214-4000] • **Partage Shopping** [3337-6000] • **Shopping Sul** [3235-5585] • **Shopping Manaira** (Box) [3246-3188] • **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] • **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] • **Teatro Lima Penante** [3221-5835] • **Teatro Eudaldo do Góydo** [3247-1449] • **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] • **Bar dos Artistas** [3241-4148] • **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] • **Casa do Cantador** [3337-4646]

Festa marca o lançamento do estandarte de As Calungas

Grupo que deu origem a bloco de carnaval anima, neste domingo, palco da General Store, no Centro de JP

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Neste domingo, a partir das 15h, começa oficialmente o aquecimento para o carnaval de As Calungas. O grupo, formado exclusivamente por mulheres, fará o lançamento do estandarte do bloco homônimo na General Store, com entrada gratuita.

Indo em direção ao seu sexto ano, o bloco pessoense consiste em um projeto cuja preparação inicia cerca de cinco meses antes do Carnaval, com a realização de oficinas gratuitas de percussão (caixa, alfaia, agbê, agogô e ganzá). O bloco tem concentração no Beco da Cachaçaria Philipeia e sai em cortejo pelo Centro, resgatando a cultura dos blocos de rua.

O bloco realiza, ainda, um resgate cultural a partir do seu nome, em referência à boneca de pano tão comum pelo Nordeste, com as integrantes do grupo utilizando um figurino em Chita. O foco, porém, é homenagear as Mestras da Cultura Popular, selecionando uma por ano.

Já foram homenageadas a própria boneca Calunga, no primeiro ano do bloco; Dona Lenita, mestra conquista do coco do Guruji e Ipiranga no Conde (2016); Vó Mera, cirandeira e conquista da cidade de João Pessoa em 2017; e Dona Teca do côco de roda do Mestre Benedito (Cabedelo), em 2018. Em 2019 a homenageada da vez foi Zabé da Loca (in memoriam).

Neste ano a homenageada será Mestra Tina do Cavalo Marinho infantil "Sementes do Mestre João do Boi" do Bairro dos Novais (João Pessoa), que também participará do show pelo lançamento do estandarte.

"Por ser um grupo feminino, a gente decidiu sempre homenagear uma mestra mulher, de preferência uma



Foto: divulgação



No alto, ensaio do bloco na semana passada; DJ Flores (acima) e o grupo As Calunga (ao lado) são as atrações de hoje que abrem o "esquentar" para a saída do bloco, que faz um resgate da cultura popular

que seria da nossa cidade ou do Estado, tanto para valorizar o que a gente tem, como para trazer visibilidade para elas", conta Mel Vinagre, responsável por tocar alfaia e pandeiro.

O bloco, que existe desde 2014 é, antes de tudo, uma homenagem ao feminino, e faz parte de um projeto maior que tem início meses antes do Carnaval, através da realização de oficinas de percussão. "A gente decidiu fazer o bloco de forma que valorizasse a mulher na percussão, porque a gente não conhecia muitas percussionistas dentro da cultura popular", conta Mel Vinagre. A partir da observação, o grupo decidiu ministrar as oficinas, e o único pré-requisito é ter mais de 16 anos. "Tivemos a ideia de ver se encontrávamos mais mulheres que tivessem vontade de tocar percussão, de entrar na área de música e aprender um instrumento. O projeto que foi sendo divulgado no 'boca a boca', conta com oficinas abertas para qualquer pessoa que tenha interesse em aprender a tocar algum instrumento". O aprendizado vai amadurecendo até o dia em que as alunas saem com As Calungas pelo bloco. "O bloco se torna a culminância, o ápice de se afirmar como alguém que aprendeu a tocar um instrumento".

A origem do bloco é devido à mescla de diversos ritmos dentro da cultura popular. "Vimos a necessidade de resgatar e evidenciar a música popular, que é uma inspiração tão grande para a gente. Essa é uma forma de fazermos com que as mestras homenageadas sejam lembradas", finaliza Mel.

O estandarte é confeccionado por Sandra Paiva, que tem total liberdade. A boneca Calunga é uma mascote do grupo e se torna a representação da mestra

homenageada de cada ano. "O resultado é uma surpresa para a gente", completa Mel. No evento de lançamento, a abertura contará com uma prévia do repertório do bloco, que mistura gêneros como caboclinhos, maracatu e samba reggae. Mel conta: "a gente trabalha com releituras, variações de cada gênero".

O grupo

As Calungas teve início em 2012 com uma formação exclusiva de mulheres percussionistas profissionais como uma forma de resgate da cultura da música popular. Além do bloco carnavalesco, o grupo realiza shows, produção de oficinas, produção de textos e artigos e a realização de eventos percussivos.

As Calungas é composto por Bia Angelina (agbê e vocal), Del Santos (caixa e vocal), Juliana Ribeiro (alfaia e timbal), Karla Maria (agogô e ganzá), Mel Vinagre (alfaia e pandeiro), Monalisa Lira (agbê e triângulo), Olga Alves (agbê e vocal) e Priscilla Fernandes (alfaia e congas).

/// A gente decidiu fazer o bloco de forma que valorizasse a mulher na percussão, porque a gente não conhecia muitas percussionistas dentro da cultura popular. ///

SERVIÇO

- **Evento:** Lançamento do estandarte do bloco As Calungas
- **Dia:** 19/1
- **Local:** General Store
- **Horário:** 15h

Palhaços tomam conta de praças de JP neste domingo

A arte da palhaçaria toma conta de João Pessoa neste domingo com duas atrações e duas praças da cidade, dentro da programação do projeto AnimaCentro, ambas a partir das 16h: Payaso se apresenta na Praça Pedra do Reino, no Parque da Lagoa. Simultaneamente, a garotada vai encontrar o Palhaço Pipi na Praça da Independência. O acesso aos espetáculos é gratuito.

Com direção de Joelton Barros e realização da Cia de Circo-Teatro Patusco, Payaso traz temas como medo, inseguranças, sonhos e alegrias que todas as pessoas passam durante toda a vida. Durante todo o espetáculo, são utilizados elementos do circo, como a figura do palhaço, truques de mágica, picadeiro e também elementos do teatro físico e o recurso da mímica.

O espetáculo já realizou algumas turnês nacionais, como nas cidades de Campinas, São Paulo, Salvador, Recife e Caruaru, e iniciou o ano de 2020 abrindo sua turnê de apresentações no II Festival Se Amostra Palhaçada.

Baladinha

No show Baladinha do Palhaço Pipi, a criança vai poder curtir uma tarde divertida com muita música e brincadeiras populares, como corrida do saco, quebra panela, pula corda, bambolê e caça ao tesouro. Além disso, o show vai contar com a participação da cantora mirim Laís Menezes, que irá apresentar músicas autorais, cantigas de roda e também clássicos infantis do Trem da Alegria e Balão Mágico.

Adilson Lucena, que dá vida ao Palhaço Pipi, promete uma apresentação alegre

e com muita diversão. "Vai ser uma tarde para toda a família participar. As crianças vão brincar sem parar e os adultos voltarão a ser crianças", completou através de texto de divulgação da Prefeitura de João Pessoa, promotora do projeto.

SERVIÇO

- **Evento:** Espetáculo Payaso
- **Quando:** Hoje
- **Hora:** 16h
- **Local:** Praça Pedra do Reino (Parque da Lagoa)
- **Espectáculo:** Baladinha do Palhaço Pipi
- **Quando:** Hoje, 16h
- **Local:** Praça da Independência
- **Entrada:** Gratuita para ambos



Fotos: divulgação

Show do Palhaço Pipi (E) terá participação da cantora Laís Menezes; Payaso diverte o público no Parque da Lagoa



João Pessoa já conta com dez pré-candidatos à prefeitura

Grupo liderado pelo prefeito da capital, Luciano Cartaxo, está adiantado na escolha dos nomes para a disputa eleitoral

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Mesmo ainda estando a nove meses das eleições de outubro, o esquema comandado pelo prefeito Luciano Cartaxo (PV) é o que mais conta com pré-candidatos cotados ou colocados para disputar a Prefeitura Municipal de João Pessoa. Eles já são dez ao todo, mas, incluindo os apenas citados, ainda podemos contar mais.

Como já chega a ser uma boa lista, para facilitar o entendimento e estabelecer uma certa classificação, vamos por parte e em blocos: Diego Tavares (Desenvolvimento Social), Zenedy Bezerra (Desenvolvimento Urbano), Socorro Gadelha (Habitação) e Daniela Bandeira (Planejamento) seriam, por assim dizer, os “verdes mais cotados”; ao passo que o deputado federal Ruy Carneiro (PSDB), o deputado estadual Eduardo Carneiro (PRTB) e o vereador Milanez Neto (PTB) formariam o bloco dos “poderosos aliados”.

Correndo por fora, mas por dentro formando o bloco dos “também citados”, estão mais três: Adalberto Fulgêncio (secretário de Saúde), Edilma Ferreira (Educação) e Sachenka da Hora (Infraestrutura).

Os matemáticos do esquema, colocam mais dois ou duas, no caso: Ana Giovana (adjunta-Saúde) e Regina dos Santos (Controladoria), mas deixemos que o carnaval se aproxime para ver se elas engrossam mesmo esse bloco dos citados.

“Nós ainda não estamos definindo nome. Estamos discutindo perfil”, afirma o prefeito, ao ser questionado. Ele acrescenta que a gestão tem nomes não somente para ganhar, mas também para continuar governando bem a cidade.

Esse nome sairia no começo deste ano, mas como ainda não tem, para espantar as especulações desses primeiros meses, o prefeito cuidou de reunir o partido no domingo para iniciar outro trabalho: preparar a montagem de uma chapa forte e competitiva para a Câmara Municipal.

“Nós ainda não estamos definindo nome. Estamos discutindo perfil”, afirma o prefeito, ao ser questionado. Ele acrescenta que a gestão tem nomes não somente para ganhar, mas também para continuar governando bem a cidade



Diego Tavares, secretário municipal da PMJP; Zenedy Bezerra ocupa secretaria; Socorro Gadelha comanda a Habitação e Daniela Bandeira atende no Planejamento

Entre cotados, há os discretos e os favoritos

Não se sabe se por estímulo próprio ou do chefe, mas entre tantos pré-candidatos, há sempre aqueles que mais se destacam e que, às vezes, até aparecem e posam mais de favorito do que de secretário. No meio da semana passada, por exemplo, é claro que estava em mais uma tarefa de trabalho como secretário, mas o Diego Tavares desfilou e até almoçou no Restaurante Popular da Lagoa, num ar de candidato e de campanha danado.

Desconversava o quanto podia, estava sempre com outro assunto na ponta da língua, mas uma coisa

não pôde negar: parecia e até chegou a ser cumprimentado algumas vezes como pré-candidato. Além de secretário, ele é o primeiro suplente da senadora Daniella Ribeiro (PP). Parecido com Diego, Zenedy Bezerra passa uma, duas horas dando entrevistas sobre desenvolvimento urbano e não desvia seu recado, mas quando os microfones e gravadores são ligados, nem chega a ser ele, mas são os próprios entrevistadores que mudam o foco para as eleições de outubro e sobre como anda o ranking dele no grupo dos mais cotados.

Nesse grupo, é clara e notória

a posição mais discreta da dupla feminina: Socorro Gadelha e Daniela Bandeira realmente não são de puxar a conversa. Só entram quando são convidadas. E são convidadas demais. O mais recente exemplo disso se deu justamente na Assembleia Legislativa quando o presidente da Casa, o deputado Adriano Galdino, não fez cerimônia nenhuma para, de longe, e em meio a vários jornalistas, tratar Socorro Gadelha como “minha prefeita” e “minha candidata”.

Ela já havia admitido a possibilidade, mas disfarçou, desconversou, jogou tudo na conta de uma

velha amizade com Galdino. Nos momentos seguintes, por causa disso, foi obrigada a dar seguidas entrevistas com as perguntas mais sendo voltadas à sucessão municipal do que à habitação municipal que é sua área de trabalho.

Secretária de Planejamento, Daniella Bandeira, nega já ter tido conversas com o prefeito Luciano Cartaxo sobre a sucessão dele. Em entrevistas, faz questão de dizer que “o foco é o trabalho” e que quando for o momento oportuno, o prefeito apresentará o nome ideal para dar continuidade ao seu trabalho.

Aliados recebem e emitem sinais externos

Os pré-candidatos a prefeito que são aliados de Luciano Cartaxo e que esperam acenos de apoio dele (o deputado federal Ruy Carneiro, o estadual Eduardo Carneiro e o vereador Milanez Neto) estão com uma coisa em comum nas últimas semanas: começam a receber sinais externos no sentido de que também podem construir uma candidatura por outros caminhos.

“Não sou candidato e voto em Ruy Carneiro”, afirmou, no meio da semana passada, o ex-prefeito e ex-governador Cícero Lucena, subindo de baixa para alta a luz das pretensões do deputado federal tucano. Como já vem obstinando desde o ano passado, isso certamente deve animar Ruy que se diz preparado e que, além da experiência parlamentar estadual e federal, já disputou a Prefeitura da capital,



Deputado federal Ruy Carneiro tem experiência na disputa; vereador Milanez Neto é líder do prefeito na CMJP; deputado Eduardo Carneiro anunciou candidatura

justamente na primeira vez que o pleito foi ganho por Ricardo Coutinho em 2004.

Mesmo na condição de marinheiro de primeira viagem, em mandato parlamentar e em possível disputa majoritária, situação parecida vive o vereador Milanez Neto (PTB). No que pese a condi-

ção de líder do prefeito na Câmara, é do presidente do Avante, deputado Genival Matias, que Milanez tem recebido convite para disputar a prefeitura da capital. Milanez anda meio “quem eu quero não me quer/Quem me quer manda eu ir embora” no seu partido, os acenos também são no sentido

de que ele se afaste porque, para candidato a prefeito, quem já se lançou foi o deputado estadual Wilson Filho, filho do deputado federal Wilson Santiago que é presidente e manda mesmo no PTB.

E por falar em acenos, parece que é justamente por falta deles que, mesmo aliado de Luciano

Cartaxo, o deputado estadual Eduardo Carneiro (PRTB) já começou a espalhar por tudo quanto é rádio da cidade que é candidato “com e sem apoio do prefeito”. Pode ser. Bem votado em 2018, entregou uma cadeira na Câmara, assumiu outra na Assembleia e, pelo visto, nada a perder.

Citados têm outros projetos bem diferentes

Os três colocados mais como apenas citados do que propriamente como pré-candidatos (Adalberto Fulgêncio, Saúde; Edilma Ferreira, Educação; e Sachenka da Hora, Infraestrutura) têm lá seus motivos para aparecer apenas assim.

É que, Fulgêncio, por exemplo, no que pese já dispor de maior conhecimento por parte da população, ele vem de outros cargos e de muita militância iniciada desde os primórdios do PT, é outro projeto que ele acaba deixando de fato transparecer: vereador.

Admite à majoritária e se diz à disposição do bloco que segue a orientação do prefeito Luciano Cartaxo, mas correli-



gionários mais próximos garantem que, antes disso acontecer, ele já manifestava o desejo de disputar uma cadeira na Câmara

Municipal de João Pessoa. Quanto a Edilma Ferreira e Sachenka da Hora, o que as especulações apontam é que,

mesmo dando conta do recado enquanto gestoras, projeção no plano político e com chance de candidatura, elas só terão se,

como os demais, conseguissem aparecer. São mais discretas, também tem outros projetos e não gostam muito de aparecer.



Adalberto Fulgêncio cuida da saúde da prefeitura; Edilma Ferreira transita bem na educação municipal; Sachenka da Hora tem postura mais discreta

Estados e municípios veem o Pacto Federativo como saída

Governo e Congresso consideram o Plano Mais Brasil como uma das prioridades políticas para este ano

Da Agência Senado

O ano de 2020 podem mudar substancialmente as relações entre estados, municípios e União. Para isso, o Congresso analisa, entre outras inovações legislativas, o Plano Mais Brasil, tentativa do governo de descentralizar o controle do dinheiro e de racionalizar gastos, uma das prioridades do governo no ano legislativo. O plano é composto por três propostas de Emenda à Constituição (PECs) que devem ser votadas no primeiro semestre e, se aprovadas, enviadas para a Câmara.

A intenção do líder do governo, senador Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE), é levar a PEC da Revisão dos Fundos (PEC 187/2019) - que propõe a extinção de todos os fundos infraconstitucionais para "desamarar" o dinheiro destinado a eles - para votação no Plenário ainda em fevereiro. Em seguida, o governo espera que em março seja votada a PEC Emergencial (PEC 186/2019). Ela traz um ajuste fiscal gradual, com contenção do crescimento das despesas obrigatórias para todos os níveis de governo. Por fim, a PEC do Pacto Federativo (PEC 188/2019), pelo calendário de Bezerra, pode ser aprovada no Senado já em abril. Atualmente, as três PECs aguardam discussão e votação na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ).

Relator da PEC do Pacto Federativo, o senador Marcio Bittar (MDB-AC) já se mostra favorável à proposta. "Ela promove uma verdadeira transformação das relações institucionais e financeiras entre os entes nacionais porque consolida uma cultura fiscal com elementos fortes como austeridade, responsabilidade e sustentabilidade fiscal".

"Arrecadação e divisão de responsabilidades entre União, estados e municípios são o cerne da PEC", resumiu.

Educação

Bittar cita a educação como área beneficiada pela PEC do Pacto Federativo, por alterar o investimento público nessa área. Ele aponta que, apesar de o Brasil investir como os países mais ricos nas escolas, fica nos últimos lugares em qualidade da educação, como confirmou o último Programme for International Student Assessment (PISA-2018), uma avaliação feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para medir a qualidade da educação em diversos países.

Para o senador, o dinheiro aplicado de maneira errônea não traz mais qualidade de ensino. Ele aponta ser preciso enfrentar o que chama de "grandes mazelas": formação de professores, atualização de currículos, cobrança de resultados e atualização pedagógica.

Com o mote desobrigar, desindexar e desvincular, a PEC do Pacto Federativo pode trazer, segundo ele, a liberdade orçamentária e envolvimento da sociedade no ensino.

"Há muito trabalho por fazer e caminhos a serem trilhados; a PEC é o primeiro passo", afirmou o senador.

Plano é composto por três propostas de Emenda à Constituição (PECs) que devem ser votadas no primeiro semestre deste ano no Senado



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

Acompanhado de ministros, Bolsonaro entregou, em novembro do ano passado, o Plano Mais Brasil ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre

+ Mudanças na distribuição de repasses

O Plano Mais Brasil, apresentado pelo governo em novembro de 2019, foi um dos últimos atos de um ano em que o Pacto Federativo passou por reavaliação e discussão constantes no Congresso. Desde o início da legislatura, em janeiro de 2019, deputados e senadores trabalharam em várias frentes que podem dar mais fôlego orçamentário para governadores e prefeitos.

Desde 2018 parlamentares se debruçaram sobre novas regras de distribuição dos recursos arrecadados com o leilão de campos do pré-sal, ocorrido em novembro. Como resultado da negociação no Congresso, o Projeto de Lei (PL) 5.478/2019

foi aprovado 15 dias antes do leilão e, transformado em lei (Lei 13.885, de 2019), distribuiu 15% da arrecadação para estados (R\$ 5,3 bilhões), 15% para municípios e 3% (R\$ 1,06 bilhão) para o Rio de Janeiro, por ser o estado a que pertence a área marítima onde ocorre a extração petrolífera. Outros 67% foram para a União (R\$ 24,38 bilhões). A Petrobras ficou com R\$ 33,6 bilhões, para saldar uma dívida decorrente de ajuste no contrato original, feito em 2010.

Lei Kandir

No penúltimo dia de dezembro, o presidente Jair Bolsonaro sancionou a lei que prorroga

por mais 13 anos, ou seja, até 2033, o início da permissão para as empresas usarem créditos do ICMS sobre insumos (energia elétrica, telecomunicações e mercadorias) não utilizados diretamente na produção de bens que serão exportados (Lei Complementar 171, de 2019). Não fosse a prorrogação, os estados sentiriam o dinheiro minguar já neste ano.

Além do Plano Mais Brasil e das leis já promulgadas, o Senado já discute outras propostas que podem ter impacto decisivo na distribuição de recursos e responsabilidades entre os governo federal, estaduais e prefeituras

Proposta na CCJ

Projeto facilita instalação de agências financeiras estrangeiras

Foto: Marcos Oliveira/Agência Senado



Projeto que regulamenta o artigo 192 da Constituição recebeu parecer favorável do relator, o senador Tasso Jereissati

Da Agência Senado

Está pronto para entrar na pauta da Comissão de Constituição e Justiça

(CCJ) projeto de lei que facilita a instalação no país de novas instituições financeiras estrangeiras. O Projeto de Lei do Senado

(PLS) 536/2018- Complementar recebeu parecer favorável do relator, senador Tasso Jereissati (PSDB-CE), com duas emen-

das. Se for aprovado pela CCJ, o projeto deverá passar ainda pela CAE e pelo Plenário do Senado, antes de seguir para a Câmara dos Deputados.

De autoria do ex-senador Armando Monteiro, o projeto regulamenta o artigo 192 da Constituição Federal. O objetivo é determinar que o estabelecimento, a organização societária e o funcionamento das instituições financeiras no país, independentemente da residência ou domicílio das pessoas físicas ou jurídicas que detenham parte ou todo o capital da empresa, fiquem sujeitas à mesma regra.

Atualmente, a instituição financeira estrangeira que tenha interesse em operar no Brasil precisará, além da autorização do Banco Central, como as demais, de um decreto do

presidente da República que declare interesse do governo brasileiro na participação da instituição no Sistema Financeiro Nacional (SFN).

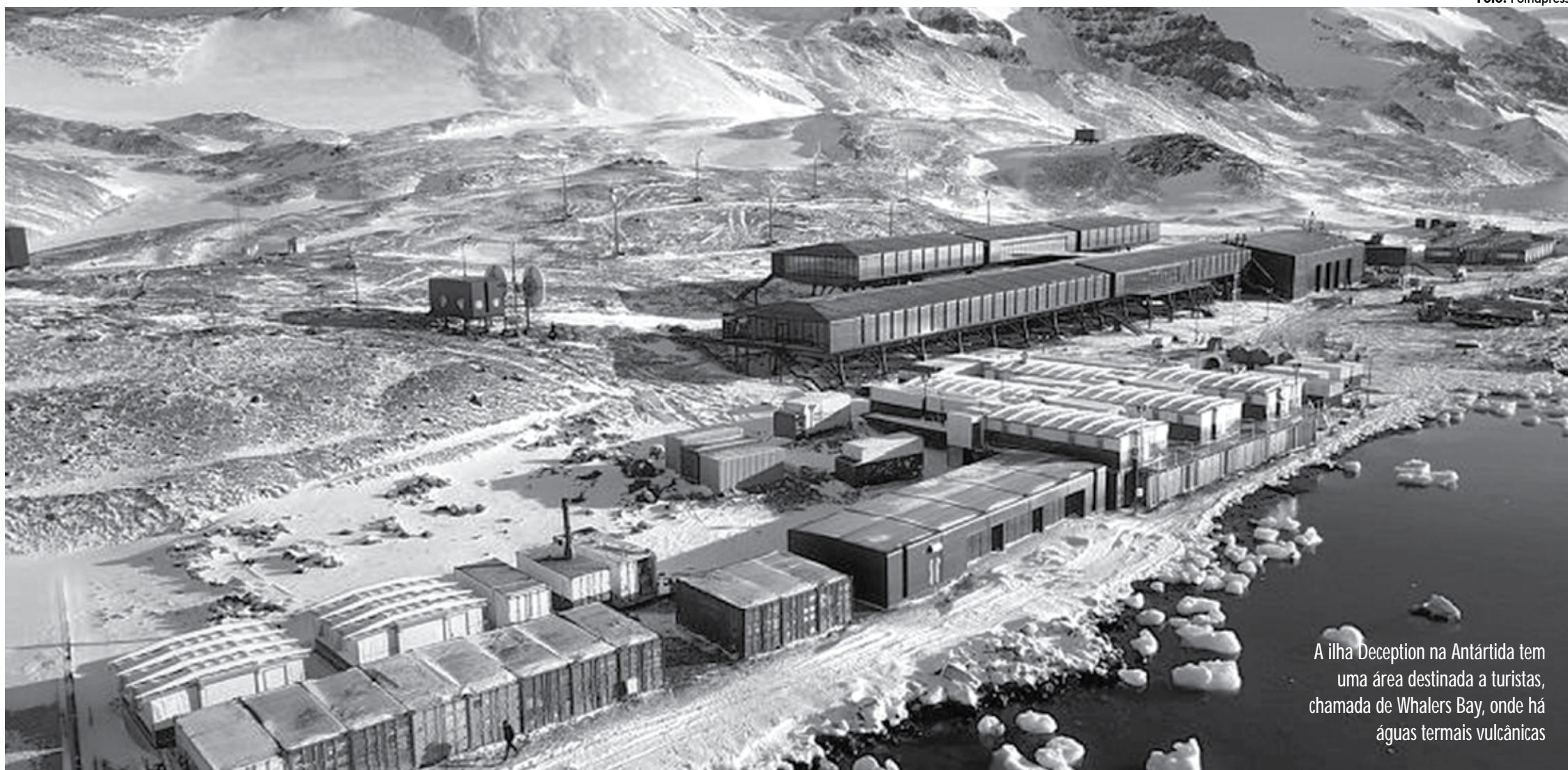
O autor justificou a proposta como uma das recomendações do relatório "Inovação e Competição: novos caminhos para redução dos spreads bancários (custos e margens da intermediação financeira)". O relatório foi feito por um grupo de trabalho criado por requerimento da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) em outubro de 2018.

Tasso Jereissati ressaltou que, recentemente, o presidente da República, Jair Bolsonaro, por meio do Decreto 10.029/2019, autorizou o Banco Central a reconhecer como de interesse brasileiro a instalação, no país, de novas agências de

instituições financeiras domiciliadas no exterior.

"Com a edição do referido Decreto, tornou-se desnecessária a autorização presidencial para cada instituição financeira estrangeira que tenha interesse em operar no Brasil. Entretanto, para garantir maior segurança jurídica ao investidor estrangeiro, é importante que as restrições à participação do capital estrangeiro no sistema financeiro nacional, ainda previstas em lei, sejam removidas", argumentou Tasso.

Das duas emendas oferecidas pelo relator, uma é apenas de redação. A outra altera a redação do artigo 18 da Lei 4.595/1964, que determina a necessidade de decreto do Poder Executivo para autorização do funcionamento de instituições financeiras estrangeiras no Brasil.



A ilha Deception na Antártida tem uma área destinada a turistas, chamada de Whalers Bay, onde há águas termais vulcânicas

Ilha na Antártida tem DNA de fungos, cebola e cannabis

Localizada a 152 km em linha reta da estação brasileira Comandante Ferraz, a ilha Deception tem a área destinada a turistas

Cláudia Collucci

Da Folhapress

Uma ilha na Antártida, localizada na cratera de um dos vulcões mais ativos do continente, tem funcionado como laboratório sobre o impacto que o turismo pode trazer ao arquipélago das ilhas Shetland do Sul.

Localizada a 152 km em linha reta da estação brasileira Comandante Ferraz, a ilha Deception tem uma área destinada a turistas, chamada de Whalers Bay, onde há águas termais vulcânicas. Cruzeiros de navio por lá chegam a custar cerca de US\$ 25 mil.

Pesquisadores dos pro-

jetos Bryoantar e Mycoantar, que estudam plantas e fungos, respectivamente, na Antártida, coletaram amostras do solo dessa região e compararam com outra, na mesma ilha, que é protegida e só acessada com licenças especiais.

Onde há turismo liberado foi encontrado, por meio de sequenciamento genético dessas amostras, DNA de plantas como a Cannabis sativa, cebola e uva. No lado protegido, nada disso foi achado.

“Não quer dizer que tenha o pé dessas plantas, mas pode ser que elas tenham sido introduzidas lá

por meio de pólen [trazido pelo vento] ou da comida, do cabelo ou do sapato de turistas”, diz o botânico Paulo Câmara, professor da UnB (Universidade de Brasília) que pesquisa plantas na Antártida.

Nessa técnica chamada de metagenômica, os pesquisadores coletam amostras do solo, da neve ou do ar.

No laboratório da Estação Comandante Ferraz, elas passam por reações químicas que possibilitam a extração do DNA das células, seguido de sequenciamento genético. Por fim, são comparadas com material genético existente em bancos de dados.

Ave leva base brasileira a fazer uma megaoperação

Cláudia Collucci

Da Folhapress

O projeto do heliponto da nova base científica brasileira na Antártida já estava pronto quando os técnicos descobriram que ali havia um grande tapete de musgo e um ninho de skua, uma ave polar que se reproduz na região.

Por conta do impacto ambiental que a remoção desse tapete poderia causar, a empresa chinesa que executou a obra para construir a nova estação foi orientada a transplantar o musgo para um outro local, sob supervisão dos fiscais do Ibama.

O tapete, com cerca de 650 metros quadrados, foi levado para um outro lugar próximo. A operação foi considerada o maior transplante de musgo da história, segundo o biólogo Paulo Câmara, pesquisador antártico que está escrevendo um artigo científico sobre o assunto.

Ele avalia que a recuperação da planta.

“Aparentemente o tapete está muito bem, saudável, crescendo. Agora a gente já sabe que o transplante de musgo é viável, pelo menos aqui na Antártida.”

E por que o musgo é tão importante por aqui? “Os tapetes de musgo são a Amazônia da Antártida. Não tem macaco pulando, arara voando, mas tem muitos organismos vivendo ali, é uma floresta em miniatura. Tem que olhar na lupa, no microscópio, o que tem lá.”

Entre os microrganismos que vivem ali está o tardígrado, uma criatura estranha e microscópica e se assemelha a um urso aquático. Por isso, é também conhecido como urso d’água.

E o que o animal mais resistente do mundo pode nos ensinar?

“Se a alguém pode ensinar a gente a não morrer é ele. Se tem alguma substância que o deixa à prova de bala, a gente pode aprender com ele. Se a gente remove o tapete de musgo, está removendo ele

e toda essa galera que consegue sobreviver nessas condições inóspitas.”

Uma pesquisa da Universidade de Tóquio publicada em 2016 na revista científica Nature Communications demonstrou que o bichinho tem uma proteína que protege o seu DNA. Ela teria potencial para ser uma fonte de novos genes e de mecanismos de proteção.

Eles desenvolveram em laboratório células humanas que produziram a mesma proteína e descobriram que ela também protegia as células, especialmente contra a radiação. Mas as do tardígrado se mostraram muito mais resistentes a raios-X do que as células humanas. Ou seja, a criatura tem outras cartas na manga, que mereciam ser mais bem investigadas.

E como terminou a história da ave skua e seu ninho? Teimosa, ela não desistiu. Voltou a fazer o ninho muito perto do heliponto, em outra área de musgo

Foto: Claudia Collucci/Folhapress



Projeto do heliponto da base do Brasil na Antártida descobriu que ali havia um grande tapete de musgo

Espécies chamam muita atenção

Com a mesma técnica, o microbiologista Luiz Rosa, professor da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), também conseguiu identificar DNA de fungos introduzidos na ilha Deception, na parte liberada para o turismo.

“Na área com turistas, detectamos fungos que causam doenças oportunistas em humanos, porque resistem a várias temperaturas. Em Whalers Bay, elas variam de 100°C a 0°C. Esses fungos crescem nesse ambiente”.

Os que mais chamam atenção são algumas espécies do gênero *Aspergillus*, que podem infectar o homem. As manifestações clínicas incluem infecções subcutâneas, reações de hipersensibilidade (aspergilose alérgica) e doença pulmonar (aspergilose pulmonar), que pode afetar pessoas imunodeprimidas.

“Nesse tipo de turismo de cruzeiros em Deception, há muitos idosos que ficam nas piscinas naturais como se fossem banheiras quentes. O frio afeta o sistema imune e as pessoas ficam mais suscetíveis a doenças que podem ser causadas por esses fungos oportunistas”, explica Rosa.

Segundo ele, foram encontrados *Aspergillus* que crescem a uma tempe-

ratura de 37°C, a temperatura corporal humana.

“Esse é o primeiro requisito para falar que um fungo é patogênico de humanos. Você pode pensar que na Antártica é muito frio, mas o fungo está lá. Cresce a 5°C, a 10°C, a 25°C e a 37°C”, afirma.

Segundo o microbiologista, os turistas tanto podem trazer essas espécies de fungo como podem ser infectados por aquelas que já estão circulando na ilha, caso o sistema autoimune esteja comprometido.

A partir desses achados, os pesquisadores vão monitorar o impacto ambiental na região. A Antártida é o lugar que mais aquece no planeta, então é possível que no futuro essas espécies invasoras tanto de fungos como de plantas se estabeleçam no continente, substituindo as nativas.

“Precisamos saber se aquilo que está chegando foi introduzido pelo homem, se a pessoa foi lá e plantou um pé de jaca ou se a planta chegou naturalmente [pelo vento, por exemplo] e merece estar ali.”

Isso só é possível com esse tipo de monitoramento, a partir dessa assinatura molecular que vai dizer de onde a planta ou o fungo veio.

Austrália anuncia ações para recuperar setor turístico do país

Governo vai investir 1,24 bilhão de euros para tentar reverter os impactos dos incêndios que já duram quatro meses

Da Agência Brasil
Especial para A União

O primeiro-ministro australiano, Scott Morrison, anunciou que vai investir 1,24 bilhão de euros na indústria do turismo como parte de um plano de recuperação do setor, diante dos incêndios que assolam o país há quatro meses.

Morrison explicou que pretende dar “um grande impulso” à indústria turística, mas disse que o plano será detalhado na próxima semana.

Um relatório do Conselho de Exportações e Turismo do país divulgado na sexta-feira (17) informa que o número de turistas que reservaram hospedagem na Austrália caiu entre 10% e 20% desde o início dos incêndios, em setembro, o que representa perdas para o setor da ordem dos 2,7 bilhões de euros.

“Os visitantes internacionais estão cancelando [suas reservas] devido a preocupações com a qualidade do ar, segurança e impacto dos incêndios”, explicou o

diretor-geral do conselho, Peter Shelley.

Os incêndios na Austrália já provocaram a morte de 28 pessoas e de milhões de animais e destruíram uma área maior do que Portugal.

As movimentadas cidades turísticas de Sydney e Melbourne estão, há semanas, envolvidas por uma névoa de fumaça tóxica.

“O governo e a indústria do turismo têm de passar urgentemente a mensagem de que muitos destinos turísticos imperdíveis não foram afetados pelos incêndios”, defendeu Peter Shelley.

Segundo o organismo dedicado ao turismo, os visitantes que mais têm cancelado suas reservas são dos Estados Unidos e da Europa, com especial destaque para o Reino Unido.

Os turistas destas duas grandes regiões do mundo são habitualmente responsáveis por metade das reservas anuais na Austrália no período de dezembro a fevereiro.

“Não há dúvida de que a nossa indústria será afeta-



Foto: Da Agência Brasil

Relatório do Conselho de Exportações e Turismo informa que o número de turistas que reservaram hospedagem na Austrália caiu entre 10% e 20% desde o início dos incêndios

da”, admitiu Peter Shelley, ao defender que, “quanto mais cedo se enviar uma mensagem forte e positiva [sobre

as possibilidades turísticas da Austrália], melhor”. O governo conservador australiano tem sido alvo de

fortes críticas por sua política e gestão dos incêndios, especificamente por não acreditar nas alterações climáticas, fator que os cientistas já disseram ser a razão principal para a crise que a Austrália vive.

A TECNOLOGIA
ABRE MUITAS PORTAS.
INCLUSIVE AS NOSSAS.

viajeganabara | viajeganabaraoficial | www.viajeganabara.com.br | 0800.728.1992



CHEGOU O EMBARQUE EXPRESSO
GUANABARA: COMPROU, VIAJOU.

A cada dia que passa, a Guanabara cria soluções inovadoras para que sua viagem seja sempre melhor. Desta vez, estamos lançando o Embarque Expresso, o seu novo Bilhete Eletrônico de Passagem. É muito mais praticidade e rapidez na compra e no embarque. Basta apresentar a passagem no seu smartphone e embarcar. Porque investir em facilidade e conveniência, é investir na sua satisfação.

G UANABARA



Porto passará por reforma para ampliar movimentação

Companhia Docas espera movimentar este ano dois milhões de toneladas em cargas, quase o dobro de 2019

Iluska Cavalcante
cavalcaneiluska@gmail.com

O Porto de Cabedelo espera movimentar, este ano, em torno de dois milhões de toneladas em cargas. O montante chega a quase o dobro do registrado em 2019, quando 1.082.357 toneladas foram movimentadas entre exportações e importações. Para isso, a Companhia Docas da Paraíba (Docas-PB) tem feito uma série de investimentos. A previsão é que, apenas em 2020, cerca de R\$ 20 milhões sejam aplicados em obras, com destaque para a pavimentação de todo o cais e área primária.

A presidente da Companhia Docas-PB, Gilmara Temóteo, ressaltou que a reforma fará com que a estrutura do porto acompanhe o seu crescimento. "A pavimentação, quando realizada, em 1930, foi pensada para aquele tempo. Hoje, temos um fluxo muito maior. Só para esse investimento, temos orçado R\$ 12 milhões. Pretendemos refazer a parte hidráulica e elétrica do porto e reformar os armazéns", informou. "Espera colher alguns frutos, este ano, que

já foram plantados com esses investimentos que estão chegando e aumentar a atratividade", disse.

O investimento total será de cerca de R\$ 120 milhões. Ele veio a partir da assinatura de um contrato com o Consórcio Nordeste, envolvendo os grupos Ipiranga, Petrobras e Raízen. Gilmara explicou que as empresas têm o período de até três anos para iniciar as reformas nas três áreas arrendadas.

"Elas ganharam leilões de três áreas no porto e têm uma meta para realizar o investimento. Com a reforma, serão construídos novos tanques e plataformas, além de ampliar os que já existem. Isso quer dizer que a gente vai receber mais navios e aumentar a movimentação", comentou.

Para expandir as atividades do porto, a Companhia Docas planeja investir este ano cerca de R\$ 20 milhões em obras



Concurso vai aumentar equipe da companhia

A partir do segundo semestre deste ano, a Companhia Docas dará início a um concurso público que deve ofertar cerca de 15 vagas para nível médio, técnico e superior. A presidente da companhia comentou que a expectativa é abrir vagas para as profissões nas áreas de direito, engenharia, administração e arquivologia, além de seis vagas para assistente administrativo.

Turismo

O Porto de Cabedelo tem recebido um investimento para dar início à movimentação de navios cruzeiros. Gilmara explicou que o planejamento para esse novo projeto teve início no fim do ano passado. "Foi construída uma passarela, que liga o berço 101 do porto, o mais próximo da fortaleza de Santa Catarina. Essa obra foi pensada e idealizada até pelo nosso governador João Azevêdo para que a gente deixasse pronto o porto e tivesse essa percepção de navio de cruzeiros", comentou.

Ela completou que o projeto está sendo discutido para ser colocado em prática. "Nós temos dialogado com o secretário de Turismo e o secretário de Desenvolvimento Eco-



Foto: Divulgação

Gilmara Temóteo, presidente da Docas

nômico para, assim que acabar esse período de alta estação, visitarmos as empresas que operam navios de cruzeiro e tentar atrair algumas dessas empresas para Cabedelo, para fazer rotas esse ano ou a partir do próximo ano", ressaltou.

Sobre o porto

Em média, o Porto de Cabedelo recebe entre oito a dez navios por mês. Gilmara Temóteo enfatizou que essa movimentação é importante para a economia do município e do Estado. Tanto pela geração de emprego e renda, como pelos impostos arrecadados. "A gente sente o calor daquela economia quando tem um navio operando no Porto de Cabedelo. Os navios da Marinha, por exemplo, têm uma população com cerca de 200 homens; eles alugam carros, saem para fazer feira, consomem produtos em restaurantes, geram economia. Sem falar na geração de impostos, o Porto de Cabedelo é o principal pagador de ICMS e ISS ao Estado e município", comentou.

Além da geração de renda, muitos produtos importantes chegam ao Estado através do porto, como o combustível, que equivale a 40% de toda a movimentação. "Todo o trigo que chega no Estado passa por Cabedelo; são cargas que vêm muitas vezes da Argentina, às vezes do Uruguai e que vão para as fábricas. A gente produz a matéria-prima de produtos que, muitas vezes, as pessoas não sabem que passou pelo porto".

Lei prevê pena alternativa para crimes não violentos

Pacote anticrime sancionado em dezembro deve contribuir para a redução da população carcerária no Brasil

Danielle Brant
Folhapress

BRASÍLIA, DF - Sancionada em dezembro, a lei anticrime tem dispositivos que podem ajudar a reduzir a população carcerária, ao permitir acordos com acusados por crimes não violentos e com penas mínimas inferiores a quatro anos, como furto e estelionato.

A lei consolida mudanças propostas pelos ministros Alexandre de Moraes (Supremo Tribunal Federal) e Sérgio Moro (Justiça e Segurança Pública) em pacotes de prevenção e combate a crimes enviados ao Congresso em 2018 e no ano passado, respectivamente.

///O acordo de não persecução penal desafoga o sistema, justamente por ser aplicado a crimes com penas mínimas menores que quatro anos, ajudando a diminuir a população carcerária ///

O acordo de não persecução penal, regulamentado na lei anticrime, fazia parte do projeto apresentado por uma comissão de juristas na Câmara presidi-

da por Moraes. O texto foi incluído no relatório final do pacote anticrime pelos deputados que fizeram parte do grupo de trabalho encarregado de analisar e aperfeiçoar as sugestões de Moraes e Moro.

O acordo de não persecução penal permite ao Ministério Público negociar com réus que confessarem ter cometido infrações médias.

Em troca, receberão penas como prestação de serviço comunitário ou pagamento de multa, por exemplo.

Para ser passível de acordo, o crime precisa ter pena mínima inferior a quatro anos, sem violência ou grave ameaça.

Além de furto e estelionato, poderiam ser qualificados delitos como apropriação indébita, evasão de

divisas, gestão temerária, contrabando e corrupção, entre outros.

Pela lei, reincidentes e autores de crimes de violência doméstica ou familiar não poderiam ter acesso ao instrumento legal.

Pela regra aprovada, o acordo não poderá constar da certidão de antecedentes criminais, a menos que o réu tenha sido beneficiado por outro pacto do mesmo tipo nos cinco anos anteriores à infração. Se for cumprido integralmente, a punição será extinta.

Especialistas veem o dispositivo como um avanço penal, ao permitir que infrações menos graves possam

ter como sanções penas alternativas.

“A não persecução nesses casos, com a imposição de uma série de condições a quem confessa o fato, como reparação do dano, prestação de serviços à comunidade e prestação pecuniária, oferece uma resposta jurídica adequada a esses crimes menos graves, assegurando os interesses das vítimas”, avalia Juliano Breda, presidente da comissão especial de garantia do direito de defesa da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

Cárcere

O acordo também é visto como um passo para reduzir a superlotação carcerária no país.

Segundo dados do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), o Brasil tinha, em julho do ano passado, mais de 800 mil presos. Mais defasados, dados do Depen (Departamento Penitenciário Nacional) indicavam que, em junho de 2017, havia 726,3



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

O ministro da Justiça, Sérgio Moro, apresentou a proposta de mudanças na legislação, incluindo o dispositivo da não persecução penal

mil detentos provisórios no Brasil – aqueles que ainda não receberam condenação da Justiça.

O déficit estaria hoje em 303 mil vagas (a taxa de ocupação supera 171%), segundo o último levantamento oficial.

“Embora a discussão tenha sido feita às pressas, o acordo de não persecução penal desafoga o sistema, justamente por ser aplicado a crimes com penas mínimas menores que quatro anos, menos graves. Ajuda a diminuir a superpopulação carcerária do país”, diz Emília Malacarne, sócia do escritório de advocacia Souto Correa.

Ela, porém, vê como efeito colateral do pacto um potencial excesso de imputação por parte do Ministério Público.

“Ou seja, para evitar que

o réu tenha direito ao acordo, o promotor, que poderia oferecer uma denúncia por um fato só, como por corrupção, poderia enquadrar a conduta em vários delitos, como corrupção, organização criminosa e lavagem de dinheiro”, afirma.

Com isso, critica, “a soma das penas mínimas ultrapasse quatro anos e não possa ser oferecido o acordo ao réu”.

O acordo também esbarra em outro problema: não tratado pela lei anticrime: o direito de defesa no Brasil.

“A esmagadora maioria

da clientela é atendida pela Defensoria Pública, que, pelo volume, não consegue atender bem todos. O sistema de acordo funciona bem quando os dois estão em pé de igualdade para negociar”, afirma Davi Tangerino, professor da FGV-SP e sócio do escritório DTSC.

///A esmagadora maioria da clientela é atendida pela Defensoria Pública, que, pelo volume, não consegue atender bem todos. O acordo funciona bem quando os dois estão em pé de igualdade ///

a defensoria e recebe o conselho de aceitar a pena mínima. Vão fazer um acordo com medo de cenário pior sem ter o devido aconselhamento da defesa”, diz.

Para ele, sem acesso a uma defesa qualificada, o sistema tende a gerar mais acordos com potenciais inocentes, pessoas que não receberiam assessoramento correto no processo e que, por isso, aceitariam uma negociação ruim.

“Só uma pequena parcela da população tem acesso a advogados de boa qualidade”, afirma.

Para Rogério Taffarello, sócio do escritório Mattos Filho, a lei anticrime é um passo na direção correta, mas o Brasil ainda estaria na metade do caminho a trilhar.

“A maioria das previsões em relação a acordos é acertada”, afirma ele. “Estamos fazendo experimentos, o saldo é positivo, mas há problemas, e a gente vai continuar debatendo esses assuntos e discutindo o aprimoramento.”

Toca do Leão

Fábio Mozart

Flora vai brotar na dinastia Mozart

Em uma das mais belas canções de Vital Farias, “Sete cantigas para voar”, o poeta dá notícias da “cantiga de moça lá no cercado que canta a fauna e a flora e ninguém ignora se ela quer brotar”. Flora vem a ser filha do meu filho mais novo, o músico Max Mozart.

Flora Mozart está programada para despontar neste horto em meados de abril. Deve carregar o signo de Touro. Marulino, o avô do Imperador Adriano, acreditava nos astros. Sem convicções nem fé, o avô de Flora Mozart ainda assim tem confiança de que essa menina vai nascer trazendo as características de paciência, bom gosto, sensibilidade e um pouco de teimosia. Herdando do pai o espírito melódico, deverá ter uma vida suave e harmoniosa. Em conformidade com o almanaque de Madame Preciosa, a taurina desta fase combina o elemento terra com a lua, o que leva ao desenvolvimento de personalidade segura e generosa. Se tiver o planeta Vênus como regente, será afetuosa, gentil e delicada.

Delineado seu Mapa Astral, minha atenção lírica concentra-se no domicílio de Flora Mozart, jardim onde ela vai crescer e desen-

volver seu ego botânico e sua fitologia. Sendo uma flor nordestina, teria o nome científico de Flora Brasiliensis Africum. Do avô talvez ganhe traços do perfil que fez de mim o compadre Manuel Batista: “Fábio Mozart foi um cara que por aqui passou, meio louco, meio sereno, meio avoador, meio excêntrico, meio líder, meio sério, meio violador de costumes”. Sobre o ecossistema onde viverá Flora, reorganizo a poesia de Águia Mendes: “Há quatrocentos anos eu sonho uma casa no mundo, alcova com beira-mar, retreta lunar, pomares em órbita, sala de estar com sol poente, terraços com auroras boreais e montanhas carnavais”.

Quando nasceu meu primeiro neto, Ravi, filho do meu outro filho Arnaud Neto, eu escrevi na Toca do Leão: “Todas as noites eu penso em tempos de bem virá, como na canção de Geraldo Vandré, e faço oração silenciosa a uma divindade não neurotizante para que sejam ditosos os futuros dias das minhas pessoas e instituições queridas, quando seu tempo não for o meu tempo, mas que de alguma forma eu esteja perpetuado na genética

dos parentes ou na corrente eterna dos adeptos das paixões inexplicáveis por um time de futebol, por exemplo.

A gente se inventa e se descobre humano quando interage com esses apegos. Mesmo embalado na minha desesperança e falta de fé na humanidade, uma miragem profícua mostra os dias de amanhã mais felizes para os que são sagradamente meus.

Resumindo: cinquenta anos depois que eu morrer, ninguém se lembrará de mim, mas meu neto Ravi certamente estará dando seu esforço para melhorar o mundo e meu glorioso Fogão estará seguindo sua trilha de imortalidade esportiva.

A nossa geração, que passou por tantas provações, tem o dever de pensar no futuro com esse olhar crédulo. Enquanto isso, ficamos aqui gemendo as dores da idade, mas ainda aprendendo, lendo, colecionando camaradas, gritando gol e fluindo a afeição dessas criaturinhas milagrosas como só sabem ser os pirralhos.

Outro dia acordei e tinha sessenta anos. Percebi na ocasião que eu não sou intelectual,

poeta talentoso ou sabedor do bê-á-bá de qualquer ciência do conhecimento humano. Sou apenas um sobrevivente da terceira idade arrumando as malas para atravessar o grande rio. À margem, deixo uma carga considerável de encantamentos e ideais, alguns concretos, muitos sonhados. De tangível, apenas os seres procriados que continuarão a linha ascendente da dinastia Mozart. É uma profanação não me sentir grato por esses prodígios da vida”.

///A gente se inventa e se descobre humano quando interage com esses apegos. Mesmo embalado na minha desesperança e falta de fé na humanidade, uma miragem profícua mostra os dias de amanhã mais felizes para os que são sagradamente meus. ///

Estudo descarta maconha no tratamento de dependentes

Pesquisadores contestam uso recreativo da erva para a redução dos danos causados pela cocaína e pelo crack

Maria Fernanda
Agência Fapesp

Pesquisa brasileira publicada na revista "Drug and Alcohol Dependence" contesta o uso recreativo de maconha como estratégia de redução de danos para dependentes de crack e cocaína em reabilitação. Dados do artigo indicam que o consumo da erva piorou o quadro clínico dos pacientes em vez de amenizar, como esperado, a ansiedade e a fissura pela droga aspirada ou fumada em pedra (crack).

O estudo acompanhou um grupo de dependentes por seis meses após a alta da internação voluntária de um mês no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (HC-USP). Os pesquisadores do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas (GREA) e do Laboratório de Neuroimagem dos Transtornos Neuropsiquiátricos (LIM-21) da Faculdade de Medicina da USP constataram que a maconha prejudica as chamadas funções executivas do sistema nervoso central, relacionadas, entre outras atividades, com a capacidade de controlar impulsos.

"Quando as políticas de redução de danos foram implementadas no Brasil, para usuários de cocaína e crack, não havia comprovação de que seriam benéficas. Os resultados deste estudo descartam completamente essa estratégia para dependentes de cocaína", disse Paulo Jannuzzi Cunha, autor do artigo.

Foram incluídos na pesquisa 123 voluntários divididos em três grupos: dependentes de cocaína que fizeram uso recreativo da maconha (63 pessoas), dependentes de cocaína que não consumiram a erva (24) e grupo controle (36), composto por voluntários saudáveis e sem histórico de uso de drogas.

Um mês após receberem alta, 77% dos dependentes de cocaína que fumaram maconha mantiveram a abstinência. Já entre aqueles que não fizeram uso de maconha, 70% não tiveram recaídas.

Mas três meses após a internação a situação se inverteu e a estratégia de redução de danos mostrou-se pouco efetiva. Entre os que não fumaram maconha, 44% permaneceram sem recaídas, enquanto só 35% dos que fizeram uso recreativo da maconha mantiveram-se abstinentes. Ao fim dos seis meses de acompanhamento, permaneceram sem recaídas 24% e 19% dos voluntários, respectivamente, mostrando que os pacientes que usavam maconha acabaram recaindo mais no longo prazo.

"Os resultados desbancam a hipótese de que o uso recreativo de maconha evitaria recaídas e ajudaria na recuperação de dependentes de cocaína. Um quarto daqueles que não fumaram maconha conseguiu controlar o impulso de usar cocaína, enquanto só um quinto não teve recaída entre os que supostamente se beneficiariam da estratégia de redução de danos", disse o psiquiatra Hercílio Pereira de Oliveira Júnior.



Foto: Código19/Folhapress



Foto: Pixabay

Pesquisadores analisaram o efeito da maconha em dependentes de crack e cocaína em tratamento. O resultado do estudo mostrou que a erva causou danos cognitivos ainda maiores nos pacientes, além de levar à recaída mais facilmente. "Os resultados deste estudo descartam completamente essa estratégia para dependentes de cocaína", afirma Paulo Jannuzzi Cunha, autor do artigo sobre o assunto

+ Prejuízos cognitivos

De acordo com os resultados, os dois grupos de dependentes de cocaína em reabilitação apresentaram déficits neurocognitivos importantes em tarefas que incluíam memória operacional, velocidade de processamento, controle inibitório, flexibilidade mental e tomada de decisão, quando comparados ao grupo controle.

Porém, aqueles que fizeram uso recreativo de maconha apresentaram resultados ainda piores em relação às chamadas funções executivas – relacionadas à capacidade de sustentar a atenção em determinados contextos, memorizar informações e elaborar ou planejar comportamentos mais complexos. Também apresentaram lentidão no processamento mental e maior dificuldade para frear impulsos.

Durante todo o projeto foram realizados testes cognitivos e exames de neuroimagem. Os voluntários também fizeram exames de urina para verificar o eventual uso de drogas.

"Um dos limitadores do nosso estudo foi a impossibilidade de analisar o tipo de maconha usada pelos voluntários. Era a droga que eles consumiam em casa ou no seu contexto social", disse Cunha.

Um preparado de maconha é composto por pelo menos 80 tipos diferentes de canabinoides. Dois deles têm maior relevância: o THC, associado aos efeitos de relaxamento da droga, à dependência e a danos neurológicos; e o canabidiol, que poderia modular os efeitos do THC. "Nosso trabalho não envolveu uma avaliação específica dos possíveis efeitos do canabidiol, que pode até ter potencial terapêutico, mas se apresenta em proporção muito menor na maconha fumada e é muito difícil de ser extraído puro da Cannabis", disse.

Dados do artigo também indicam que, quanto mais precoce foi o uso de maconha e cocaína na vida dos dependentes, maiores as chances de recaída durante a reabilitação por cocaína.

Cada droga tem peculiaridades

O uso de substâncias como a metadona (narcótico do grupo dos opioides) tem sido considerado uma estratégia de redução de danos eficaz na reabilitação de dependentes de heroína e outras drogas injetáveis, atingindo, desde os anos 1990, determinado sucesso em diferentes países.

Com base nos resultados com dependentes de heroína, trabalhos anteriores não controlados vinham sustentando a hipótese de que o uso recreativo da maconha poderia ser também uma estratégia eficaz na redução da fissura em dependentes de cocaína e crack. "Isso resultou, inclusive, na implementação de organizações na área de redução de danos e políticas públicas que indicavam o uso da maconha fumada como estratégia para redução da ansiedade e fissura pelo uso de cocaína. Nosso estudo contradiz esse tipo de estratégia", disse Oliveira Júnior.

Cunha explica que a diferença de resultados na política de redução de danos entre usuários de heroína e cocaína ou crack se dá pelas peculiaridades de cada droga. "A abstinência por heroína traz sintomas corporais, fisiológicos e biológicos muito rapidamente. Se o usuário fica sem um opioide, começa a suar frio, passar mal, pode ter convulsões e problemas físicos graves", disse.

O pesquisador afirma que uma estratégia farmacológica de redução de danos que ajude na remissão dos sintomas e que seja um passo intermediário até que o paciente consiga se manter abstinente é completamente apropriada.

"Já o usuário de cocaína em abstinência vai ter mais sintomas de humor,

como irritabilidade e depressão. Pode ter uma depressão logo após cessar o uso, mas nada equiparável aos efeitos físicos observados em usuários de drogas injetáveis. Por isso, nesse caso, são importantes as estratégias comportamentais que ensinam o paciente a lidar melhor com as emoções e o ajudam a se manter sem uso de drogas, sendo bem mais eficientes em longo prazo", disse.

Abordagens

De acordo com os pesquisadores, as abordagens mais indicadas são terapia cognitivo-comportamental, manejo de contingências (reforço de comportamentos desejáveis) e o tratamento médico-psiquiátrico de eventuais doenças associadas, como depressão, transtornos de ansiedade e transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH).

Esses transtornos mentais tendem a ocorrer, em muitos casos, paralelamente à dependência química e prejudicam a aderência ao tratamento e a recuperação do paciente. "Um tratamento integrado e com base em evidências científicas tem mais chance de apresentar eficácia no médio e longo prazo. Além do atendimento multidisciplinar, é indicada a participação em grupos de apoio formados por ex-usuários", disse Cunha.

No que concerne à internação, o grupo do LIM-21 defende que seja feita apenas durante o período de desintoxicação dos dependentes químicos. Cunha enfatiza a importância de a reabilitação ser conduzida em caráter voluntário e sem isolar o paciente da sociedade, tendo em vista que se trata de um processo passível de recaídas.

Ele fez graduação e mestrado em Psicologia pela UFPB, é especialista em Psicanálise e, depois de anos atendendo no consultório, resolveu criar o canal no Youtube "Nós da questão" para orientar os internautas sobre relacionamento afetivo. O canal fez tanto sucesso que o psicólogo paraibano Marcos Lacerda já tem mais de meio milhão de pessoas inscritas. Ele foi convidado por uma editora de São Paulo para escrever um livro sobre o tema, que já foi lançado no Sudeste do país. "Amar, desamar, amar de novo" deverá ser lançado em João Pessoa no primeiro semestre deste ano.

. Parece que a solidão das pessoas está aumentando, mesmo nessa época de tanta conectividade...

- A solidão sempre existiu. O que acontece é que com a internet as coisas ficam mais à mostra. Antigamente as pessoas procuravam relacionamento pelas cartas, pelo rádio. Hoje em dia é tudo digital, mais rápido, mas hoje se namora a distância também, pela internet. A solidão e o vazio humano sempre existiu. Se não fosse assim, histórias de quatrocentos anos, como a de Romeu e Julieta, não estariam valendo. Agora, neste tempo de tecnologia, tudo fica mais exposto. Esses novos instrumentos tornam mais claras a ferida humana chamada solidão. Todos nós nos sentimos muito carentes. É um vazio existencial que nos faz humanos, e que não conseguimos preencher.

. As pessoas estão sempre procurando algo ou alguém para preencher.

- Sim, mas não é encontrado no outro e

Entrevista Marcos Lacerda

Psicólogo



Foto: Divulgação

nem em nada. A gente tem que aprender a conviver com isso. O desejo, por definição é algo que nunca se realiza. Cada vez tem um novo, ele sempre escorrega para outro lugar. A gente tem que aprender a administrar esse vazio. Nós somos os únicos animais que sabemos que estamos vivos e que vamos morrer. Isso cria esse vazio que temos que administrar.

. Quais as mudanças de comportamento que o senhor vê com a internet, nas relações pessoais?

- As pessoas estão cada vez mais intolerantes. Se o outro não for exatamente o que eu espero, eu deleto imediatamente. Vivemos um tempo que a resposta é a não resposta. Isso, acho muito ruim. As pessoas não respondem mais. Não se tem mais nem a cortesia de dizer a verdade. As pessoas estão vivendo num mundo, com a descartabilidade da internet, sem tolerância para suportar o outro, como ele é. Ou você é como eu quero ou eu descarto. É como jogar o sanduíche todo fora porque eu não gosto

de alface. Não dá para tirar o alface ou comer com alface mesmo, já que tem outras coisas gostosas?

. Você acha que é uma fase?

- Estamos numa frase de transição na internet. Quando o homem inventou a imprensa, levou um tempo para organizar isso, se usou a imprensa perversamente. A internet a gente ainda não sabe usar e ainda estão criando leis. Estamos numa transição.

Muita gente diz que as redes sociais são uma farsa. O que acha?

. O conceito de privacidade mudou, não é mais como antes. Você precisa ver muito bem quais as marcas que vai deixar, principalmente, com o que posta nas redes sociais. Se você quer que seja privado, não deve dizer. Muita gente diz que as redes sociais são uma farsa, às vezes tem um casamento infeliz e posta fotos de felicidade do casal. Mas é preciso saber que o que aparece nas redes sociais é um recorte da vida de alguém. Não é a pessoa, nem a vida dela toda. E se alguém curte ou descurte, não é a mim, e sim a um recorte. É como um porta retratos na casa de alguém. São os melhores momentos. Não vou postar um café da manhã apenas com bolacha e café, e isso não quer dizer que não exista. Se eu sou muito curtido nas redes sociais é apenas um aspecto da minha vida. As pessoas me amam na internet, mas isso não quer dizer que eu seja amado fora dela.

. Como surgiu a ideia do canal no Youtube?

- Eu queria democratizar a psicologia, que é cara e nem todo mundo tem acesso. Sem fazer psicoterapia, claro. O Estado pagou para eu estudar, me formar, me especializar, fui para fora do país, e eu devolvo como isso para a população. Então achei a internet um bom caminho. Aí comecei a compartilhar conteúdo para que as pessoas tenham ferramentas para reorganizar as próprias vidas e seus afetos. Tenho mais de seiscentos mil seguidores e vídeos com quase dois milhões de visualizações. Não cobro, e já recebi diversas propostas, mas não quero. É uma devolução que eu estou fazendo.

. Fala sobre o livro.

- A Editora VR através do selo latitude me convidou para escrever o livro "Amar, desamar, amar de novo". O livro trata de amar, em todas as suas formas. Fala de encontrar-se com si mesmo. As pessoas me perguntam muito "O que eu faço" E eu digo no livro que ninguém deve permitir que alguém lhe diga o que fazer. É uma construção, a resposta. O livro foi feito sem fórmulas, mas trago muitos casos de consultório que as pessoas podem entender. A gente não vive sem amor. Foi lançado em novembro no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. A aceitação foi muito legal. Tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas que me seguem no canal. Os lançamentos têm palestras, abro para perguntas e depois os autógrafos. Está sendo mais um instrumento de devolução social, as pessoas precisam ter acesso à informação, sem ter que pagar caro por isso. Vivemos num país muito carente.

Divulgação

Esta semana estão chegando a João Pessoa os jornalistas de peso, a convite da Empresa Paraibana de Turismo, PBTur. São Paula Bedran, que vai fazer reportagem sobre turismo ecológico em Barra de Camaratuba, com apoio da Pousada Iemanjá Toré, e fará também reportagem sobre as belezas de João Pessoa, hóspede aqui do Hotel LS, em Manaíra, e fará também a cobertura do desfile de Ronaldo Fraga, dia 29, no Salão do Artesanato. Eduardo Vanini, que é editor de moda do jornal O Globo, vem divulgar o desfile do dia 29, com apoio do Hotel Hardman.



COLUNA do Meio

Por Rosa Aguiar
rosacdaguiar@gmail.com



Parabéns

Ana Maria Ferreira Nóbrega, Ana Michele Freire de Araújo, Érico Dutra Sátiro Fernandes, Eunildes Ayres, Evaldo de Andrade Sabino, Fernando Antônio Cavalcante, Márcia Hannah Gama, Amorim, Marianna Magalhães, Maria Tereza Sales de Lima, Olíndina Batista, Robson Marcelo Muniz, Simone Cartaxo Rangel e Waldir Onofre Honório.

Bond

Esta semana se especulou na mídia que o novo filme do espião mais famoso do cinema, James Bond, seria interpretado por uma mulher. Mas a produtora de James Bond, Barbara Broccoli, desmentiu os boatos. Ele pode, entretanto, ser interpretado por um ator negro ou de outra etnia, disse ela, que ressaltou que ele tem que ser homem, ventilando a possibilidade de incluir mulheres mais fortes no filme, e menos Bond Girls. O ator inglês Daniel Craig deixará o papel depois de décadas e cogita-se que o novo James Bond seja Idris Elba.

No Canyon

O badalado restaurante Canyon de Coqueirinho, na praia do mesmo nome no Litoral Sul, um dos lindos e agradáveis restaurantes da área, onde já passaram muitos famosos, vai ganhar uma enorme obra de arte. Quem anuncia é a empresária Ana Luíza Mendonça, proprietária do Canyon. Será uma grande escultura assinada pelo artista Luiz Gagliastri. A peça é um peixe marlin, de 8 metros de altura, feito de aço inoxidável e cercado por um espelho d'água. A inauguração da obra, que ficará na entrada do restaurante, será nos próximos dias.



Fotos: Osmar Santos

Arquiteta Geórgia Suassuna, em close para a coluna

TECNOLOGIA

Vamos vivenciar muitas novidades chegando com a tecnologia. A Fiat Chrysler Automóveis e a rede McDonald's no Brasil anunciaram uma parceria para tornar a experiência na rede de alimentação cada vez mais simples e ágil. Diretamente pelo carro, será possível acessar o cardápio do McDonald's, escolher o que deseja pedir, pagar e decidir qual restaurante melhor se encaixa em sua rota. A expectativa é de que os testes com os consumidores comecem neste primeiro semestre de 2020.

NOVA DIRETORIA

Diretores da Associação dos Plantadores de Cana da Paraíba – Asplan prestigiaram a eleição da nova direção do Sindicato dos Produtores Rurais de Caaporá/Alhandra/Pitimbu/Conde. Dácio Martins foi reeleito presidente do Sindicato junto a Sérgio Ricardo Martins, o vice-presidente, que também é o atual superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR-PB). O diretor-secretário da Asplan, Raimundo Nonato Siqueira, é suplente da direção do novo sindicato.

Campanha

O HUB 360, espaço colaborativo voltado para inovação e empreendedorismo, realizou uma campanha especial de Natal, voltada para os idosos da Vila Vicentina. Nesta campanha, foram arrecadados aproximadamente 40kg de alimentos e materiais de higiene pessoal, que foram destinadas a instituição que acolhe setenta e cinco idosos em João Pessoa. A campanha despertou nos fundadores o desejo de fazer ainda mais, e realizar campanhas solidárias durante o ano inteiro. "Temos um grande fluxo de pessoas que passam pelo prédio, sejam empreendedores, visitantes ou alunos dos cursos. A ideia é destinar permanentemente um espaço no HUB para que todos possam se engajar e oferecer donativos aos mais carentes.



A dama Cleimilde Pereira, em evento social



Advogado Levy Borges com a esposa, Mariza e a filha, Fabiana Borges



Paraibano brilha no futevôlei em competição internacional

Henrique Alexandre, que é também presidente da Federação, foi vice-campeão em torneio mundial na Holanda

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Henrique Alexandre, pessoense de 34 anos, é hoje presidente da Federação Paraibana de Futevôlei (FPB-FUT) e professor no Centro de treinamento que leva o seu nome na orla do Cabo Branco em João Pessoa. Ele divide suas atividades entre os treinos que coordena para alunos a partir dos 12 anos de segunda a quinta-feira, pela manhã a partir das 6h e de noite às 19h15 e as atividades visando estabelecer um novo momento para o futevôlei na Paraíba. O esporte é um dos que mais crescem no país e junto com modalidades como a autinha, o futmesa e o beach tênis tem tomado conta das praias do Brasil e do mundo. Tendo recentemente disputado uma competição internacional na Holanda, onde ficou com a medalha de prata, Henrique conversou com a reportagem de A União em entrevista exclusiva para a edição desse domingo.

A União - Como você começou no futevôlei e o que te fez buscar esse esporte para a sua vida profissional?

Henrique Alexandre - O fator principal foi um cara chamado Hermes Francisco Barbosa Junior, mais conhecido como "Pará" e que tive a sorte de ser meu tio. Ele foi atleta de futebol com passagem especial pelo Bangu-RJ e posteriormente conheceu o futevôlei, onde foi responsável por me apresentar o esporte e me incentivar a praticar tanto o jogo no campo como na areia, além de ser conhecido como uma verdadeira lenda do esporte no Brasil. É graças a ele que hoje posso me considerar um atleta profissional de futevôlei e viver desse esporte. Minha história nos gramados acabou sendo curta, pois tive uma lesão no joelho que me tirou do futebol e me levou em definitivo para o futevôlei, ainda assim joguei na base de vários clubes entre eles o Botafogo e CSP aqui da Paraíba, o Sport-PE, Bangu-RJ e Fluminense-RJ.

A União - Você já teve a oportunidade de jogar fora do Brasil, voltar para o país, se graduar em educação física e hoje possuir um CT onde funciona a sua escolinha da modalidade em João Pessoa, uma das maiores do estado e que já está a muitos anos em funcionamento. Como foi o processo para chegar nesse estágio?

Henrique Alexandre - No futevôlei, posso dizer que me profissionalizei e foi onde tive a oportunidade de jogar no exterior, especialmente em Israel onde, junto com meu tio Pará, fomos alguns dos responsáveis pela implantação do esporte naquele país, que hoje é uma das potências em nível mundial. Depois desse período fora, retornei ao Brasil e me dediquei aos estudos me formando em Educação



Para Henrique Alexandre, o futevôlei é um a modalidade esportiva que vem crescendo muito no estado e é grande a procura da garotada pelas escolinhas

Física. Com o diploma e o conhecimento que ele me trouxe, resolvi somar a minha paixão pelo esporte com o trabalho de educador físico, e assim, montei minha escolinha e Centro de Treinamentos de Futevôlei - funciona na frente da Empadinha Barnabé na praia de Cabo Branco - onde já estamos há sete anos funcionando, e graças a Deus, tem nos trazido muitos frutos dentro e fora do esporte.

A União - Atualmente você preside a FPB-FUT. Em que nível de organização está a entidade, quais competições existem na Paraíba e que projetos estão sendo pensados para a modalidade no estado?

Henrique Alexandre - Hoje em dia, estou à frente da Federação Paraibana de Futevôlei, que é vinculada à Confederação Brasileira de Futevôlei (CBFV), onde estamos buscando retomar as ativida-

des e estabelecer um calendário de etapas estaduais que possa culminar em uma liga paraibana fixa para o esporte. Dessa forma, vamos focar também na filiação dos atletas à federação para que possamos organizar o nosso ranking com nivelamento em divisões para os competidores. A federação foi criada em meados de 2014, portanto ela ainda é recente e, nesse período, ainda não foi capaz de organizar o esporte aqui no estado, mas agora estamos assumindo também essa missão e com o crescimento que estamos assistindo, tanto em número de praticantes quanto na qualidade técnica, tenho certeza que vamos avançar muito no sentido de profissionalizar a modalidade no estado como um todo. No estado, atualmente, contamos com duas competições fixas, a Copa WECQUI, que acontece no clube Campestre de Patos e que já está em sua sétima edição no Clube Campestre, onde

inclusive sou bicampeão na categoria mista, além dela temos a Copa Ouro que ocorre aqui em João Pessoa e é organizada pelo Ivo França, que está conosco auxiliando os trabalhos da Federação. Hoje um dos focos que temos, observando a tendência de crescimento do esporte é buscar fomentar e formar novos professores para o esporte para que a gente possa difundir a modalidade por todo o estado, hoje, além do meu CT, temos apenas mais dois, um em Cabedelo e outro em Pitimbu.

A União - Quem procura o futevôlei e qual o público ideal para o esporte, Existe uma idade ideal para iniciar?

Henrique Alexandre - O futevôlei é um esporte para todos os públicos, idades e gênero. O ideal é começar a partir dos 12 anos, quando a formação óssea já está definida e podemos iniciar todo o trabalho

físico e de fundamentos necessário para o esporte. O futebol de areia é uma modalidade que tem sido muito procurada também pelas pessoas que buscam um meio de vida saudável e cuidado com o corpo, é uma modalidade que oferece muitos ganhos cardiorrespiratórios, por exemplo. Se você observar uma pessoa que começa a treinar conosco, em menos de seis meses de treinos ela já estará com outro perfil corpóreo, especialmente nos membros inferiores, que são os mais trabalhados dentro da modalidade. Esse é um dos motivos que tem atraído tanto as pessoas, especialmente no período do verão. Um dos exemplos dessa diversidade de público eu tenho no meu CT, através do aluno Flávio Agra. Ele começou conosco aos 50 anos, hoje está com 54 e sem nunca antes ter chutado uma bola de futebol, se tornou, além de grande jogador, um exemplo de perseverança e

vontade para todos nós.

A União - Aparentemente, diferente do futebol que por mais que tenha crescido, ainda é um esporte que impõe muitas barreiras para as mulheres, o futevôlei é uma modalidade que tem sido muito buscada pelo público feminino. Você percebe esse movimento na Paraíba e qual sua avaliação sobre ele?

Henrique Alexandre - Sem dúvida alguma essa é uma realidade. Hoje temos uma tendência grande de crescimento do esporte de um modo geral, mas é notório também que as mulheres, cada vez mais, estão procurando o futevôlei. Hoje elas estão realmente tomando conta de tudo e no futevôlei não poderia ser diferente. Vemos uma procura cada vez maior delas e também um crescimento técnico muito grande. Para se ter uma ideia, dos 16 alunos fixos que tenho, sete são mulheres. O esporte por possuir tanto a disputa pelo naipe quanto em duplas formadas por homens e mulheres, propicia que elas joguem de várias formas e ele se torna algo muito prazeroso para elas. Eu, por exemplo, também jogo na modalidade mista e é muito bom perceber que elas estão cada vez chegando maior número e qualidade.

A União - Recentemente você esteve na cidade de Groningen, na Holanda, participando de um torneio internacional que reuniu 14 duplas selecionadas de países como Itália, Israel, Peru, Paraguai, Colômbia, Inglaterra, Suécia, Áustria, Holanda, Alemanha e Brasil. Lá você conquistou o vice-campeonato. Como foi essa experiência?

Henrique Alexandre - Tive a honra de ser convidado para essa competição pela lenda do esporte, o professor Weliton Silva, mais conhecido como Coquinho, referência do esporte em todo o Nordeste e que foi meu parceiro de dupla no evento. Chegando lá, primeiro tivemos que enfrentar o frio -, pois a temperatura estava em -2°, mas chegando lá fomos para o jogo em busca de um resultado positivo para representar o Brasil. Foi um torneio muito difícil e de nível técnico elevado, infelizmente na semifinal contra a Alemanha sofri um estiramento na virilha que me atrapalhou muito na final e acredito que se não fosse isso nós teríamos tido mais chances de voltar com o ouro na final, que foi disputada contra os Italianos. Contudo, mesmo sem o título fizemos um bom papel lá e o saldo foi muito positivo já que trouxe vários contatos e rendeu frutos, como a escola que faremos no próximo mês aqui em João Pessoa com atletas da Suécia, Áustria e Portugal que virão para cá fazer uma clínica conosco e também disputarão um torneio aqui em João Pessoa nos dias 7 e 8 de fevereiro.

CSP terá o elenco mais novo de sua história no Paraibano

Time de João Pessoa não contrata reforços e vai a campo basicamente com jogadores que vieram de sua base

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A equipe do CSP, que entrará em campo na próxima quarta-feira (22), no Amigão, diante do Treze, será a de menor média de idade entre todos os elencos já utilizados pela equipe de João Pessoa na elite do futebol paraibano. Conhecido pelo trabalho de base, o "Tigre" da capital que já foi vice-campeão estadual e figura constante nas primeiras posições da competição, tem sofrido nas últimas temporadas, e dessa vez apostará, em definitivo, na sua garotada para buscar colher bons frutos na competição.

Campeão da segunda divisão em 2010, vice-campeão na disputa de elite e campeão da Copa Paraíba em 2012, o CSP não tem vivido nas últimas temporadas no mesmo cenário que estava habituado, e no ano passado brigou até a última rodada para não ser rebaixado. O investimento para 2020, mais uma vez, não será elevado, e com isso o clube do empresário Josivaldo Alves - que também treina a equipe -, apostará suas fichas no elenco que disputou a Copa do Nordeste Sub-19 e chegou às semifinais da competição, sendo eliminado pelo Sport-PE.

Para o atual elenco que conta com 24 atletas aptos a serem utilizados para o Campeonato Paraibano, apenas



Foto: CSP

Tigre vai disputar o Campeonato Paraibano de 2020 com uma equipe de jovens atletas, e mantém tradição de formador de bons jogadores

dois jogadores foram contratados, o zagueiro Albert que chega do futebol cearense e o atacante Matheus que estava na Desportiva Guarabira. O clube ainda busca um centroavante e um lateral esquerdo para fechar o elenco.

Convivendo como a maioria dos clubes com as dificulda-

des financeiras, o CSP resolveu não concentrar todos os seus recursos no Estadual de 2020, por ser uma equipe com foco principal na formação de atletas, de acordo com Josivaldo Alves, a agremiação decidiu focar nas competições de base como a Copa do Nordeste Sub-20, onde o time ficou entre as

quatro melhores equipes do certame, além de outras disputas do gênero, e será a partir do conjunto formado nessas competições que o Tigre entrará em campo no Estadual.

"Nós poderíamos ter feito uma opção por reter recursos e focar tudo no Estadual, mas essa é uma visão que não é

compatível com a razão de ser do CSP, por isso diluímos os recursos e diferente de outras equipes, nós não paramos nossas atividades após o Estadual do ano passado, e hoje tenho um grupo que é muito qualificado, ainda que também seja o mais jovem com o qual já disputamos o Paraibano", explicou.

Entre os jogadores que devem entrar em campo na estreia da equipe no Estadual diante do Treze, ao menos oito atletas estarão disputando pela primeira vez em suas carreiras o Campeonato Paraibano, enquanto que o grupo formado para a competição possui uma média de idade de 20 anos, para se ter uma ideia, um dos atletas mais experiente do elenco é o goleiro Wallace, que vai para a sua quarta temporada no CSP e tem apenas 24 anos.

Com isso, é natural que a equipe tenha dificuldades pela inexperiência de seu elenco, e isso é um dos motivos pelo qual Josivaldo afirma ter dificuldades para afirmar qual o real potencial de seu elenco para essa temporada. Uma das preocupações é com a oscilação dos atletas durante as partidas, algo que é natural, mas que o dirigente/treinador espera conseguir sanar.

"É natural que atletas dessa faixa-etária oscilem. Isso se torna ainda mais comum com jogadores que nunca disputaram uma competição como essa, então isso é algo que vamos trabalhar para evitar e manter controlado. Não tenho dúvidas com relação ao potencial desses atletas, e caso eles consigam desempenhar o que são capazes, pode ter certeza que o CSP brigará na parte de cima da tabela", afirmou.

Paraibano 2020



Foto: Treze

Alvinegro de Campina Grande vai aproveitar os dias extras para corrigir alguns detalhes que faltam no time

Treze muda programação após adiamento de estreia

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Galo foi pego de surpresa com o adiamento do início do Campeonato Paraibano por causa da interdição de alguns estádios, que ainda não têm condições de receber público durante os jogos. A mudança fez com que a comissão técnica tivesse que fazer uma nova logística para a partida de estreia contra o CSP, que antes estava prevista para acontecer na

segunda-feira, no Amigão, e que agora foi transferida para a quarta-feira, dia 22, às 20h15, no mesmo local.

Para os jogadores e a comissão técnica do Treze, a mudança não provocou tanta insatisfação, já que por um lado, o elenco ganhou mais dias para se preparar para o jogo de estreia. O pensamento no clube é começar o Paraibano com uma grande vitória, e se depender dos números, o Galo passará fácil pelo Tigre.

Retrospectiva de Treze e CSP é amplamente favorável ao Galo, que quer estreiar com uma boa vitória

Treze e CSP já jogaram 26 vezes, com o Galo tendo vencido 15 jogos e perdido apenas 6. Houve também 5 empates no confronto. O Alvinegro marcou 38 gols e levou apenas 18.

Perilima contrata veterano Denilson, atleta de 43 anos

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

A Perilima era conhecida antes como o time de Seu Pedro das Sordas, porque o dono do clube era uma empresário dono de uma fábrica de sordas, e que fazia questão de jogar, mesmo com a idade acima de 50 anos. Ele virou folclore do País todo, por ser o atleta mais velho em atividade. Cansado, Seu Pedro resolveu abandonar o futebol e vendeu o clube ao empresário Jailton Oliveira, que deu uma reformulada completa na equipe, tornando-a profissional.

Mas este ano, para o Campeonato Paraibano, a Águia, como é conhecida a Perilima, resolveu se inspirar no passado e contratou os dois jogadores mais velhos do Campeonato. Como se não bastasse o veterano Marcelinho Paraíba, que tem 44 anos, o clube contratou agora outro jogador bastante rodado, com 43 anos.

A novidade é Denilson, que tem passagens por clubes como o PSG da França e Feyenoord da Holanda, além de equipes na Coreia do Sul, Portugal e Emirados Árabes. No Brasil, o atleta atuou por CRB, Guarani, RB Brasil, Cascavel, entre outros.

Denilson já treina

com os novos companheiros de clube, e se for regularizado a tempo, vai estreiar na próxima terça-feira contra o Sousa, pela primeira rodada do Campeonato Paraibano. Aliás, este jogo seria em Sousa, mas como o Estádio Marizão não está li-

berado pela Comissão de Prevenção e Combate à Violência nos Estádios da Paraíba, ele foi transferido para fevereiro.

Em resumo, houve uma inversão de mando de campo entre as duas equipes para este primeiro jogo entre elas.

Foto: Perilima



Jogador chega ao clube como o segundo mais velho do Paraibano 2020

R.B. Bragantino é a sensação do futebol do Brasil em 2020

Time paulista foi comprado pela empresa austríaca Red Bull, que já é dona do R.B Leipzig da Alemanha

Alex Sabino
Folhapress

Executivo do time que desde 1º de janeiro se chama Red Bull Bragantino, Thiago Scuro perdeu a paciência quando a Ponte Preta informou no ano passado que o Cruzeiro havia feito uma proposta pelo meia Claudinho. "O máximo que vocês vão nos fazer é gastar mais dinheiro", desafiou o CEO.

A equipe de Bragança Paulista tinha a preferência para continuar com o jogador, emprestado pelos campeonatos. Pagou R\$ 2 milhões e exerceu a prioridade para mantê-lo no elenco. Com a frase, Scuro quis mostrar que por valor nenhum o clube seria intimidado ou desistiria do negócio.

Claudinho foi o melhor jogador da última Série B e uma das principais peças no acesso do Red Bull Bragantino à elite do país em 2020.

Até o ano passado, o clube ainda era chamado apenas de Bragantino, mas já contava com investimentos da empresa austríaca de bebidas energéticas. Neste ano, a marca passou a controlar o futebol da agremiação do interior paulista.

No orçamento e planejamento para 2020 acertado com a multinacional, foi considerada que a meta factível para o Red Bull Bragantino nesta temporada é obter a classificação para a Copa Sul-Americana de 2021. No Brasileiro do ano passado, ficaram com vaga no torneio os times que terminaram do 9º ao 14º lugar.

Seria o primeiro passo da evolução continental na América de uma empresa que possui clubes no mata-mata da Champions League (o alemão RB Leipzig) e da Liga Europa (o austríaco Red Bull Salzburg).

Além da montagem da equipe, os planos do projeto são reformar o estádio Nabi Abi Chedid e construir um novo centro de treinamento em Bragança Paulista.

Nas reuniões de Scuro com representantes da matriz ficou determinado que o perfil dos reforços para esta temporada será o mesmo adotado pelas outras equipes da empresa: nomes jovens que possam se adaptar a um estilo de jogo pré-definido: com pressão na saída de bola do adversário, toques curtos e velocidade no ataque.

O executivo defende que lucrar com vendas futuras de jogadores não é o principal objetivo, mas sim conseguir ganhos com a valorização da marca por meio do desempenho esportivo.

O perfil de contratações era uma questão que criava atrito com os dirigentes austríacos. A reclamação deles era que os brasileiros insistiam na contratação de veteranos que pudessem dar resultados imediatos, em vez de apostar nos jovens.

Principal atacante do RB Leipzig (ALE) e integrante da seleção alemã, Timo Werner,



Foto:Divulgação



No topo, o alemão Ralf Ragnik, responsável pelo investimento da empresa no futebol brasileiro. Logo abaixo, Artur, maior contratação da temporada e, ao lado, o CEO no Brasil, Thiago Scuro

23, está no clube desde 2016, quando chegou do Stuttgart (ALE), e o time tem resistido às tentativas de rivais do continente para comprá-lo.

O Salzburg vendeu o atacante revelação norueguês Erling Braut Haaland, 19, para o Borussia Dortmund (ALE) porque seu agente, Mino Raiola, fez muita força. E também porque é mais difícil segurar um jogador na liga austríaca do que na alemã.

Para o início do Campeonato Paulista de 2020, quando pretende colocar em prática o projeto de ser a quinta força do futebol estadual, o Red Bull Bragantino

já contratou o atacante Alerrandro, 19, que estava no Atlético-MG, o zagueiro Leo Realpe, 18, do Independiente del Valle (EQU), o atacante Artur, 21, o lateral Luan Cândido (ambos ex-Palmeiras), e o meia Thonny Anderson, 22, que estava no Grêmio.

O investimento em atletas até agora para a temporada está em cerca de R\$ 50 milhões.

Artur se encaixa em um dos perfis mais procurados pelas equipes da Red Bull: atletas que não deram certo nos grandes times, mas com potencial para render na sua filosofia de jogo.

A expectativa é que a folha salarial no Estadual seja parecida com a da Série B no ano passado, cerca de R\$ 2 milhões mensais. Isso sem contar com o elenco B, composto apenas por jogadores com menos de 23 anos, que vai disputar a Série A2 do Paulista com o nome de Red Bull Brasil.

A multinacional criou essa equipe em Campinas, no ano de 2007. Teve relativo sucesso no Paulista (chegou às quartas de final no ano passado), mas fracassou nos torneios nacionais, o que irritou a matriz.

Alguns dirigentes che-

garam a reivindicar o fechamento do projeto, mas outra solução apareceu. Por cerca de R\$ 50 milhões, a companhia comprou o Bragantino, que já estava na Série B do Brasileiro e a um passo da elite.

Além de conseguir o acesso e o título com antecipação, a Red Bull ainda mudou seu principal projeto para uma cidade em que pode ter torcida favorável. Isso não acontecia em Campinas, por causa da concorrência de Ponte Preta e Guarani.

"Qual o propósito de estar na Série B e chegar à Série A e não gerar paixão nas pes-

soas ou ter uma cidade em torno do time?", questiona Thiago Scuro.

///Qual o propósito de estar na Série B e chegar a Série A e não gerar paixão nas pessoas, ou ter uma cidade em torno do time?///

Vasco da Gama estreia no Carioca enfrentando o Bangu

Será a primeira partida oficial do clube em 2020 e marcará as estreias do técnico Abel Braga e do atacante Cano

Foto: Ascom/Vasco

Da redação

Após uma campanha razoável no Campeonato Brasileiro do ano passado, o Vasco da Gama inicia neste domingo a temporada 2020 enfrentando o Bangu, pela primeira rodada do Campeonato Carioca. A partida está programada para as 16h, no Estádio São Januário, no Rio de Janeiro.

A torcida cruzmaltina aguarda com ansiedade a partida, já que será a primeira oficial após o período de férias. Fora de campo, a principal novidade será a estreia do técnico Abel, que substitui Vanderlei Luxemburgo. O ex-treinador trocou o Gigante da Colina pelo Palmeiras nesta temporada.

Já dentro das quatro linhas, a maior expectativa é em relação a estreia do atacante argentino Germán Cano, contratado recentemente e regularizado esta semana. O jogador chega ao clube com fama de goleador e terá a missão de melhorar a pontaria da equipe, que abusou de perder oportunidades de gol no ano passado, por falta de um jogador com as características do argentino.

Antes da estreia, o Vasco da Gama realizou dois jogos-treino no Rio, e com boa atuação em ambos. O primeiro foi contra a equipe do Porto Real, que disputa a Série C do Campeonato Carioca. O time da cruz de malta venceu com facilidade por 4 a 0. Já o segundo foi na última quinta-feira, contra o Porto Velho-RO, equipe que se prepara para participar do campeonato de Roraima. O placar foi 5 a 1 para o Vasco, com 2 gols do estreante argentino Germán Cano, 2 de Ribamar e 1 de Gabriel Pec.

Abel Braga deve mandar a campo contra o Bangu o seguinte time: Fernando Miguel; Pikachu, Werley (Ricardo), Leandro Castan e Henrique; Bruno Gomes, Raul e Gabriel Pec; Talles Magno, Marrony e Cano.



Esta será mais uma passagem do técnico Abel no comando do Vasco. Ele vai substituir Vanderlei Luxemburgo, que, depois de fazer um bom trabalho no ano passado, trocou o clube pelo Palmeiras

+ Fluminense fecha rodada enfrentando a Cabofriense

Da redação

Outro grande do futebol do Rio também estreia hoje no Campeonato Carioca. Trata-se do Fluminense, que vai até Cabo Frio enfrentar a Cabofriense. A partida está programada para as 19h em Bacaxá,

encerrando a primeira rodada.

A poucos dias de estrear no Campeonato Carioca, o técnico Odair Hellmann já tem um problema para escalar o ataque do Fluminense. Isso porque o trio cotado para ser titular, Caio Paulista, Evanilson e Marcos Paulo, não está em condições de jogo. Os três sofreram lesões na coxa

e não enfrentam a Cabofriense domingo. Provavelmente estão fora também da segunda rodada, contra a Portuguesa.

Além dos três atacantes, o Fluminense não poderá contar com Ganso, que cumpre suspensão, Frazan, que sofreu uma grave lesão no joelho, e o trio de reforços Egidio, Henrique

e Yago Felipe, que não foram inscritos a tempo para a estreia do Carioca.

Neste cenário, a provável escalação do Fluminense para a estreia do Carioca é: Marcos Felipe, Gilberto, Ferraz, Luccas Claro e Orinho; Yuri, Hudson e Nenê; Pablo Dyego (Miguel), Lucas Barcellos e Felipe Cardoso.

Abandono

Justiça interdita área dos Jogos Olímpicos do Rio em 2016

Carlos Petrocilo
Folhapress

A Justiça Federal do Rio de Janeiro determinou, esta semana, a interdição dos espaços construídos para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, realizados em 2016, e deu o prazo de 48 horas para que sejam providenciadas as licenças, como laudo de vistoria do Corpo de Bombeiros e o Habite-se, documento emitido pela prefeitura.

Em abril de 2019, o Ministério Público Federal ingressou com ação cível pública ante a prefeitura do Rio e afirmou que as instalações, utilizadas sem as licenças, não atendiam aos requisitos de segurança.

Para o procurador Leandro Mitidieri, do Grupo



As obras para sediar os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro custaram milhões e depois foram abandonadas

de Trabalho da Olimpíada, do MPF, e que ofereceu a denúncia, a decisão pode representar um marco em relação à cultura de que ins-

talações, barragens, boates e centros de treinamentos podem funcionar de forma irresponsável.

O MPF pedia regula-

rização da documentação pertinente às obras do Parque Olímpico da Barra da Tijuca e do Complexo Esportivo de Deodoro e tam-

bém para que "corrija os vícios construtivos, anomalias e demais inconformidades aparentes nesses locais".

"No caso do Parque Olímpico, sem as licenças definitivas de pânico e incêndio do Corpo de Bombeiros (CA/CR/DAFT). Tudo por falta dos devidos documentos quando da entrega das obras pelas empreiteiras", disse Mitidieri à reportagem.

O Grupo de Trabalho da Olimpíada, do MPF, sustenta que desde a extinção da AGLO (Autoridade de Governança do Legado Olímpico) em junho do ano passado, a situação ficou caótica.

"A AGLO - autarquia federal responsável pelo gerenciamento e cuidado das instalações olímpicas - foi extinta em junho do ano passado, o que contribuiu para o estado

de abandono dos locais, tendo havido furto de equipamentos e cabos de energia", afirmou o órgão.

Entre setembro e outubro de 2019 o Parque Olímpico do Rio recebeu uma edição do Rock in Rio.

Na decisão, o juiz Eugênio Rosa de Araujo, da 17ª Vara Federal do Rio demonstrou preocupação com a realização de eventos principalmente no Parque Olímpico da Barra da Tijuca "Esse cenário, composto por locais progressivamente castigados pela falta de cuidado e pela presença de milhares de pessoas, se coloca de prontidão para a ocorrência de tragédias", afirmou o magistrado.

A reportagem procurou a prefeitura do Rio, que não se pronunciou até o momento.

Foto: Divulgação



Restaurador das obras de Picasso visita o índio pintor

Artista paraibano Flávio Capitulino vive em Paris há mais de 30 anos e trabalha com restaurações

Hilton Gouvea
hiltongouvearaujo@gmail.com

Bonjour Sevér, pourquoi ne pás voyager à Paris? O cabelo caindo nos ombros e o jeito de falar dava a entender que, o homem que se dirigia à Sevér, o índio paraibano que mora na Aldeia Tracoeiras, em Baía da Traição, seria um estrangeiro. Não era. Apesar do francês fluente, quem chegava ao Atelier primitivo do artista plástico potiguar era Flávio Capitulino, que já restaurou obras de Picasso, Van Gogh e Leonardo Da Vinci. Juntas, elas são avaliadas em R\$ 390 milhões. Ele é testemunha estratégica da Polícia Francesa, que há seis anos investiga um caso de roubo e falsificação dos quadros "Mulher Arrumando o Cabelo" e "Espanhola Com Um Leque", ambos do artista espanhol e restaurados por Capitulino, atualmente trabalhando na França, onde ganha trinta mil euros por mês. "Após meu depoimento, recebi uma carta com uma bala dentro e entendi isto como uma ameaça de morte".

Capitulino, que é natural de Sousa, no Sertão paraibano, esteve em Baía da Traição durante a passagem do ano novo. Segundo Sevér, "ele se interessou pelo toque de arte primitiva que existe em meus quadros, cujo tema central é a natureza e o índio". Um dos quadros de Sevér, que impressionou o restaurador paraibano, dono de uma mansão equipada com Heliporto, em Campina Grande, foi "A Virgem Potiguar". Nela, Sevér representa uma Kuiam Muku'im potiguar com seu curumim nos braços, a exemplo da Virgem, mãe de Jesus. "Este quadro é uma dedução primitiva bem pensada e pode interessar aos europeus ávidos por novidades artísticas", explica Capitulino. Quando se encontra na Paraíba, o restaurador costuma desfilhar com seu BMW, exibindo um terno colorido.

A seção Vida Urbana, da Veja, publicada em 9 de 10 de 2017, exibe a manchete "Restaurador paraibano se envolve em mistério com Obras de Picasso". O próprio Flávio, disse à revista, nesta data, que os quadros por ele restaurados foram vendidos e roubados por R\$ 100 milhões. Ele é o profissional de referência nas obras de restauração de um dos artistas mais importantes na história da arte, Pablo Picasso. Saiu para Paris quando completou 18 anos. Prevaleceu a influência dos amigos, que elogiavam seu inegável talento. "Aqui na Paraíba eu não era visto como "um grande talento" e não tinha referências com pessoas dizendo que era um grande artista, daí a determinação de fazer as malas e partir com destino a Paris", explica. Trabalhou na Europa, como faxineiro, babá e acompanhante de idosos. Em um desses empregos seu talento foi descoberto, ao restaurar uma mesa antiga.

Os patrões ficaram tão admirados com o trabalho que o indicaram a um ateliê privado. A carreira do sousense decolou a partir daí: Capitulino já restaurou obras de Van Gogh e Leonardo Da Vinci, e trabalhou em "O Casamento da Pierrette, de Picasso, obra avaliada em R\$ 289 milhões de Euros (hoje, aproximadamente R\$ 1 bilhão). Contratado para restaurar "Mulher Arrumando o Cabelo" e "Espanhola Com Um Leque", que retratam desenhos de Picasso com sua última esposa, Jacqueline Roque, Capitulino foi contactado por Catherine Hutin, filha de Jacqueline, e uma das herdeiras do pintor espanhol. Ela também queria restaurar algumas das obras do padrasto, guardadas em seu acervo pessoal.



Foto: Divulgação

Natural de Sousa, Sertão paraibano, Capitulino esteve na Baía da Traição no final do ano passado, e foi conhecer mais de perto do trabalho do índio

+ Empresário russo e um francês são os principais suspeitos do roubo

"Quando comecei a fazer a separação do que não precisava ser restaurado, Catherine me mostrou as fotos dos quadros que eu tinha acabado de restaurar", conta o paraibano. "Ela então percebeu que os dois quadros não estavam mais no seu acervo e que deveriam ter sido roubados". Mais tarde, entrevistado pelo "Fantástico" Capitulino disse que restaurou as obras sem saber para onde seriam destinadas. A francesa, ciente do caso, apontou como principais suspeitos os homens que haviam contratado o restaurador: Olivier Thomas, sócio de uma empresa de armazenamento de obras, e Yves Bouvier, negociante de artes.

Bouvier contou, em depoimento, que vendeu os quadros restaurados por Capitulino ao milionário russo Dmitry Rybolovlev, dono do time de futebol francês Mônaco. Ao descobrir as alegações de que as obras haviam sido roubadas, Rybolovlev enviou os quadros para a polícia, onde permaneceram sob custódia. Capitulino conta que foi ouvido cinco vezes pela polícia francesa e diz acreditar que os quadros foram roubados por Olivier Thomas, velho conhecido de Catherine, com acesso ao acervo dela. O Le Monde francês questionou o caso e disse que Catherine pode ter se esquecido e vendido os quadros de forma legítima.

Esta hipótese também é

Capitulino conta que foi ouvido cinco vezes pela polícia francesa e diz acreditar que os quadros foram roubados por Olivier Thomas, velho conhecido de Catherine, com acesso ao acervo dela

aceita por Thomas e Bouvier, a dupla que contratou Capitulino. Catherine teria vendido os quadros por R\$ 30 milhões. Capitulino desmente

esta hipótese, alegando que "Catherine nunca venderia um quadro retratando a mãe dela, porque é sagrado para ela". Uma revista francesa afirma que Catherine teria feito uma falsa denúncia de roubo influenciada por Dmitry Rybolovlev, que comprou as obras após a restauração de Capitulino. Segundo Veja, "o russo queria se vingar por ter desembolsado R\$ 100 milhões pelas obras – um valor mais alto do que os R\$ 30 milhões que teriam supostamente sido pagos à herdeira de Picasso".

Capitulino disse que seu envolvimento como testemunha neste caso já lhe rendeu ameaças de morte. "Eu recebi uma bala dentro de um envelope",

lembra. "Acho que foi um aviso para eu tomar cuidado com o que falo". Veja, também diz: "o brasileiro Capitulino veio de uma família humilde do Sertão paraibano e se converteu em um requisitado restaurador de obras de arte em Paris, onde fatura, hoje mais de 30 mil euros por mês. "Ele faz questão de viver uma vida de estilo extravagante, em Campina Grande, onde cresceu. Com seu terninho colorido e a juba esvoaçante dourado-cajá, causa rebulição ao saltar de seu BMW conversível, para visitar o tradicional reduto popular. Escoltado por um segurança, ele é parado para fazer "selfies". Entusiasmado, um fã lhe diz: "Você é o orgulho da Paraíba".

Capitulino superou obstáculos e hoje tem reconhecimento

Quando foi morar em Paris, levou apenas 80 dólares no bolso e não sabia falar uma palavra em francês

Hilton Gouvea
 hiltongouvearaujo@gmail.com

Com a carreira consolidada em Paris, Capitulino voltou para passar o mês de agosto do ano passado na Paraíba. Ele tem alternado um mês na França, com 10 dias visitando a família na Paraíba, exceto em agosto, quando fica aqui 30 dias. Quando foi morar em Paris, levou apenas 80 dólares no bolso e não sabia falar uma palavra em francês. Superou todos os obstáculos e se tornou um restaurador de arte mundialmente conhecido. Começou a trabalhar aos seis anos, numa panificadora de Campina Grande. “Até os 17 anos fiz um pouco de tudo”, relata. Um dia encontrei um casal francês, que veio adotar uma criança, e os ajudei muito. Em agradecimento, os dois me ofereceram ficar em sua casa, se um dia eu fosse a Paris. Daí por diante passou a juntar dinheiro para a viagem. E foi. Mas, na França, ele teve permissão para ficar na casa do casal apenas uma semana.

Num rotineiro trabalho de faxina deparou-se com um centro de laca chinesa, que estava com aspecto ruim. A princípio os donos da casa permitiram que ele restaurasse só o pé da peça. Impressionados com a perfeição, deixaram que restaurasse o móvel inteiro. “No ateliê que fui



Flávio Capitulino começou a trabalhar aos seis anos, numa panificadora de Campina Grande. “Até os 17 anos fiz um pouco de tudo”, relata o artista, hoje residente em Paris

trabalhar, perguntaram pelo meu diploma. Respondi que não tinha, aí o meu mestre deu-me uma semana para aprender o ofício. Depois, ele empregou-me”. Atualmente trabalha com Catherine Hutin, a enteada herdeira de Picasso. E também colabora com diversas galerias européias.

Música: outro talento nato

Pois é, da mesma forma que suas mãos ágeis traçam as linhas de tintas com o pincel, elas seguram a flauta ou o pandeiro e dão conta do recado. Isto sem falar que Sévér também canta músicas em ritmos que lhe agradam. “Pena que não existe um ritmo indígena como a salsa ou o tango”, lamenta. Hiperrealista em algumas artes, ele demonstra essas qualidades no óleo sobre telas “Canhões do Forte”, retratando, em primeiro plano, as canhoneiras quinhentistas do Forte do Tambá e, ao fundo, a enseada de Baía da Traição.

“São obras que parecem fotografias”, opina Wagner Zedinson, um norueguês entusiasmado com as pinturas de Sévér, que visitou Baía da Traição no início deste ano. Em a Madona Potyguara, o artista procura uma semelhança entre a Índia que segura no colo um curumim, com os inúmeros quadros que mostram a Virgem Maria com o Menino Jesus no mesmo ângulo.

Foram trabalhos assim que o credenciaram a receber o primeiro prêmio do Concurso Internacional de Filatelia e Arte, no Rio de Janeiro, realizado recentemente.

Com seu inconfundível

bigode azeviche, a camiseta branca, o calção colorido e os óculos de grau, Sévér Potyguara – este é seu nome artístico completo – mais parece um professor em férias. Mas, de seu ateliê, já saíram telas para a Holanda, Suécia e Argentina, através de turistas entusiastas das belezas de Baía da Traição. Quem observa o artista pilotando uma moto, a perambular pelas 15 aldeias locais, à cata de temas para suas obras, jamais ligaria aquela simples figura a de um artista plástico que, vez por outra, exhibe pinturas nos eventos especiais da UFPB e que já andou o Brasil inteiro difundindo a cultura de seus ancestrais. Agora, Paris lhe abrirá as portas, para conhecer a obra de um artista autodidata, que impressiona com seus quadros explorando o primitivismo e a natureza.

“São obras que parecem fotografias”, opina Wagner Zedinson, um norueguês entusiasmado com as pinturas de Sévér, que visitou Baía da Traição no início deste ano

+ Paisagista e pintor de figuras indígenas

Ele nasceu Severino Pereira da Silva, um índio potiguara da Aldeia Tracoeiras, em Baía da Traição, 84 Km ao norte de João Pessoa. Mas, ao optar pela carreira de artista plástico, simplificou sua nomenclatura para Sévér, com o propósito de tornar seu nome mais compreensivo e fácil de pronunciar. Hoje, aos 60 anos, ele se autodefine como “paisagista e pintor de figuras indígenas”. Ou melhor, pode-se compará-lo a um desenhista antropomorfo, que gosta de pintar e rabiscar indivíduos humanos estilizados. Talvez, Sévér e Capitulino possam, juntos, trilhar os caminhos das artes em Paris. De acordo com Sévér, “Capitulino foi mais um gringo que frequentou seu ateliê na aldeia Tracoeiras, com uma diferença: seu potencial como restaurador poderá levar ele, Sévér, para caminhos nunca antes explorados na Europa, a começar por Paris.

Com sangue de artista primitivo nas veias, Sévér saiu de casa ainda adolescente. Foi tentar a vida no Rio de Janeiro, dividindo o tempo entre trabalhos diversos, embora o que mais lhe atraísse fosse o de pintar quadros e ven-



Severino Pereira da Silva adotou o nome Sévér para assinar os quadros que pinta

dê-los, inicialmente nas feiras, depois a amigos e, posteriormente, organizando pequenas exposições. Fez várias. Os preços populares de suas artes eram o principal atrativo. Os temas, que variavam de paisagens a figuras indígenas em grupos ou individuais, aguçavam a curiosidade dos clientes.

Por levar a sério tudo que faz, Sévér deve ser o único artista plástico que carrega embaixo do braço suas telas e equipamentos e pinta

em qualquer praça, de qualquer lugar, em qualquer país. Seu ateliê original ainda está montado na aldeia Tracoeiras, a oito quilômetros do centro de Baía da Traição, no Litoral Norte do Estado. É uma instalação simples, onde o artista também guarda teclado, maracá, flauta rústica e pandeiro, instrumentos que, de uma hora para outra, o transformam em músico e crooner de uma banda que anima os bailes das redondezas.

Foto: Divulgação

Coincidências entre Euclides da Cunha e o Antônio Conselheiro

Hilton Gouvêa
 hiltongouvea@bol.com.br

Antonio Vicente Mendes Maciel e Euclides Pimenta da Cunha podem ter se conhecido apenas de nome, mas a história nunca comprovou se já estiveram frente a frente. Na Guerra de Canudos, cujo maior embate entre jagunços e soldados do Exército Brasileiro aconteceu no biênio 1896-97, Maciel, conhecido como “O Conselheiro”, era o chefe de um arraial onde moravam fanáticos religiosos, partidários da monarquia, que odiavam a república, o novo regime político instalado no Brasil.

Euclides da Cunha, então capitão-engenheiro do Exército, estava encarregado de reorganizar o traçado das estradas, a fim de melhorar o trânsito das tropas legalistas encarregadas de combater os fanáticos; e de relatar as notícias da Guerra para o jornal “O Estado”, sem falar que sempre se revelou um antimonarquista. O militar escritor e o beato, tão próximos no cenário de uma batalha antagônica, ignoravam que seus destinos tinham traçados idênticos e que suas vidas estavam pontilhadas de episódios incrivelmente cheios de coincidências.

As vidas coincidentes de Euclides da Cunha e Antonio Conselheiro começam pelo lado sentimental: os dois foram traídos pelas esposas. Ana Emília Ribeiro traiu Euclides da Cunha com um militar, o então aspirante e campeão de tiro Dilermano de Assis, que acabou matando Euclides e depois Quidinho, o filho de Ana e Euclides, que morreu baleado ao tentar vingar o pai. A mulher de Conselheiro, Brasilina Laurentina de Lima, traiu o marido com um sargento da polícia e fugiu com ele. Deixou para trás um Antonio aturdido, apaixonado pela ex-mulher, que nunca deixou de procurá-la. É bom lembrar que os rivais de Euclides e de Conselheiro eram militares. E que tanto Euclides quanto o guru dos fanáticos de Canudos sempre foram apaixonados por suas consortes.

Brasilina, fatalista como Ana (que teve o marido e o filho mortos pelo amante), antes de fugir com o sargento, fez Conselheiro matar a mãe, por fatal equívoco: Conselheiro voltava de uma viagem e atirou num homem que, presumivelmente, flagrou pulando a janela do quarto onde dormia Brasilina. Ao aproximar-se para ver quem era o ser furtivo, Conselheiro quase morre ao confirmar que havia matado a própria mãe, vestida com roupas de homem (será que a sogra de Brasilina tentava incriminá-la?). Daí por diante, improvisou-se como advogado e professor, mas não houve como curar o juízo, embora quase tenha sido internado, não o sendo por não haver vagas no hospício. Euclides, que se declarou antimonarquista logo na adolescência, foi expulso da Escola Militar após cometer um gesto de rebeldia: jogou no chão o fuzil com a baioneta, que deveria apresentar no momento em que o ministro da Guerra visitava a Escola Militar. Também gritou impropérios contra os colegas que não acompanharam seu gesto. Acabou preso. Entre os republicanos, seu ato ficou lembrado como um símbolo de coragem e idealismo. Conselheiro revoltou-se contra o regime republicano e mandou 200 de seus comandados destruir os arquivos de cartórios de registros civis, no interior da Bahia e do Ceará. Era uma inovação que o governo republicano implantava no país, para nominar e contar sua população.



Fotos: Divulgação

Foto retrata parte dos seguidores de Antônio Conselheiro, sob um sol forte, à espera de um milagre

+ Complicações no casamento

Monarquista, Conselheiro acreditava que o Rei Don Sebastião, de Portugal, que sumira na Batalha de Alcácer-quibir, voltaria do céu oportunamente e conduziria o Brasil, de novo, ao Regime dos Reinados. Conselheiro tinha 36 anos, em 1866, quando foi reconhecido líder absoluto de Canudos. Euclides acabava de nascer. Quando ele chegou a Canudos, em 1896, Euclides estava com 30 anos e Conselheiro com 66. E a coincidência? 1896, 30 e 66 são múltiplos de 6. Na numerologia criada por Pitágoras, na Tábua dos Destinos, quem possui o seis em qualquer aspecto de sua vida, tem espírito de mártir, complicações no casamento e dificuldades em aceitar a realidade.

Euclides nasceu em 20 de janeiro de 1866. Se somarmos os Algarismos equivalentes ao dia, mês e ano, teremos 24, múltiplo de seis. Conselheiro nasceu em 1830. Se somarmos os Algarismos desta data, o equivalente será 12, o dobro de seis. Conselheiro perdeu a mãe logo cedo e foi muito maltratado pela madrasta. Euclides perdeu a mãe aos três anos e passou o resto de sua infância aos cuidados de tios. Outra coincidência, agora fora do seis: Euclides foi assassinado em 1909, cuja soma de Algarismos é igual a 19.

Conselheiro tombou em 22 de setembro de 1897 que, incluindo as somas do Algarismos do dia, mês e ano, chega-se a 38, o dobro de 19. Agora voltamos ao seis, porque entre as mortes de

Conselheiro e Euclides transcorreram 12 anos, múltiplo de meia-dúzia. Euclides, como Antonio Conselheiro, gostava de ler e escrever. Por coincidência fatal, foi Euclides quem escreveu, em 1902 o livro “Os Sertões”, considerado, desde 1902, o pioneiro do modernismo brasileiro. E “Os Sertões” falava da carnificina de Canudos, onde eram protagonistas opostos Euclides e Conselheiro.

Euclides era engenheiro e bacharelou-se em matemática e ciências físicas e naturais. Conselheiro, ao longo de sua peregrinação – antes de tornar-se líder de Canudos – ensinava aritmética e ciências, como professor leigo. Euclides foi matar Dilermano porque soube que Ana estava na casa do aspirante. Na troca de tiros, acabou morrendo. Conselheiro morreu depois que o bombardeio provocado pelo canhão Withworth, de 1,7 tonelada, acabou com o principal reduto dos jagunços, uma igreja situada dentro arraial.

Os beatos enterraram Conselheiro secretamente. Os soldados descobriram, dias depois, a sepultura do beato, cortaram-lhe a cabeça e a enviaram para ser estudada na Faculdade de Medicina da Bahia. Ficou lá até 1905, quando um incêndio destruiu tudo. Os soldados exumaram o corpo do beato em 6 de outubro, embora Conselheiro, oficialmente, tenha morrido a 22 de setembro de 1897, 14 dias antes. Acredita-se que nenhuma bala atingiu Conselheiro e que sua morte teria sido provocada por forte desintéria.



Desenho retratando Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, que nasceu no Ceará

Angélica
Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Jornalista raiz sofre para se adequar às técnicas de SEO

“O máximo que eu consegui foi 20%”. A frase, dita com um leve muxoxo, resume a frustração de uma amiga jornalista em relação à análise de legibilidade do Wordpress sobre os textos que escreve em um site.

Profissional com experiência em mídia impressa, televisão e assessoria de imprensa, ela tem um currículo extenso, é qualificada, mas ainda não se acostumou às regras de otimização para os mecanismos de busca; um conjunto de normas conhecido apenas pela sigla SEO (do inglês “Search Engine Optimization”).

Estar alinhado às estratégias de SEO significa que o conteúdo que você produziu tem maior probabilidade de se tornar relevante para atrair o interesse do público. Assim, seu texto pode aparecer entre os melhores resultados de sites de busca, como o Google, sem recorrer ao recurso da publicidade.

Ao tentar se adequar às técnicas de SEO na produção de notícias (repetição de palavras-chaves, frases curtas, substituir palavras difíceis por termos mais simples, uso de palavras de transição, boa distribuição de subtítulos etc), minha amiga sempre avalia que seu texto está ruim, repetitivo e pobre em estilo. O sentimento da colega jornalista também é a pele que eu visto.

A maioria das pessoas que ingressou em redação no fim da década de 1990 sente dificuldades com alguns aspectos que são muito naturais aos nativos digitais — mas não para a minha geração ou a que veio um pouquinho depois. Muitas vezes, o sofrimento disruptivo se refere menos a questões de tecnologia do que de estilo.

Eu, por exemplo, aprendi que evitar a repetição de palavras e o uso desnecessário de termos de transição (assim, então, por outro lado, logo depois, antes de mais nada...) são atributos que apontam o caminho para um bom texto. Também por isso, vivo à procura de sinônimos no dicionário e me polio para evitar pronomes, advérbios, conjunções, preposições e locuções adverbiais desnecessários — as tais palavras de transição.

Adotar um formato de escrita que combine mais com os algoritmos dos buscadores de conteúdo e não com o meu estilo é um processo. Na verdade, é uma questão cultural mesmo. Representa abandonar muito do que sou como jornalista e escritora e mergulhar em um caminho diferente. Não necessariamente melhor. Demanda tempo, esforço e vontade. Sim, não sei se quero escrever apenas para “manter um relacionamento sério” com o Google.

Tenho encontrado muito texto formulário por aí. Feitos apenas com foco nas regras de SEO. Textos de 25 linhas com a mesma palavra repetida 15 vezes, acredite! Aparecem entre os primeiros resultados de busca, mas são pobres em linguagem e conteúdo. Na forma também. Talvez atinjam, facilmente, o índice de 100% na análise de legibilidade, mas qual a relevância desse tipo de conteúdo? Ajuda realmente o leitor? Foi a resposta para o que ele estava procurando, ou só representa um punhado de palavras-chaves divididas em parágrafos de três linhas?

Também tenho me deparado com livros cujos autores adotaram esse estilo. Em geral, a leitura não flui, tampouco dá prazer. Para ficar bom, seria necessário muito trabalho de reescrita. Talvez essas obras tenham nascido a partir de blogs e sites. Ou a editora optou por uma linguagem que se aproximasse mais dos nativos digitais. Quer saber? Também almejo que meus textos sejam considerados interessantes, relevantes e apareçam nos mecanismos de busca. Mas meu foco é encontrar um meio termo, é a moderação: nem tanto às palavras-chaves, nem tanto às trevas.

Arroz carreteiro

Por Tudo Gostoso

■ Preparo: 60 min | ■ Rendimento: 6 porções

Ingredientes

- 1 colher (sopa) de óleo
- 150g de linguiça calabresa
- 50g de bacon
- 2 folhas de louro
- 1/2 cebola
- 2 dentes de alho
- 1/2 pimentão
- 4 tomates
- 1 xícara de arroz
- 500g de charque
- 3 xícaras de caldo de carne
- 1/2 xícara de salsinha

Preparo

- 1 – Em uma panela, aqueça o óleo e frite a linguiça e bacon. em seguida, o arroz e o charque. Acrescente o caldo de carne para cozinhar o arroz, sem deixar secar totalmente.
- 2 – Junte o louro, a cebola, o alho e o pimentão.
- 3 – Acrescente os tomates e,
- 4 – Acrescente a salsinha e sirva.



Mojito tradicional cubano

Por Tudo Gostoso

■ Preparo: 15min | ■ Rendimento: 5 porções

Ingredientes

- 1 dose de rum branco
- 1 colher (sopa) de açúcar
- suco de 1 limão
- 1/2 copo de água com gás (cerca de 100 ml)
- 1 ramo de hortelã (cerca de umas 10 a 12 folhas)
- gelo picado a gosto

Preparo

- 1 – Coloque no copo onde vai ser servido o drink, os 4 últimos ingredientes.
- 2 – Amasse bem o hortelã (esse é o segredo do bom mojito).
- 3 – Depois é só adicionar o rum e o gelo.
- 4 – Aí é só apreciar.

Pavê de morango com chocolate

Por Tudo Gostoso

■ Preparo: 40 min | ■ Rendimento: 12 porções

Ingredientes

- 1 pacote de bolacha maisena
- 1 lata de leite condensado
- 1 lata de creme de leite
- 1 lata de leite comum
- 2 gemas
- 1 colher (sopa) de farinha de trigo
- 2 xícaras (chá) de morango
- 1 colher (chá) de baunilha
- 100g de chocolate meio amargo
- 1 xícara (chá) de chantilly
- morango e chantilly para decorar

Preparo

- 1 – Numa panela, coloque o leite condensado, o leite (reserve um pouco), as gemas levemente batidas, a baunilha e a farinha misturada no leite reservado.
- 2 – Mexa até engrossar.
- 3 – Desligue e junte o creme de leite com o soro.

4 – Divida o creme obtido igualmente em dois refratários.

1º Creme:

5 – No primeiro refratário, junte o chocolate raspado com o creme ainda quente. Mexa até derreter totalmente.

6 – Acrescente 1 xícara (chá) de morango

picados. Misture e reserve.

2º Creme:

7 – No segundo refratário, junte ao creme chantilly e 1 xícara de (chá) de morangos picados. Misture e reserve.

Montagem:

8 – Num refratário, coloque na seguinte

ordem: o segundo creme, as bolachas, o creme de chocolate (primeiro creme), bolachas, o segundo creme e o primeiro creme.

9 – Por fim, coloque chantilly no saco de confeitar (bico pitanga médio) e decore. Espalhe sobre o pavê.



Significados dos discursos ideológicos e seus artifícios

Qualquer ação humana posta como destituída de ideologia está impondo uma outra ideologia travestida de verdade

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

O termo ideologia tem sido usado como algo pejorativo por grupos, principalmente os de natureza conservadora, que se dizem isentos de quaisquer vies ideológicos e que, na verdade, procuram esconder a sua própria ideologia com uma falsa neutralidade.

Segundo explica Edvaldo Carvalho Alves, doutor em Ciências Sociais, quando alguém coloca qualquer ação humana como destituída de ideologia, está impondo uma outra ideologia travestida de algo que acha que é o

certo, o verdadeiro, o bom, o justo, e, com isso, busca ter mecanismos para disseminar determinados discursos.

“Acho que o componente duro do conceito de ideologia ainda me parece ser essa de uma representação que legitime, que justifique a realidade, tal qual é, escondendo suas contradições, mascarando os conflitos de classes e as relações assimétricas de poder, de classe, de gênero, de etnia. Hoje até se discute um pouco que nós estamos no momento do ápice de uma guerra ideológica e que quem detém o poder do Estado tem que utilizar os aparelhos do Estado para impor a sua visão

de mundo. Só que essa visão de mundo que está sendo imposta, não é considerada, por quem impõe, com uma visão ideológica”, observa.

Edvaldo Alves acrescenta que, neste caso, a ideologia não pode aparecer para o conjunto da população como um conjunto de ideias, crenças, valores e ideais de apenas um grupo, ela tem que aparecer como sendo de todos. Então, no entendimento do cientista social, esse é um outro artifício do discurso ideológico, ele é um discurso particular, mas que ao ser produzido tem que parecer como sendo um discurso universal.

“Acho que o componente duro do conceito de ideologia ainda me parece ser essa de uma representação que legitime, que justifique a realidade, tal qual é, escondendo suas contradições, mascarando os conflitos de classes e as relações assimétricas de poder, de classe, de gênero, de etnia”

Edvaldo Carvalho Alves



Foto: Roberto Guedes

Namastê invertido

O ódio que habita em mim saúda o que habita em você!

Para o doutor em Ciência da Informação Valdir Lima, o discurso atual no país, a partir do governo, de que tudo que vai de encontro à concepção dele é de cunho ideológico marxista, ao utilizar uma falsa ideologia de gênero e as falácias fakenewseanas, tem como finalidade a propagação de um ódio às minorias que sempre resistiram e encontraram ecos outrora e recentemente em políticas públicas, à revelia do desejo das elites, e que agora são veementemente combatidas.

Valdir Lima explica que o discurso moralista de campanha pre-

sidencial baseado na tal ideologia de gênero e fake news, como o do kit gay, atraiu parcela significativa da população, numa catarse coletiva que culminou na ascensão de uma ultra direita, num país com um enorme contingente populacional que sequer é alfabetizado, quicá entenderá as ideologias pregadas por grupos de esquerda e direita.

“Imperou mesmo o namastê invertido, que neste caso foi ‘o ódio que habita em mim saúda o que habita em você!’ E o reflexo deste confronto ideológico agora

explícito, graças às mídias sociais, é um crescente aumento da violência contra grupos ditos vulneráveis, como as mulheres, povos indígenas, comunidade LGBTQI e MST. Um verdadeiro horror perante os céus, algo que lembra o processo de propagação do nazismo de Hitler, do fascismo de Mussolini. Algo estupefacente”, afirma.

A memória do educador Paulo Freire tem sido um dos alvos dos representantes do atual governo, que associam ideologia a tudo o que é de esquerda. Eles traduzem ideologia como sendo pensamento

marxista e consideram Paulo Freire um representante do que consideram “lixo marxista” a ser combatido nas escolas brasileiras e tentam vender a ideia de um governo com neutralidade ideológica.

Paulo Freire foi responsável por um método revolucionário e eficaz de alfabetização de adultos e, para o pesquisador Valdir Lima, que também é especialista em direitos humanos, o educador foi o maior expoente das ideias libertadoras do mundo, com o seu método voltado para a educação de adultos enquanto processo for-

mador de uma tomada de consciência de classe.

“Paulo Freire é universal e sempre atual enquanto houver injustiças sociais. É a educação proletária que liberta. Nas artes temos contribuições militantes de Pablo Neruda, Bertolt Brecht, Mercedes Sosa, Violeta Parra, Chico Buarque e a militância aguerrida de Augusto Boal, Beth Carvalho, Leci Brandão, Elza Soares e Chico César, mas Paulo Freire é o ícone da luta ideológica por meio de uma educação que liberta e isso assusta alguns políticos”, comenta.



Ciência, redes sociais e a multiplicidade de sentidos

Pesquisador entende que ideologia seria tudo aquilo que faz com que os conhecimentos científicos sejam comprometidos

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

O conceito de ideologia é muito antigo e extremamente polissêmico. É o que afirma Edvaldo Alves, doutor em Ciências Sociais. Ele explica que mesmo no campo das Ciências Sociais há essa polissemia, ou seja, multiplicidade de sentidos.

Ele esclarece que interno ao campo das Ciências Sociais, em uma única tradução de pensamento, é possível encontrar diversos significados para ideologia. "Você pega Marx e tem enes significados, Foucault também, Bourdieu também; existe até situações onde a palavra aparece como contraposta à ideia de ciência", ilustra.

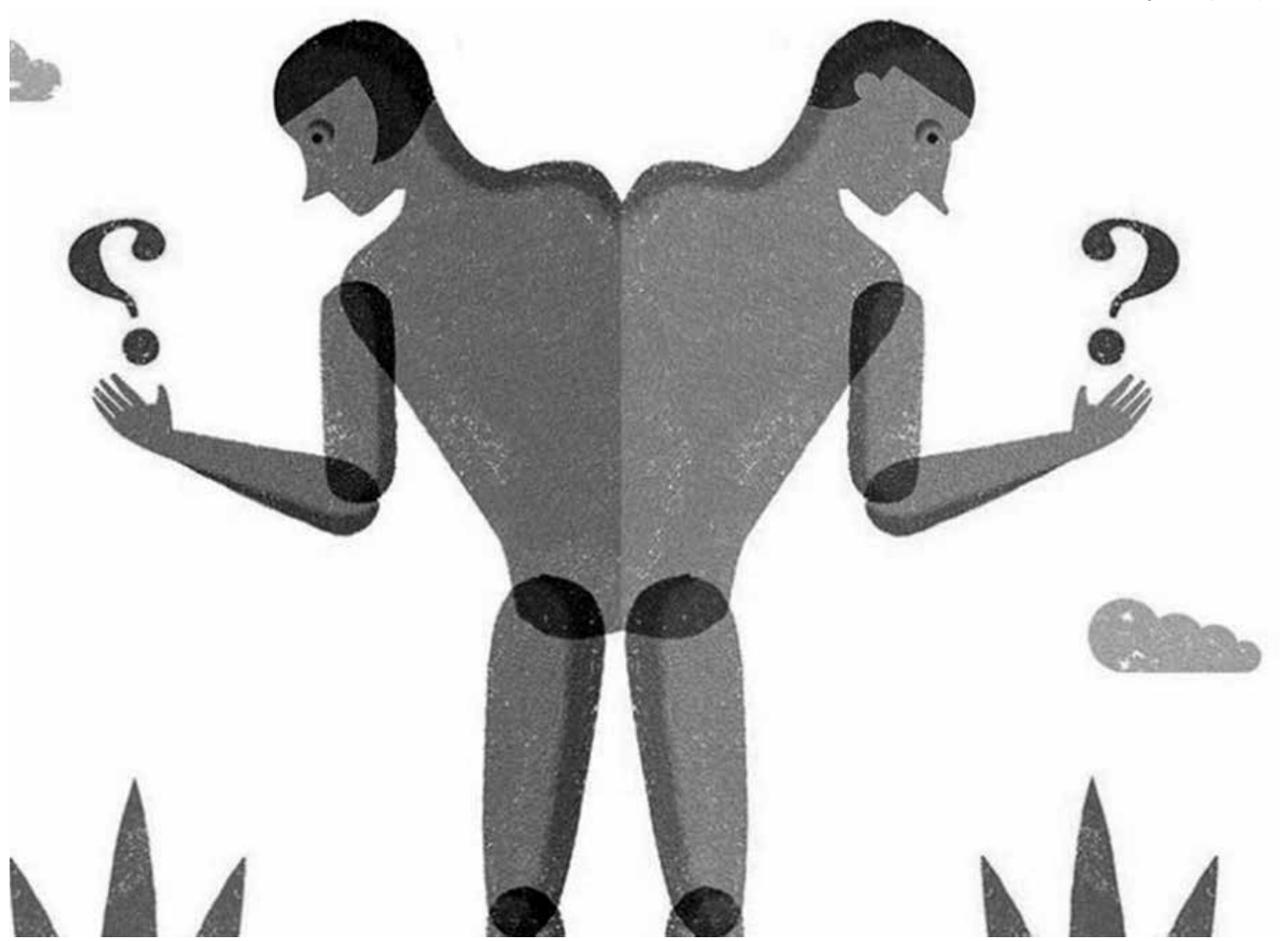
O pesquisador entende que, nesse campo, ideologia seria tudo aquilo que faz com que os conhecimentos científicos sejam comprometidos, interessados, enviesados, portadores de valores ou de juízo de valores. Não existe uma ciência neutra. "O cientista está produzindo ciência para o bem de uma hipotética humanidade, o que é bastante problemático", constata.

Enquanto cientista social, uma

das preocupações atuais de Edvaldo Alves é pensar e discutir o papel das redes sociais digitais no mundo contemporâneo, onde as pessoas estão produzindo cotidianamente informações e essas informações têm conteúdos. "Que conteúdos são esses que podem produzir ou reproduzir formas de percepções das pessoas sobre a realidade, e aí orientar as ações dessas pessoas nessa realidade, a partir das percepções que foram produzidas? Isso tem me preocupado bastante", afirma.

Ele mostra que hoje existe um cenário onde determinados conteúdos são chamados de fake news, e que também há uma discussão sobre o conceito de fake news enquanto desinformação. "Fake news seria um elemento apenas deste conjunto de ações que levaria um sujeito a não se tornar informado sobre uma realidade, mas desinformado sobre ela. Eu diria até melhor, que ele estaria informado a partir de interesses de determinados grupos para que tivesse apenas uma certa percepção sobre a realidade", analisa.

Já Valdir Lima considera que as redes sociais são o reflexo diário das expressões ideológicas das so-



Ilustrações: Reprodução

ciudades imersas nesse universo digital. "É através das mídias que a juventude se comunica e se manifesta livremente. As gerações que antecedem as mídias sociais também vêm gradativamente dominando essas tecnologias na busca de não ficarem obsoletas, mas neste caso, pode-se perceber o choque de gerações através da interação. No mundo virtual as pessoas se sentem "empoderadas", pensam que são especialistas em todos os assuntos, assumem postos de donas da verdade, uma coisa meio síndrome de Boris Casoy (opinam sobre tudo), mas se informam muito pouco sobre o que falam, gerando e massificando os fake news, tão atuais", complementa.

Valdir explica que, nas redes sociais as pessoas reproduzem discursos que sequer conhecem e isso reforça a ideia de que ideologia,

nesse sentido, seria a ferramenta de uma elite burguesa que visa manipular as classes subalternas, tal qual definiram Marx e Engels. "As pessoas reproduzem discursos que sequer conhecem e por poucas pessoas terem consciência de classe, ou seja, reconhecerem seu lugar de fala, são manobradas como gado nos pastos simbólicos dos grandes latifundiários. O que outro poeta, Zé Ramalho, brada: "O povo foge da ignorância apesar de viver tão perto dela. E sonham com melhores tempos livres, contemplam esta vida numa cela". Hoje, posso afirmar que a cela, que não foi a mesma pensada por Zé, não são necessariamente as mídias sociais, mas as ideologias que estão por trás delas", enfatiza.

Valdir Lima é do entendimento que toda relação é de poder, seja esse poder qual for. E todo poder

é político. Há em qualquer sociedade uma organização hierárquica onde os grupos dominantes precisam controlar os dominados para assim permanecerem no poder. Segundo o historiador, essa repressão foi mudando a roupagem durante a história e hoje ela se apropriou das tecnologias, da internet, das mídias sociais, das artes em geral para alienar as massas. "Alienar é deixar alheio à... quem governa os países, estados, cidades, empresas, instituições, sendo em governos democráticos onde a força bruta não pode ser exercida pelo Estado, é preciso que crie estratégias de manipulação para que as pessoas exploradas não se sintam assim, para que sonhem em um dia poderem ser elas as exploradoras, como diz o mestre maior da educação, Paulo Freire, no livro 'Pedagogia do Oprimido'", finaliza.

/// Paulo Freire é universal e sempre atual enquanto houver injustiças sociais. É a educação proletária que liberta. (...) É o ícone da luta ideológica por meio de uma educação que liberta e isso assusta alguns políticos ///

Valdir Lima



Foto: Arquivo Pessoal

Explicando a origem das ideias

A palavra ideologia, em si, foi meio que criada e inventada no século XVIII por um sujeito chamado Destutt de Tracy. Para o filósofo francês, que cunhou a palavra, ideologia seria uma ciência dentro do ramo da Ciência da Natureza, ou seja, das ciências naturais, que teria como objetivo tentar entender e explicar a origem das ideias.

O professor Edvaldo Alves explica que o primeiro significado que ideologia recebe é esse, de uma ciência que busca entender como as ideias são criadas. Essa concepção teria uma influência muito grande do positivismo. O modelo que inicialmente foi criado pelas Ciências da Natureza, depois seria incorporado pelas Ciências Sociais para explicar os fenômenos sociais.

"As ideias teriam uma explicação a partir dos elementos fisiológicos e sua interação com o meio ambiente basicamente. Só que esses sujeitos entraram em conflitos à época com Napoleão e, deste conflito, o mesmo os denominou como ideólogos, com o sentido pejorativo, que não seriam mais aqueles sujeitos que estudam a origem das ideias,



mas seriam sujeitos com ideias deslocadas da realidade. Esses sujeitos foram perseguidos, porque faziam uma crítica a Napoleão que na época tinha se autoconsagrado imperador da França", relata.

O cientista social revela que esse sentido de ideias deslocadas da realidade passou a ser um sentido meio que dominante, e Karl Marx irá se apropriar dele, numa obra para o ajuste de contas com

todo pensamento anterior ao dele, que ele sintetiza, junto com Friedrich Engels, na Ideologia Alemã, que não foi publicada na época, já que Marx disse que não precisaria, porque o objetivo da obra tinha sido alcançado, que era ele acertar as contas com o pensamento filosófico anterior e propor as bases de uma nova forma de pensar, que seria o materialismo histórico.

"Nessa obra, Marx lança um

conceito de ideologia, embrionariamente, evidentemente, porque ele nunca o desenvolveu, assim como um conceito de estado que estaria ligado ao de ideologia. O que seria ideologia nesse sentido? Seria um conjunto de ideias que apreendem a realidade de forma invertida. Não seria falso, porque ela é produto da própria realidade, mesmo que essa realidade em si aparecesse para as pessoas como invertida, mas ela cumpriria uma função. E qual seria a função da ideologia? Seria a justificação e a legitimação da realidade tal qual ela existe. Então, a ideologia seria um conhecimento que ao propor uma representação da realidade apresenta essa realidade como sendo uma realidade única, legítima, e justificada a partir de determinados meios", detalha.

Edvaldo ilustra sua análise sobre ideologia, no sentido marxista, com um exemplo atual, e explica

que aqui no Brasil hoje se fala em ideologia do empreendedorismo. "A solução para o problema do desemprego no Brasil é você ser empreendedor. Quer dizer, isso é uma realidade invertida do problema, já que o desemprego é uma questão social. O desemprego não é um problema individual. A condição de desempregado de cada um é algo individual, mas o desemprego em si, enquanto taxa, índice, é um fenômeno econômico político e social que só se resolve com políticas de estado e não individualmente".

Segundo o cientista social, o discurso ideológico, nessa perspectiva, tem o poder de engessar a realidade e de torná-la natural. "Um discurso que inverte a relação entre causa e efeito dos problemas sociais e apresenta a realidade como sendo possível de ser modificada pelo sujeito histórico, ou seja, o mundo está aí, você tem que se adequar, sempre foi assim e assim será. Bom, cabe a você se adequar e se não se adequar a culpa é sua, o que também é uma questão de um discurso ideológico, ou seja, a ideologia também tem o poder de naturalizar a realidade, ela desistoriciza aquilo que é histórico", completa.



Um dos elementos presentes na política

Vida em movimento em contraponto ao conservadorismo, destruindo o que está instituído e trazendo o novo

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A palavra política pode ser definida como uma ação de um grupo de pessoas que governa em benefício de uma coletividade. Segundo o pesquisador, observador político e professor adjunto do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Luciano Nascimento, esse conceito surgiu na Grécia, na época em que o país estava dividido em pólis (cidades-estados).

Considerando esse propósito original, a política, para ele, é uma das invenções mais nobres do ser humano. “Sua estrutura não é dual, mas coletiva. A política surgiu, há alguns séculos na Grécia, com a finalidade de construir o bem comum”, afirma. Vale fazer aqui uma ressalva: atualmente, estamos distantes do intuito protetor desses precursores.

E um dos elementos presentes na política, seja de outrora ou da atualidade, é a ideologia. Um dos principais marcos dessa ideia ideológica ocorre na Revolução Francesa, quando são formados os princípios liberais na formação



Ilustrações: Reprodução

de uma sociedade moderna, no século XVIII. A partir daí, aparecem os que desejavam transformar a sociedade (liberais) e no lado oposto, os que defendiam a preservação do status quo, ou seja, a manutenção da estrutura social,

sem qualquer alteração.

Essa dualidade, segundo Nascimento, foi a base das ideologias políticas de esquerda e de direita. “Quem era de esquerda entendia que a vida é movimento, progresso, e esse movimento destrói o que está

instituído e traz o novo. E isso era rejeitado pelo outro lado da mesa, os conservadores, que resistiam às transformações, porque isso representava a mudança do poder”.

Desde então, essas visões de “mundo” se tornaram uma grande

luta. Mas, conforme o professor Nascimento, a ideologia política fica mais evidenciada no século XIX, quando surgem os partidos políticos. Esses partidos se erguem com a participação das mobilizações sociais, da insatisfação do povo diante de algum aspecto da vida, principalmente com relação aos direitos trabalhistas.

“Ninguém queria mais passar dezesseis horas por dia trabalhando, sem nenhum lazer ou convivência com a família. Então, reivindicavam melhorias para suas vidas. Quando surgiram os partidos políticos, essas pessoas eram tachadas como de ‘esquerda’, porque representavam a vontade de mudança”, enfocou o professor. Já os que adotavam a postura de que o poder pertencia a determinado grupo, e que isso deveria permanecer, deram início aos partidos de direita.

Essa ideia, cujo berço foi a Europa, se espalhou por todo o mundo ocidental. No Brasil e em outros países da América, uma representatividade clara desses grupos opositores era observada entre os escravocratas (escravagistas) e os integrantes do abolicionismo.

Posição politizada

Forma do ser humano se representar no mundo

“Em todos os momentos, em todas as situações cotidianas, de certa forma, estamos nos posicionando politicamente, afinal, tudo é política”. A afirmação é do historiador Jonas Duarte, que explica a ideologia como a forma como cada ser humano percebe e se representa no mundo.

E dentro da política, ela se reflete de várias formas. “Do estágio mais urgente, por direitos imediatos, pessoais, até um estágio mais avançado de estruturação ideológica: o partido político”, explica, e acrescenta. “O partido deveria ser o estágio mais acabado, mais organizado das diversas ideologias. É através dos partidos que se disputa ideologicamente a sociedade”.

A disputa partidária, segundo ele, deveria se basear no convencimento, em ações e discursos que conquistassem a população. Mas, na prática, o estado se apresenta como um ente a serviço dos setores hegemônicos, que ocupa uma posição de destaque na hierarquia social. “A

ideologia que domina a sociedade é, inevitavelmente, a ideologia dos setores dominantes da economia, da política e da área social”.

Para se atingir a missão de convencer ou dissuadir o povo, são adotadas estratégias que vão desde a capacidade de oratória, carisma, simpatia, empatia, até o poder econômico, religioso e o uso das fake news. “Existe ainda a ideologia que convence por si mesmo, pelo idealismo, às vezes progressista, em outros momentos conservadores”, completou Duarte.

Para o doutor em Antropologia e Sociologia do Político, pela Université Paris VIII, Alder Júlio Ferreira Calado, a prática ideológica baseada no convencimento da classe dominante sobre os demais segmentos da sociedade tem fundamento na formulação marxista. Nesse caso, o papel fundamental da ideologia é a dominação de classe, por meio do falseamento da realidade.

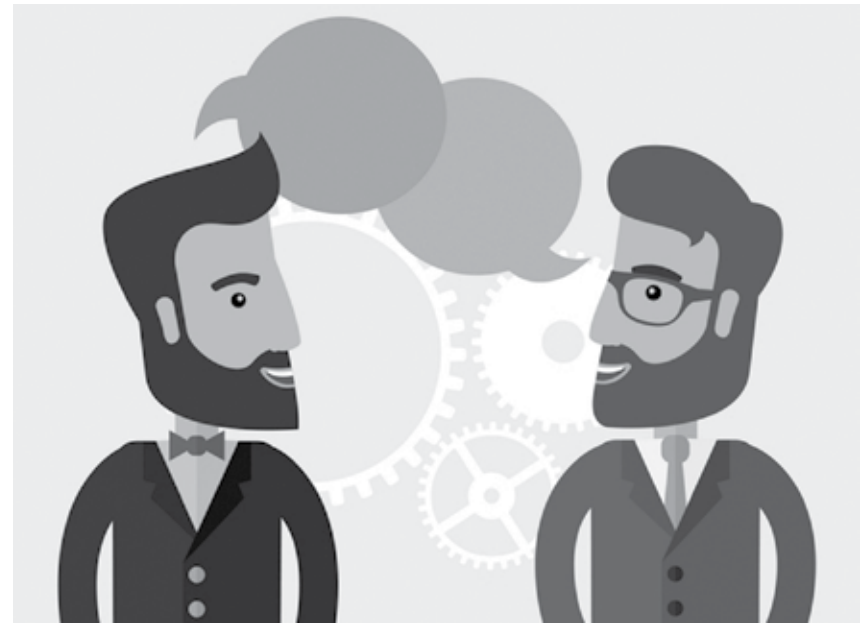
E para se atingir os objetivos, os autores dessa ideologia política

dispõem de gigantescas agências de notícias, atuando em escala internacional com a finalidade de selecionar o que consideram os principais fatos e acontecimentos do dia, para difundi-los em massa.

Todo esse aparato serve para atender, sobretudo, às versões e imagens que criam, de acordo com seus interesses de classe. “Fazendo passar a imensas parcelas de radiouvintes, telespectadores, leitores e internautas, destituídos de um processo formativo consistente de sua consciência crítica, a ideia de que a ‘verdade’ é o que aparece nesses veículos”, afirmou Alder Calado.

Para o sociólogo, não se deve avaliar esta força ideológica política sobre as massas, como uma fatalidade, como um determinismo. Uma das formas de discernir o que realmente está por traz da cortina de discursos falseados é a visão crítica do mundo.

Através da educação, do preparo acadêmico, da atenção dispensada às movimentações polí-



ticas, da atualização contínua dos fatos do cotidiano e da adoção de uma postura de “questionador” e não apenas “receptor” do mundo, é possível se blindar contra o poder de convencimento exercido sobre o povo. “Daí o compromisso daqueles e daquelas que se enten-

dem historicamente vocacionados a um combate contínuo contra essa ordem de coisas, chamados a zelar cotidianamente, seja pelo seu modo organizativo, seja pelo seu processo formativo, seja pelo compromisso de luta contra essa barbárie”, declarou Calado.

+ Existe ideologia política no Brasil hoje em dia?

“No caso específico da sociedade brasileira, ocorre uma situação de aprofundamento progressivo do poder ideológico sobre parcelas imensas de nossa sociedade. Considerando o número enorme de crianças e jovens e mesmo adultos excluídos das condições mínimas de sobrevivência, de escolaridade, o resultado não poderia ser diferente. Tornam-se, em sua imensa maioria, presas fáceis da ideologia governamental e do mercado capitalista, passando a introjetar e a reeditar suas ideias e seus valores, suas crenças, nas relações do cotidiano”
Alder Júlio Ferreira Calado



Foto: Divulgação

“Sempre existiu ideologia política no Brasil. O que há hoje é um acirramento ideológico em função da crise estrutural do sistema capitalista em que estamos inseridos. O antagonismo entre ideologia de esquerda e direita atingiu o ápice”
Jonas Duarte



Foto: Divulgação

“Na política brasileira faz tempo que só existem apenas duas ideologias: situação e oposição. Quem está na situação não quer ir para a oposição, e o sonho de quem está na oposição é se tornar situação. O que significa dizer que essas duas ideologias se resumem a uma: o exercício do poder. Todos querem estar no poder”
Luciano Nascimento



Foto: Divulgação

IDEOLOGIA: todos têm uma para viver?



Quando se afirma algo, há interesses em foco, visões de mundo, orientações religiosas, de classe econômica...

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Ideologia, o que dizer de algo tão presente na vida de todos e ao mesmo tempo etéreo quando tentamos materializá-la em palavras? O que é, como se forma ao longo da nossa existência, em que área se destaca, onde encontrá-la... Tudo isso encontra resposta nas vozes dos sociólogos. A ideologia é um norteador que ajuda o ser humano a trilhar sua jornada ou um falseador da realidade?

Na verdade, ela pode assumir as duas funções. A doutora em Sociologia e professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) Jeane de Freitas Azevedo afirma que do ponto de vista sociológico, o termo se refere a uma forma de explicação do real, um sistema de ideias pre-

definidas, a partir das quais analisamos a realidade em que vivemos. "É um conjunto de ideias sobre a estrutura da sociedade, sobre as forças que agem nela, sobre as origens dos conflitos que estão presentes, assim como as formas de resoluções desses conflitos", frisou.

E para explicar essa realidade, essa visão de mundo, há sempre uma dimensão de poder. Jeane Freitas conta que a ideologia, segundo a filósofa Hanna Arendt (que escreveu sobre o totalitarismo alemão), apresenta características indissociáveis do totalitarismo. "De um lado, ela pretende ser a explicação única dos eventos. Por outro, se apresenta como algo infalsificável", declarou Freitas.

Diante da não neutralidade do discurso ideológico, o doutor em sociologia e professor de Teoria Antropológica da Universidade

Estadual da Paraíba (UEPB) José Luciano Albino Barbosa acrescenta que, sempre que afirmamos algo, há interesses em foco, visões de mundo, orientações religiosas, de classe econômica e referências éticas e estéticas. "Logo, nunca é possível afirmar que temos posturas objetivas e plenas do que seria a verdade. Todo discurso diz respeito à tomada de posição, sendo, assim, ideológico", afirmou Albino, que também é pró-reitor de Planejamento e Orçamento da UEPB.

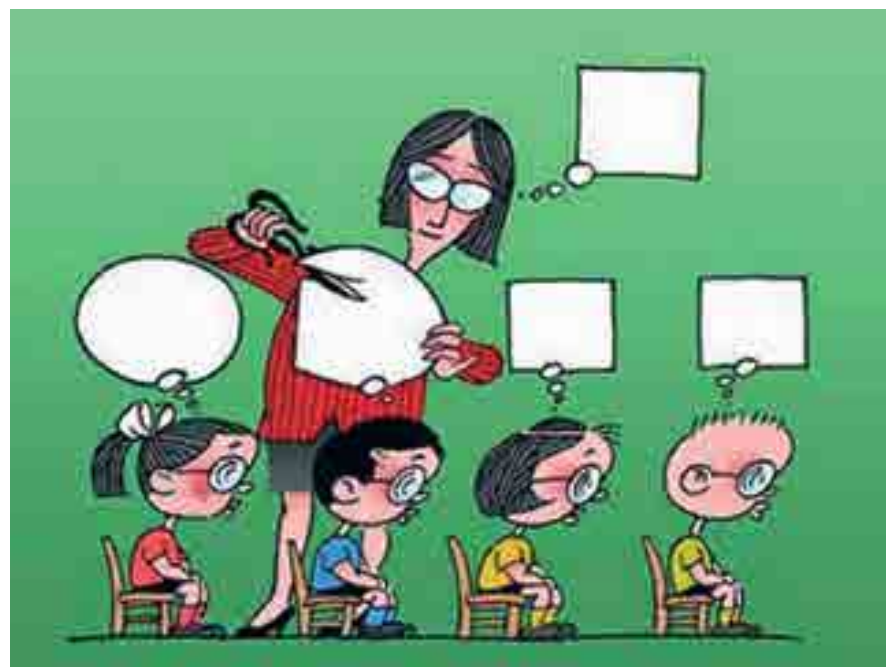
Nesse caso, segundo ele, ser cristão, ateu, muçulmano, capitalista, comunista, liberal, conservador, por exemplo, consiste em assumir visões e defesas argumentativas que orientam indivíduos e grupos na tomada de decisões. "É nesta perspectiva que Cazuza cantava 'Ideologia, eu quero uma pra viver'", completa.

/// Logo, nunca é possível afirmar que temos posturas objetivas e plenas do que seria a verdade. Todo discurso diz respeito à tomada de posição, sendo, assim, ideológico ///

José Luciano Albino Barbosa



Foto: Roberto Guedes



A busca permanente por um pensamento autêntico

Mesmo estando presente na sociedade mesmo antes de nascermos, a força da ideologia social sobre a vida do indivíduo não deve ser, obrigatoriamente, aceita passivamente. Isso porque há posições e condutas que concordamos e outras que não. O doutor em sociologia e professor de Teoria Antropológica da UEPB José Luciano Albino Barbosa faz uma ressalva e afirma que as posições ideológicas dominantes não podem ser definidas como boas ou más, mas significam uma visão de mundo hegemônica.

Diante dessas influências que também chegam aos lares fortemente através das mídias do mundo atual, há os que reproduzem esses valores e há os que enfrentam. "Esses são chamados revolucionários ou críticos", reforçou Albino. E para se ter essa conduta resiliente diante do mundo, é necessário se revestir de um espírito transformador.

Nesse sentido é preciso, inclusive, saber questionar. Um exemplo citado pelo professor Luciano Albino é com relação ao processo de aprendizagem. "Não devemos exigir, apenas, mais educação. Mas, sim, questionarmos: 'que educação' precisamos?". Nesse caso, a qualidade vale tanto quanto a quantidade. "Em casa, nas igrejas, nas escolas, entre os vizinhos, en-

fim, em todo lugar, devemos investir em novas formas de sociabilidade", completou Albino.

A formação de um pensamento crítico não é, porém, uma missão fácil. A doutora em sociologia e professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) Jeane de Freitas Azevedo ressalta que "a busca por um pensamento autêntico sem interferência é algo que todos querem ter, mas a ideologia é como óculos que usamos para poder ver as coisas. Ela não é algo imposto para nós, porém, é um relacionamento espontâneo com o mundo. Por isso, sair dela é uma experiência muito difícil e dolorosa, porque é uma luta contra nós mesmos".

Uma das principais saídas para ampliar esse horizonte é, primeiramente, refletirmos se o que defendemos faz parte realmente de nossas crenças ou fomos contaminados por algo que nem ao certo conhecemos.

Outro passo importante é o empenho pela pluralidade de ideias, ou seja, tentar conhecer as diferentes visões de mundo através de pesquisas e nas relações interpessoais com povos de culturas diferentes. "Evitando fazer uma leitura moral do que pensa o outro. Esse é o caminho que temos de traçar para podermos perseguir este ideal de vida social justa e pacífica", destacou Freitas.

Explicar a realidade

Um ideário com o objetivo de nortear as ações dos indivíduos

Considerando que a ideologia é um conjunto de ideias que busca explicar a realidade e, assim, as transformações sociais, ela pode ser também um ideário, que tem o objetivo de nortear as ações dos indivíduos. Cada pessoa, independentemente do papel que assume na sociedade, transita por um universo vasto e variado de explicações sobre o mundo: nas diferentes igrejas, partidos políticos, na ciência, escola, trabalho, dentre outros domínios da convivência em grupo.

Para encontrar a própria "estrada", a socióloga e professora Jeane Freitas explica que a ideologia é tida como um guia, uma espécie de "manual" de ação no mundo. "A ideologia oferece uma estrada sinalizada. Diante de uma miríade de comportamentos possíveis que poderíamos adotar, ela orienta as ações das pessoas em seu cotidiano, é um mediador necessário entre os indivíduos e o mundo", afirmou.

O outro lado da moeda

Por outro lado, a ideologia, em toda sua complexidade, vai

além do seu aspecto norteador, mas pode se apresentar como um mascaramento da realidade, ocultando as contradições da vida em sociedade. É o outro lado da moeda.

Jeane de Freitas ressalta que, nesse aspecto, ela serve para ocultar as contradições da vida em sociedade. "É importante considerar que uma ideologia dominante é difusa e se torna onipresente e por isso ela se torna invisível para aquelas pessoas que a seguem, até porque a ideologia modela a forma de ver o mundo".

Para exemplificar esta afirmação, Jeane de Freitas conta a história de uma amiga iraniana que havia migrado para Paris com a finalidade de estudar as práticas adotadas pelas mulheres da França, seus costumes e ações do dia a dia. "Ela me falava sobre sua dificuldade de explicar para os franceses que as mulheres iranianas não são submissas, porque não são obrigadas a, por exemplo, cuidar da casa e cozinhar como as ocidentais. A única obrigação que as mulheres iranianas têm, dizia

ela, é a sexual: elas não podem recusar a seu marido o ato sexual", declarou Jeane.

Ou seja, para as mulheres iranianas, essa obrigação sexual não era vista como submissão, mas sim o fato das ocidentais cuidarem do lar e dos filhos. Ao analisar a postura da amiga, a socióloga levanta as seguintes questões. "Ora, nós, 'ocidentais', também vemos que as obrigações femininas com o lar é algo natural e não há nada de estranho. Qual dos discursos são ideológicos? Qual das mulheres em questão são submissas?", perguntou Freitas. Neste caso, as duas culturas já estavam tão enraizadas na vida das francesas e iranianas que, analisadas individualmente, cada uma se enxergava como representante da "normalidade" e da "naturalidade".

O sociólogo José Luciano Albino Barbosa destaca que falar de ideologia também significa dizer que, para além das formas visíveis de controle como a política e o conjunto de leis e obrigações atribuídas para todas as pessoas, há um poder que orienta, reprime, corrige, gratifica, enfim, socializa cada pessoa a se comportar com concordância com o contexto histórico, dominante em vigor.

"Desde a maneira como sentamos à mesa, ao processo educacional, ao padrão familiar, religioso e sexual, tudo está, de alguma forma, definido segundo tais referências ideológicas. Em resumo, a ideologia estabelece nossa forma de viver no mundo segundo o que se entende como homem e mulher de bem, aceito por todos. A ideologia é o que mantém a sociedade disciplinada sem que seja preciso para isto o uso da força física", salientou Albino.

/// A busca por um pensamento autêntico sem interferência é algo que todos querem ter, mas a ideologia é como óculos que usamos para poder ver as coisas. Ela não é algo imposto para nós, porém, é um relacionamento espontâneo com o mundo. Por isso, sair dela é uma experiência muito difícil e dolorosa, porque é uma luta contra nós mesmos ///

Jeane de Freitas Azevedo



Foto: Divulgação